

Despojos de Uma Tragédia

Friedrich Nietzsche

R. Sylvio Rebelo, n.º 15
1000 Lisboa - Tel. 847 07 75

Titulo. Despojos de Uma Tragédia

Autor: Friedrich Nietzsche

Tradutor Ferreira da Costa

Capa: Fernando Mateus

Relógio D'Água

Impressão: Arco-Íris, Artes Gráficas, Lda.

Depósito Legal n.º 48 802/91

1.ª edição: Editora Educação-Nacional, Lda., 1944

Despojos de Uma Tragédia

Interiores



A SUA MÃE E A SUA IRMÃ

Pforta, Setembro -1863

Creio que esperavam estas linhas, já que me foi impossível ir hoje reunir-me convosco. Durante estes dias, nada me sucedeu, a despeito de esperar que viesse ao meu encontro, no decurso da semana passada, um dos mais curiosos e agradáveis acontecimentos. Mas os dias decorreram lentamente, e apenas me trouxeram uma carta pela qual vi que ambas continuam a recordar-se de mim e de que a minha roupa branca devia estar imunda, o que saiu singularmente acertado.

Portanto, seguem, agora, estas linhas, para que me saibam vivo, tendo à minha volta respeitável quantidade de livros, formando barreiras das quais não posso pensar em sair antes de sábado próximo. Sinto-me, por vezes, alegre, e outras de mau humor. Sucodem-me tantas coisas boas e prazenteiras como desagradáveis. Mas o relógio está em marcha, e não interrompe o seu tic-tac, quer pouse nele uma mosca, quer cante um rouxinol a seu lado.

Certo é que o Outono, com sua expressão de velhice, fez fugir os rouxinóis e provocou resfriamentos às moscas. Gosto muito do Outono, se bem que sinto o que transcorre mais pela recordação dos outros, e pelas minhas poesias, do que por ex-

7

periência própria. Mas o ar tem transparências cristalinas. Da terra, a visão do céu torna-se de tal modo aguda que o Universo parece nu ante os nossos olhos.

Quando me deixam pensar no que desejo, procuro palavras para melodias íntimas, e melodias para palavras íntimas. Afinal, ao juntar as duas coisas, ambas minhas, vejo que não se harmonizam, a despeito de serem produtos da mesma alma. Enfim, é este o meu destino!

Já começam a emigrar as andorinhas, desferindo seu voo para o sul. Cantamos em tom sentimental a sua partida, e erguemos os copos. Há alguns que limpam no nariz os sinais da emoção, ao recordarem o aviso do postilhão: - “Vais fazer trinta anos!”¹

É a isto que chamamos presentemente mudar de vida. . . Al-

guns dos que já obtiveram o seu título 2 imaginam, agora, a existência, como um pastel do qual tragaram o pedaço mais pequeno e amargo. Cheios de energia, e com sólida preparação, dispõem-se a comer o maior e mais doce bocado. Mas a verdade é que só lhes resta um pedacito estragado e duro, que se chama experiência vital, e que nem aos cães poderemos oferecer. Isto, talvez por já ter custado a perda de alguns dentes.

Até aqui, o prólogo da minha carta cheio de verdade e de poesia. Agora, eis o principal, que consiste no seguinte: 1." - Recordo-me constantemente de ambas. 2." - Sinto a falta de lenços, pois nada mais faço do que espirrar. 3" - Necessito imprescindivelmente do seguinte:

Schumann - Fantasias - dois cadernos.

Schumann - Cenas infantis - um idem.

Volkman - Visegrad.

Rogo-te, Isabel, que me compres tudo isto e mo envies na terça-feira. Destina-se à senhora Anna Rebdel, a quem o prometi. Faze-me este favor!

Fritz.

O qual espera ver-vos, na quinta-feira, em Almrich. Quinta-feira é o dia da partida dos nossos bacharéis. Felicidades.

II

A SUA MÃE E A SUA IRMÃ

Bona, dias antes do Natal -1864

Queridas mamã e Isabel:

Desejo que o embrulho que vai junto só seja aberto na própria noite de Natal, para que ambas tenham uma surpresa, ou talvez um desencanto. Acreditai que vos ofereço o melhor que me é possível fazer, se bem que não seja muito, e que, ao empregar nesta pequena obra 3 toda a minha aplicação, pensei em vós, desejando estar ao vosso lado no momento em que ela vos proporcionasse alguma alegria.

“Estes aprazíveis pensamentos tornam de tal modo leve o meu trabalho que nunca estou tão ocioso como quando a ele me dedico.”

Isto é dito por Shakespeare na Tempestade. A mim, sucede outro tanto. Trabalho ocioso e ociosidade cheia de trabalho.

O que melhor podia enviar-vos como presente de Natal deveria ser algo que, sendo genuinamente meu, pudesse representar-me na vossa festa familiar. Por tal razão, coloquei no frontispício da obrazinha a imagem do meu actual aspecto exterior. Assim, tomá-la-eis nas vossas mãos com maior prazer, e talvez com maior assiduidade.

Já deveis ter observado que falo dela com certa vaidade.

Mas, se não vos agradar, divulgarei que, afinal, não atingiu o seu objectivo. Se aí tiverdes uma árvore de Natal, a minha obrazinha fará mais solene aparição, sob o fulgor das luzes. Nessa noite, pensarei intensamente em ambas, e ambas pensareis certamente em mim.

O meu quarto é muito cómodo; penso passar aqui agradavelmente a noite de Natal. Também nós teremos, na cervejaria, a nossa pequena árvore, e também trocaremos presentes. Mas isto não será mais do que imitação do costume doméstico, visto

que lhe faltará o mais importante: o ambiente familiar.

Em Bona, apenas ficaram alguns estudantes. Voaram todos os que tinham asas. Deussen saiu ontem, de rumo à sua casa, carregado com livros e uma velha mala. Guilherme e Gustavo foram certamente para Naumburg. Tratem de convencê-los a passarem por Bona, na viagem de regresso, e de prevenirem-me, se resolverem fazê-lo. Podeis pedir a Gustavo que vos faça um pouco de música. Acederá com prazer.

Ainda vos lembrais de como passámos bem as noites de Natal anteriores, reunidos em Gorenzen? Não vos disse eu, nessa altura, que daí a um ano já não estaríamos juntos? Cumpriu-se o que previ. Lembro-me com prazer de Gorenzen - a nossa casa e toda a povoação cobertas de neve, as cerimónias nocturnas, a plenitude das melodias que havia no meu cérebro, o tio óscar, a le de almiscareiro, a boda, eu em rou ão, o frio e muitas outras coisas divertidas ou sérias. 5 Tudo isto se unia para formar um ambiente agradabilíssimo. Quando toco a minha Noite de S. Silvestre, ouço nas suas notas a expressão da nossa disposição de ânimo naquelas horas.

Também assim ouvireis, nas minhas últimas composições os estados de espírito porque tenho passado neste semestre. Têm sido muito diferentes. Alegro-me que a minha alma tenha maior e mais frequente impulso lírico do que anteriormente. A fotografia apresenta-me no momento em que estava no trabalho

da composição, e creio que, por este motivo, ficou melhor do que as anteriores. Realmente, naquele instante, pensava e senúa alguma coisa.

E, por hoje, adeus! Gozai a doce festa e pensai sempre em mim, sobretudo na noite que vamos celebrar. Fazei chegar aos seus destinos as cartas que incluo.

Cumprimentos a todos.

Adeus. Felicidades.

'P

III

AO BARÃO DE GERSDORFF

Bona, 25 de Maio de 1865

Querido Amigo:

Primeiramente, quero confessar-te que desejava com vee-mência receber a primeira carta que me enviasses de Gottingen. Essa carta tinha para mim, além do factor amistososo, um interesse de carácter psicológico, pois esperava que reflectisse a impressão causada no teu espírito pela vida da “Sociedade dos Estudantes. , 6 E estava certo de que me darias a tua opinião sobre ela, com absoluta sinceridade.

Assim fizeste. Recebe, por isso, o meu agradecimento mais cordial. Se, conforme dizes, compartilhas, agora, da opinião de teu irmão, a respeito das sociedades de estudantes, só me resta admirar a força moral com que, para aprender a nadar na corrente da vida, te lançaste em água turva, quase pantanosa, e dentro dela fazes exercícios. Perdoa a dureza da imagem, mas creio que é acertada.

No entanto, há alguma coisa de verdadeira importância nesta questão. Aquele que, sendo estudante, queira conhecer a sua época e o seu povo, tem necessariamente de entrar numa das sociedades. Estas e as suas várias orientações, permitir-lhe-ão

determinar, com a maior exactidão possível, o tipo de homem da sua geração. Acresce que as interrogações sobre a possibilidade de uma nova organização das relações académicas são suficientemente apaixonantes para levar o indivíduo a conhecer e a julgar do seu estado, por ele próprio.

Ora bem; ao tentar esta experiência pessoal, é preciso tomar a precaução de não ser influenciado pelo ambiente em que se entra. O hábito é uma força monstruosa. Perdemos muito, ao perder a indignação moral contra qualquer coisa nociva que suceda diariamente à nossa volta (por exemplo beber em excesso, a embriaguez), e também quanto ao desprezo, ao escárnio dos outros homens, e outras opiniões.

Reconheço que também sobre mim se acumularam, até certo ponto, experiências iguais à tua; que me desgostou frequentemente a forma de camaradagem das nossas reuniões nocturnas no café; que me era quase impossível suportar o convívio de certos indivíduos, dado o seu grosseiro materialismo, e que, para maior desgosto, escutava a inaudita insuficiência com que se emitiam juízos sobre homens e opiniões em “massa”. Apesar de tudo, foi com prazer que permaneci na sociedade. Aprendia muitas coisas e não podia deixar de reconhecer, dentro dela, certa vida espiritual. De qualquer modo, constitui necessidade o contacto estreito com um ou dois amigos; desde que os tenhamos, podemos considerar os outros como uma espécie de condimento. Uns servem de sal e pimenta; os outros de açúcar; outros, de nada.

De novo te asseguro que as tuas lutas e as tuas inquietações apenas podem aumentar o meu carinho e a minha estima por d.

Li, com vivo prazer, as ideias que me comunicas, acerca da tua vocação. Creio que isso concorrerá para estreitar ainda mais a nossa amizade. Não tenho a mais ligeira opinião sobre o “jus”. “ Para o teu caso, sei que tens tendência para o estudo da língua e da literatura alemãs, e creio que dispões de aptidão para tanto, visto que possuis o mais importante, isto é, a vontade suficiente para estudar até dominar a matéria e todos os trabalhos de importância, escritos sobre ela, embora nem sempre sejam interessantes. Para esse estudo, recebemos, em Pforta, boa preparação geral e temos um excelente exemplo em Koberstein, que o nosso sábio professor Springer considera um dos mais categorizados historiadores da nossa época.

Em Leipzig, encontrarás Curtius, muito sabedor no estudo

de idiomas comparados; Zarncke, cuja edição dos Nibelungos conheço e admiro; o vaidoso Minckwitz; Flathe, o esteta, e o economista Roscher, s a quem naturalmente irás escutar.

Conforme deves ter lido nos jornais, há grandes possibilidades de que, quando chegues ali, encontres o nosso grande Ritschl. Todos eles tornam a Faculdade de Filologia de Leipzig a mais importante da Alemanha. E ainda te direi mais coisas agradáveis: quando me escreveste, a dizer da tua decisão de ir para Leipzig, tomei idêntica resolução. Desta forma, voltaremos a reunir-nos. Depois de tomada esta atitude, soube da partida de Ritschl, coisa que concorreu para tornar definitivo o meu projecto de ingressar o mais depressa possível no Seminário filológico daquela cidade e trabalhar com vontade. Além disto, poderemos ali gozar largamente de teatro e de música. Possivelmente, e apesar de tudo, continuarei a ser um camelo.

Aqui, em Bona, continua a haver a maior excitação, prosseguem as inimizades, por causa da polémica entre Jahn e Ritschl. 9 Estou inteiramente de acordo com Jahn, e sinto ter de o abandonar até 29 de Setembro. É um homem extraordinariamente amável. Entreguei, há tempos, a minha dissertação sobre o Cântico a Danae, de Simónides, e obtive um lugar no Seminário. Calcula que mais três alunos do Colégio de Pforta obtiveram igual posição, a despeito de as vagas serem apenas quatro. Foram eles: Hauspalter, Michael e Stedtefeld. Foi um grande triunfo para o velho Colégio. No dia da festa escolar, aqueles dirigiram um telegrama aos professores, e receberam uma resposta amigável. Suponho que já sabes que Grafe, Bo-

denstein e Lauer in 'essaram na Sociedade Francónia.

Durante este semestre, terei de fazer, primeiramente, um trabalho arqueológico para o Seminário, e depois outro, de maior importância, sobre os poetas políticos alemães, destinado ao serão científico da nossa sociedade. A preparação deste último proporcionar-me-á o conhecimento de muitas coisas, além de me obrigar a ler imenso e a reunir muitíssimo material. Antes de tudo, tenho de dedicar-me a um grande trabalho filológico, cujo tema ainda não escolhi, e que destino a tentar a entrada no Seminário de L, ipzig.

Em segundo plano, ocuPa-me uma Vida de Beethoven, seguindo a obra de Marx. É possível que recomece a compor música, o que, durante este ano, tenho evitado cuidadosamente. Também não faço versos. No Pentecostes, haverá em Colónia a festa musical renana. Deves vir. Nos programas figuram Israel no Egito, de Haendel; O Fausto, de Schumann; As Estações, de Haydn, e muitas outras coisas. Eu serei um dos executantes. Depois, haverá a inauguração da Exposição Internacional. Para mais pormenores lê os jornais.

A terminar, dir-te-ei que me alegrou o facto de teres lido As Naturezas Problemáticas. É de lamentar que Spielhagen não apresente progressos, na sua última novela A de Hohenstein. Nesta converte-se nitidamente em ódio a inimizade contra a nobreza, inimizade que demonstrou em As Naturezas Problemáticas. Estou enervado por causa da pena e do papel. As quatro últimas páginas foram escritas sem a menor comodidade; portanto, referir-te-ei, secamente, alguns assuntos mais.

Admirei vários capítulos de As Naturezas Problemáticas. Têm realmente um vigor e uma plasticidade goethianas. Os primeiros são magistrais. Conheces também a continuação, ou seja, A Caminho da Luz, através da Noite? A parte mais fraca é o processo romântico da inter enção dos ciganos.

Leste O Manuscrito Perdido, de Freytag? Espero, durante este Verão, travar conhecimento com Spielhagen. lo)

Felicidades, amigo, e recorda-te de mim com estima. Agrade-me pensar que em breve nos encontraremos. Desejo-te alegria e bom humor, mas desejo, acima de tudo, que encontres um homem de quem possas aproximar-te. Perdoa esta insuportável caligrafia e o aborrecimento que te causa. Sabes como

me desespera e como corta o fio das minhas ideias o não poder escrever comodamente.

IV

A SUA IRMÃ

Bona, II de Junho de 1865

Querida Isabel:

Depois de uma carta tão amena e de tal modo impregnada de juvenil poesia feminina como aquela que recebi, seria ingrati-dão e injustiça demorar por mais tempo a resposta, especialmente hoje, que disponho de rico material para isso e que me é bastante agradável saborear no meu espírito as alegrias desfrutadas.

Creio poder admitir, em parte, o teu conceito de que o verdadeiro está sempre do lado mais difícil. Todavia, se é custoso compreender que 2×2 não sejam quatro, nem por ser difícil é mais verdadeiro.

Além disto, será de facto tão difícil aceitar em nós aquilo em que fomos educados, tudo quanto foi lançado, pouco a pouco, fundas raízes - aquilo que é considerado verdadeiro, no círculo familiar e no de muita gente boa, e que, de resto, reconforta e eleva os homens? Julgas tu que aceitar tudo isto é mais difícil do que empreender novos caminhos na luta contra o hábito, na insegurança do caminhar independente, com frequentes hesitações do espírito e até da consciência, desconsolado, por

18

vezes, mas sempre buscando o verdadeiro, o belo e o bondoso?

O que se deseja será, porventura, encontrar a concepção do Universo, de Deus e da Redenção, mais cómoda para cada um de nós? E, para o verdadeiro investigador, não será o resultado da sua investigação algo diferente disto? Procuramos tranquilidade, paz e ventura? Não; procuramos apenas a verdade, mesmo que ela seja homvel e repelente.

Uma última pergunta: Se, desde a infância, houvéssemos acreditado que toda a saúde espiritual nos vinha de uma entidade diferente de Jesus - de Maomé, por exemplo - não seria certo que participaríamos das mesmas graças? Só a fé salva, e não o objectivo escondido por trás de uma crença. Escrevo isto para responder à comum objecção dos crentes, os quais se baseiam nas suas experiências anteriores, para demonstrar a infalibilidade da sua fé. Toda a fé verdadeira é sempre infalível; dá o que o crente espera encontrar nela, mas não oferece o mais insignificante ponto de apoio para fundar uma verdade objectiva. Neste ponto, dividem-se os caminhos dos homens. Queres paz espiritual e felicidade? Crê! Queres ser um apóstolo da verdade? Investiga! Entre estes dois extremos, há uma quantidade de pontos intermédios. Mas do que se trata é do objectivo capital. Perdoa-me esta explicação aborrecedora e nem por isso rica de ideias. Tu deves ter dito isto mesmo, com frequência e melhor do que eu.

AO BARÃO DE GERSDORFF

Naumburg, 7 de Abril de 1866

Querido Amigo:

Há horas de tranqüila contemplação, durante as quais nos sentimos situados num plano superior à nossa própria vida, envoltos numa mescla de dor e de alegria. Lembram-nos esses belos dias estivais que se estendem com serena amplitude sobre as colinas, e cuja descrição maravilhosa, feita por Emerson, indica ser neles que a Natureza atinge a sua perfeição. Esta contemplação liberta-nos do jugo da nossa vontade sempre vigilante, e converte-nos em espectadores puros e desinteressados. É neste estado de espírito - o mais desejável - que pego na pena para responder à tua carta, cheia de ideias e de amizade. Das nossas antigas preocupações, muitas já se desvaneceram, e delas apenas ficou um rasto minúsculo. Tornamos a ver como algumas palavras escritas, devidas talvez a um estado de ânimo ocasional, decidem a sorte de inúmeras pessoas. Deixemos, pois,, que os beatos cantem graças ao seu Deus, por tais gracejos. É possível que esta minha reflexão nos faça somr, quando nos encontrarmos em Leipzig.

Sob o ponto de vista do mais puro e estrito individualismo,
20

reconciliei-me com a ideia do serviço militar. Nestes últimos tempos, tenho desejado com maior frequência ver-me livre dos meus monótonos trabalhos, e anseio pelo contraste da vida agitada, tormentosa, rica de exaltações. Quanto mais me dedico aos meus estudos habituais, mais vejo, com progressiva nitidez, que este género de trabalhos não tolera improvisos. II) Durante esta férias, estudei muito - felativamente. O meu Theognis 12) avançou consideravelmente e encontrei elementos apodíticos que esclarecerão e aumentarão o valor das minhas Quaestiones Theognidaeae. Estou emparedado entre livros que me foram proporcionados pela amabilidade pouco vulgar de Corssen. Devo igualmente agradecimentos a Volkmann, que

muito me ajudou, principalmente nas questões relativas a Suidas, 13) assunto de que é um dos maiores conhecedores. Familiarizei-me tanto com este terreno que até já nele construí por conta própria, encontrando, há pouco, a prova dos motivos pelos quais o *Violarium* de Eudoxia 14) não tem Suidas como origem, mas retrocede à primitiva fonte de que este se serviu, um epítome de Hesichius Milesius (provavelmente perdido). O facto concede ao meu *Theognis* um resultado surpreendente, que te explicarei mais adiante. Além disto, espero por estes dias uma carta do Dr. Dilthey, de Berlim, discípulo de Ritschl, muito versado nos assunto sobre *Theognis*. Contei-lhe tudo francamente, sem ocultar-lhe os resultados obtidos, nem a marcha dos meus estudos. Espero que, após a minha chegada a Leipzig, poderei dedicar-me a redigir o meu trabalho, pois já reuni e quase ordenei o material necessário. Confesso, porém, que ainda não percebi porque lancei sobre os meus ombros esta faina que me afasta de mim próprio (e de Schopenhauer - o que é a mesma coisa), e cujo resultado me expõe às críticas das gentes, forçando-me, além disto, a afivelar em toda a parte a máscara de uma erudição que não possuo. Sempre perdemos qualquer coisa, ao dar-mo-nos ao público. Não deixei de sofrer alguns incómodos e atrasos. A Biblioteca de Berlim recusou-se

a facilitar-me as edições de Theognis dos séculos XVI e XVII. Por intermédio de Roscher, pedi à Biblioteca de Leipzig uma grande quantidade de obras que me eram muito necessárias, mas aquele escreveu-me sem demora, a dizer-me que a sua consciência não lhe consentia deixar sair das suas mãos livros pedidos em seu nome. Escrúpulo que nem sequer me ocorre censurar, mas que me incomodou bastante.

Três coisas me distraem e me permitem repousar da minha tarefa, embora sejam singulares distrações: o meu Schopenhauer, música de Schumann e passeios solitários. Ontem, o céu anunciava uma tempestade esplêndida. Subi a uma montanha próxima, chamada < Leusch" (talvez tu possas explicar-me este nome), e encontrei, lá em cima, um homem que, ajudado por seu filho, se preparava para matar dois cabritinhos. A tormenta rebentou com tremenda violência de trovões, chuva, granizo, produzindo em mim uma exaltação incomparável e dando-me a conhecer que só chegamos a compreender justamente a Natureza quando nela nos refugiamos, evadidos dos nossos cuidados e das aflições. Naquele momento, que eram para mim o homem e a sua vontade inquieta? Que eram para mim o eterno Deves ou Não Deves? Quão diferentes os raios, a tempestade, o granizo, forças livres, sem ética de qualquer ordem! Quão felizes e poderosos - vontade pura, não perturbada pela inteligência!

Em troca, tenho tido ensejo de observar como é turvo, frequentemente, o intelecto humano. Há pouco, falei com alguém que pensa partir, em breve, para a Índia, como missionário. Fiz-lhe várias perguntas. Apurei que não conhecia o Oupnek'hat 15 nem sequer de nome e que estava decidido a não discutir com os brâmanes, porque estes possuem uma grande cultura filosófica. Oh, Ganges sagrado!

Hoje, assisti a um engenhoso sermão de Wenkel sobre o cristianismo - < fé que dominou o mundo" -, cheio de um insuportável orgulho ante os povos não cristãos, mas feito com

grande habilidade. Wenkel substituía continuamente a palavra cristianismo por outra ou outras que sempre davam o justo sentido, se bem que para o nosso modo de ver. Se a frase < o cristianismo dominou o mundo , se substitui por < o sentido do pecado, uma necessidade metafísica, dominou o mundo , desaparece tudo quanto poderia encerrar de repulsivo para nós. Mas

há que ser consequente, e, ao dizer < os verdadeiros budistas são cristãos", dizer igualmente < os verdadeiros cristãos são budistas". No fundo, este jogo de palavras e conceitos, firmados desde há muito e de uma vez para sempre, não é muito honesto, porque lança a perturbação no espírito dos fracos. É o < cristianismo a fé num acontecimento histórico ou numa pessoa histórica ,? Então, nada tenho que ver com ele. É, porém, < necessidade de redenção"? Dessa forma, já posso estimá-lo altamente, e até tomarei a mal os conceitos dos filósofos, sendo estes, de resto, muito poucos em relação à massa dos necessitados de redenção, e feitos de igual matéria. Isto defendê-lo-ia eu, ainda que todos eles fossem discípulos de Schopenhauer. Mas é frequente descobrir para além da máscara do filósofo, a majestosa vontade que busca a sua glorificação. Se os filósofos governassem, as massas estariam perdidas. Mas se estas massas governarem, a situação dos filósofos será raro in gurgite vasto.

Contudo, é para nós muito desagradável não podermos exprimir por completo os nossos pensamentos schopenhauerianos, ainda jovens e vigorosos, e descobrir, geralmente, esta desgraçada diferença entre prática e teoria, a pesar sobre o nosso coração.

Adeus, querido amigo. Cumprimentos aos teus. Lembranças da minha família. Ficamos combinados! Havemos de somr, quando voltarmos a ver-nos. E com razão!

VI

A SUA MÃE E SUA IRMÃ

Leipzig, segunda metade de Junho de 1866

Queridas mamã e Isabel:

Creio que tendes acompanhado pelos jornais a série de acontecimentos decisivos que a semana passada nos trouxe. É enorme o perigo que a Prússia atravessa. Mesmo que alcance a vitória completa, será impossível que fique em estado de concretizar totalmente o seu plano. Querer fundar a unidade alemã por esta maneira revolucionária é uma forte pretensão de Bismarck, que possui sem dúvida muito valor e perseverança, mas não tem na devida conta as forças morais do povo. No entanto, as últimas decisões são excelentes, sobretudo a de ter sabido lançar sobre a Áustria uma grande parte, se não a maior, das responsabilidades.

A nossa situação é muito simples. Quando arde uma casa, a primeira coisa que se faz não é perguntar quem tem a culpa do incêndio, mas tratar de extingui-lo. A Prússia está em chamas. É preciso salvá-la! Tal é o sentimento geral. C16)

No momento em que principiou a guerra, lançaram-se para o lado todas as considerações secundárias. Eu sou prussiano com tanto fervor como o nosso primo é saxónico. Para todos os sa-

24

xónicos é particularmente difícil esta época. A sua pátria está completamente nas mãos do inimigo. O seu exército está parado, inactivo. O seu rei está longe. Outro rei e outro eleitor foram enfeitados. Esta é a novíssima definição do principado “pela graça de Deus”. Compreende-se que o velho Gerlach, 1) com alguns v” stfalianos, proteste contra a aliança com a democracia coroada (Victor Manuel) e não coroada.

No fundo, este sistema prussiano de sacudir os príncipes é o

mais cómodo do mundo. Felizmente, os de Hannover e Kurthessem não se uniram à Prússia. Se o tivéssemos feito, não nos veríamos livres de tais senhores por toda a eternidade.

Vivemos, portanto, na prussiana cidade de Leipzig. Hoje foi declarado o estado de guerra em toda a Saxónia. Pouco a pouco, vamos ficando isolados, como numa ilha. As comunicações telegráficas, postais e ferroviárias sofrem constantes interrupções. Mantêm-se, como de costume, com Naumburg e com toda a Prússia, mas torna-se quase impossível conseguir que uma carta chegue às mãos de Deussen, que está em Tübingen.

Apesar de tudo, as aulas continuam. No meu regresso de Naumburg, encontrei uma carta de Ritschl, que me anunciava a chegada do grupo de estudantes romanos. O de Paris chegará no fim da semana.

Estou certo de que serei chamado, em breve, ao serviço militar. Acharei bem, porque será pouco honroso ficar em casa, quando a pátria empreende uma luta de vida ou de morte.

(Continuação)

Já que esta carta ficou em cima da mesa, creio que vos agrada receber um suplemento. Estive doente, durante três dias. Hoje, torno a sentir-me bem. O calor deve ter-me abalado. Mas tudo isto é indiferente; o importante é que os nossos soldados

conseguiram a sua primeira grande vitória. Is Anteontem, à noite, o nosso governador militar tornou pública a notícia, içando, a seguir, na sua residência, uma enorme bandeira branca e negra. Entre o povo, as opiniões são muito diversas. Há quem dê crédito às miseráveis mentiras austríacas, segundo as quais todos os combates últimos foram desastrosos para as nossas tropas e teriam sido aprisionados mais de 15 000 prussianos. Em Viena, falseiam e invertem o sentido de todas as comunicações, para levantar o moral da população.

VII

AO BARÃO DE GERSDORFF

Leipzig, Julho de 1866

Querido Amigo:

Tinhas o direito de esperar uma resposta mais rápida à tua carta, mas a verdade é que estive fora durante uns dias e não me foi possível, até hoje, afinar-te a minha alegria e o meu agradecimento por ela. Como decorrem rapidamente agora os acontecimentos!

Que tesouro de factos, de grandes e reconfortantes factos, existe entre a data da tua carta e o dia de hoje! Durante os dias de batalha da Boémia, estive em grandes cuidados pela sorte que nela pudessem ter os teu irmãos. Do mais velho já tenho notícias. Está ferido na cabeça, mas sem gravidade. Um ferido internado neste hospital falou-me da extraordinária bravura de teu irmão, e regozijo-me contigo, ante as provas do seu valor. Os soldados não tinham podido acompanhá-lo na sua impetuosidade; marchou sempre na frente deles e, travando luta contra três inimigos, recebeu um golpe de sabre. Calculo como terão sido agitados para ti estes dias de incerteza. Mas devemos estar orgulhosos de possuir tal exército, e até - *horribile dictum* - tal governo que não se limita a redigir um programa no pa-

26 I 27

pel, mas trata de mantê-lo, com a maior energia e com enorme dispêndio de dinheiro e de sangue, mesmo diante de Louis-le-Diable, grande tentador francês. No fundo, todo o partido que aprove esta política é liberal, e pensando deste modo eu não vejo na considerável massa conservadora da Câmara mais do que um novo aspecto do liberalismo. Não posso acreditar que estes homens sejam apenas gente que, ansiosa de governar, se une cegamente a todo o que ocupe o poder, e, havendo dito que só na Áustria estava o amparo dos interesses conservadores, aprove, seis meses mais tarde, os meios destinados a lançar a guerra contra esta potência. Não importa que se chame ainda conservadora à nossa forma de governo. Para as pessoas de entendimento, isso não passa de um nome; para os prudentes, será um esconderijo, e para o nosso excelente soberano uma espécie de nibelúnguico capacete que, tapando-lhe os olhos, o deixe continuar no seu caminho liberal e prodigiosamente audacioso.

Chega, neste momento, quando o estrangeiro se imiscui perigosamente, o momento da prova definitiva, a prova do fogo para a honestidade do programa nacional. Agora, veremos quantos interesses dinásticos estão nele ocultos. Uma guerra com a França tem de fazer surgir unidade de sentimento na Alemanha, e, se os alemães chegam a pôr-se de acordo, pode Herr von Beust 19) tratar de embalsamar-se, em companhia de todos os príncipes dos Estados centrais, porque o seu tempo terá flndado.

Desde há cinquenta anos, nunca estivemos tão perto da realização das nossas esperanças alemãs. Começo, pouco a pouco, a compreender que, para conseguir isto, não existe outro caminho mais clemente do que uma guerra de aniquilamento. Ainda não está longe a época em que a o inião de Corssen - segundo o qual “só sobre as ruínas da Austria poderia edificar-se o futuro alemão , - era considerada espantosamente subversiva. Ora bem, não se deita abaixo com facilidade um edifício tão

antigo. Por arruinado que esteja, sempre haverá “bons e leais vizinhos” que o aguentem, visto que, se ele cair, algum dano poderão sofrer as suas próprias casas. Tudo isto, aplicado ao estado de coisas europeu, é a doutrina napoleónica do equilí-

brio, um equilíbrio cujo centro tem de estar em Paris, segundo essa doutrina. É para esse centro que a oprimida Áustria se volta. E, enquanto Paris seja o centro, a Europa não modificará e persistirá na sua antiga marcha. Não será, pois, poupado ao nosso esforço nacional o desejo de transformar a situação europeia. Ou, pelo menos, de tentar essa transformação.

Se isto falhar, teremos, pelo menos, a honra de cair no campo de batalha, feridos por uma bala francesa.

Comunicar-te-ei, agora, algumas notícias de Deussen, o qual te envia saudações. De onde? De Tübingen. Que faz ele ali? É theologus, 2o) e por certo irrevogavelmente. Enviei-lhe uma carta com os argumentos mais fortes que descobri para Lhe contrariar a decisão. Mas parece que se trata de coisa de vontade, e, quando esta entra em jogo, as razões nada valem. Escreveu-me e desafia-me a que destrua estas três possibilidades:

“Pode haver um Deus; este Deus pode ter-se revelado; esta revelação pode estar contida na Bíblia. , Oh, Santo Brama! É possível traçar um caminho de vida, apoiando-se nestas três possibilidades?

E ainda quer que lhas refute!

Adeus. Felicidades. Nunca me lembrei tanto de ti como agora, talvez porque estou um pouco só, a despeito dos numerosos conhecimentos. Nos próximos dias, quando fores chamado ao serviço, a tua sorte causar-me-á preocupações. A mim, não me querem para soldado. Avisa-me, quando chegar o dia da tua incorporação no exército.

Para terminar, o nosso lema comum:

“O mais belo, o mais justo, o mais agradável, é ter saúde, e o que maior alegria causa é ser amado por alguém.” C21)

VIII

AO BARÃO DE GERSDORFF

Leipzig, fins de Janeiro de 1867

Meu querido Amigo:

Também eu estava, nos primeiros dias de Janeiro, junto do leito de um agonizante, 22 uma próxima parente minha que, depois da minha mãe e minha irmã, era quem mais direito tinha ao meu carinho e respeito.

Ela seguira com interesse o caminho da minha vida e, com ela, desaparecia grande parte do meu passado; principalmente da minha infância. E, no entanto, ao receber a tua carta, meu pobre e querido amigo tão duramente magoado, a minha dor tornou-se maior. É tão grande a diferença entre ambas as mortes! Uma é o termo natural de uma longa vida cheia de boas acções; o fim de um corpo débil que atingiu a velhice. Todos nós tínhamos a sensação de que as forças corporais e espirituais estavam consumidas e de que a morte apenas se afigurava apressada ao nosso carinho. Que diferente é o que perdemos com o teu irmão, por mim sempre querido e admirado!

Afasta-se de nós uma daquelas raras e nobres naturezas romanas, da qual Roma se orgulharia nos seus bons tempos, e da qual, como irmão, tu tens maior direito ainda de sentir orgulho.

30

Quão raramente a nossa época miserável produz tais figuras heróicas! Mas tu sabes como pensavam os antigos: “Os eleitos dos deuses morrem cedo.”

O que poderia ter levado a cabo uma tal força! Para muitos poderia ter sido modelo de aspirações honrosas e independentes, exemplo de claro carácter decidido e alheio ao mundo e à sua opinião, consolo e fonte de vigor nos complicados atalhos

da vida.

Bem sei que este vir bonus, no mais belo sentido, era, para ti, ainda mais: era o ideal a que aspiravas e, como me dizias frequentemente, a estrela que te guiava pelos intrincados e ingratos caminhos da vida.

Querido amigo meu; agora verificaste em ti próprio - e isto adivinho-o no tom da tua carta - a razão porque o nosso Schopenhauer achava o sofrimento e a aflição como um destino magnífico - senda para a negação da vontade. Tens experimentado a força purificadora e forâficante da dor, que apazigua o nosso espírito. Agora, podes verificar por ti mesmo o que há de verdade na doutrina de Schopenhauer. Se o quarto livro da sua obra principal te produz, neste momento, uma impressão de repulsa, turva e desagradável, se não tem a força de te levantar o ânimo e conduzir-te através da violenta dor exterior até àquela disposição espiritual melancólica, mas feliz, análoga à que se sente quando ouvimos uma música sublime (mercê da qual sentimos desprender-se de nós a envoltura terrestre) já não quero nada com tal filosofia. Só o homem cheio de dor tem o direito de pronunciar sobre ela a palavra decisiva. Os outros, os que estamos a meio da corrente objectiva e vital, e só ansiamos por chegar à negação da vontade, como um ilhote ditoso, não podemos julgar se tal filosofia é suficiente, em ocasiões de cruel provação.

É-me difícil mudar de tema, porque não sei se o relato dos meus assuntos particulares te será fastidioso, dado o estado do

teu espírito. Porém, agradar-te-á saber que Einsiedel 23 e eu, impulsioneados pela nossa dor comum, nos reunimos agora com frequência. Ambos meditamos sobre a maneira de te conceder alguma pequena alegria e algum repouso. Tens em Einsiedel um grande amigo que compartilha dos teus sofrimentos. Acabo de ler a tua bela carta, cheia do mais cordial carinho. Nada desejamos mais ardentemente do que ver-te e poder falar contigo.

Isto corre bem. O trabalho é intenso, mas frutífero e, portanto, alegre. Cada vez aprecio mais um ininterrupto labor concentrado. Presentemente, aplico as minhas forças a um tema proposto pela Universidade daqui, a qual oferece um prémio a quem melhor o desenvolva: Defontibus Diogenes I. ertius. E, trabalhando nele, tenho a agradável sensação de que não o adoptei com preferência a outros, levado pela atracção do dinheiro ou da honra que poderá proporcionar-me. Eu pensava abordar este assunto; e Ritschl, que o sabia, foi tão amável que o propôs, depois, como tema do concurso. Há, se bem me informaram, v os competidores, mas não me falta a confiança em mim próprio, pois que, até agora, tenho obtido, em trabalhos análogos, muito bons resultados. Em última análise: trata-se de enriquecer a Ciência, e, se houver quem tenha encontrado mais do que eu, não me hei-de afligir por isso. Nos princípios do ano, tive notícias de Deussen; voltou a dedicar-se à Filologia. Bravo! Segundo o que ele próprio escreve, volta a pisar terreno firme. Estuda em Bona, e parece que vai entrando, outra vez, no caminho. Enviou-me tradução de um livro francês: Biografia de Teodoro Parker, que lhe tem dado dinheiro.

Por último, querido amigo, rogo-te uma coisa: não te esforces por escrever. Brevemente, neceberás uma carta minha, mais pormenorizada do que esta. Einsiedel encarrega-me de te dizer o mesmo.

Termino com uma sentença de Aristóteles:

“O que é o homem? Sinal de debilidade, presa da oportuni-

32

dade, filho do acaso - esfinge da instabilidade - portador da balança da inveja. ,

IX

A FREDERICO RITSCHL

Naumburg, 25 de Outubro de 1867

Mui respeitável Senhor Conselheiro Secreto:

Um rápido capricho do destino impede-me de aparecer em Leipzig em fins de Setembro, com o que fica também indefinidamente retardada a conclusão do meu curso.

O que eu nunca havia esperado, resolveu-se no decurso de alguns dias. Apesar da minha miopia, fui sacrificado ao deus da guerra, e, durante todo o dia, desde que rompe a manhã até à noite, tenho de trabalhar afincadamente nas cavaliças, no picadeiro, no quartel ou nos canhões. Verdadeiramente, é manjar estranho e novo para mim. Às vezes, atravessa-me na garganta, sobretudo quando recordo os festins a que estava acostumado, à mesa da Filologia. Pensando nela, lembro-me da pessoa a quem deverei toda a minha vida o mais caloroso agradecimento e o respeito mais cordial, e cujo exemplo me reterá sempre no caminho de que terei, agora, de me afastar, para seguir os suboficiais e os canhões.

34

A ERWIN ROHDE

Naumburg, 3-6 de Novembro de 1867

Meu querido Amigo

Recebi ontem, de Leipzig, uma carta do nosso Guilherme Roscher, com notícias que, com tua licença, vão constituir o princípio desta carta. Antes de mais nada, a alegre novidade de que o pai Ritschl conserva a saúde e o bom humor, o que me admira, porque a conduta dos berlinenses 24 para com ele deve tê-lo ferido. A nossa sociedade de Leipzig, que está a tomar, também, um carácter recreativo, parece ter ante si um bonito futuro. O Círculo de Leitura conta, até agora, 28 membros. Roscher tenciona converter o café de Laspel numa espécie de Bolsa de filólogos.

Compraram já um armário para guardar jornais e revistas. Não se fizeram ainda reuniões; pelo menos, Guilherme nada me diz sobre este ponto. Além disso, vários membros ainda não chegaram a Leipzig. Entre eles, figura Koch, a quem, desgraçadamente, uma grave enfermidade impossibilita, e o excelente Kohl. Este - coisa estranha! - quer permanecer algumas semanas no campo, em casa de um amigo com quem combinou algo para a perigosa cena do exame.

[

Por último, não ocultarei que a carta de Roscher me traz a agradável notícia de que o meu trabalho sobre Laertius saiu victorioso, na aula do dia 31 de Outubro, em luta contra o senhor Ninguém. Conto isto só para te dizer quanto agradeço a tua amistosa ajuda, que muito contribuiu para lançar o mencionado opusculum. Provavelmente, muito tempo passará sem que dê publicidade a qualquer destes trabalhos; desisti dos meus planos anteriores, e só conservei o de tratar, com maior conexão, estas questões, de acordo com o amigo Volkmann. Mas, como estamos ambos ocupados com outras coisas, podem ainda, por algum tempo, alegrar-se da sua existência, as lindas fábulas da cultura de Laertius e Suidas. A única pessoa que, um pouco antes, será informada do verdadeiro estado destas coisas é Kurt Wachsmuth, que deseja ouvir-me falar delas, e a quem satisfarei. Conheci-o na reunião dos filólogos de Halle. Tem realmente aspecto de triásico, e sobretudo uma fealdade de bandido, mas ostenta-a com altivez e orgulho.

Aqueles dias em Halle constituem para mim, até hoje, o divé-
verado final, digamos a coda da minha estreia zoológica.

Os professores apresentaram aspecto melhor do que eu esperava. Pode ser que as velhas aranhas tenham ficado nos seus ninhos; o caso é que os trajos eram bastante correctos e à moda, e viam-se muitos bigodes. O ancião Bernhardt 25 presidiu o pior que pôde, e Bergk aborreceu-nos com uma conferência de três horas. A parte do programa organizado saiu melhor, por exemplo, o banquete (durante o qual roubaram um relógio de ouro a Steinhart: calcula por este facto a animação que reinaria), e uma reunião nocturna.

Todos os dias, ou melhor, a todas as horas, esperávamos a chegada do pai Ritschl, que fora anunciada; mas, por desgraça, o mau tempo não permitiu que viesse. Desejávamos ardentemente a sua presença, sobretudo eu, que lhe estou agradecido por todos os motivos. Por seu intermédio, possuo agora o Museu Renano completo, sem que nada tenha feito para mere-

cê-lo, pois o índice 26 que pensei levar a cabo será adiado por algum tempo. As duas semanas que se seguiram à nossa viagem não as esbanjei neste trabalho de encomenda, mas planeei da maneira mais diverda a minha Democritea, escrita honerem Ritscheli. Assim, pelo menos, já tenho feito o esboço principal, se bem que, para basear as minhas loucuras e combiná-las com certa conexão, seja preciso ainda trabalhar muito. Muito, sobretudo para um homem imensamente ocupado com outras coisas.

E tu perguntarás: se não fuma, nem joga, nem fabrica índices, nem trabalha na sua Democritea, e despreza Laertius e Suidas, então que faz?

O exercício!

Sim, querido amigo; se um génio te guiar até Naumburg, à hora matinal, isto é, entre as 5 e as 6, e tiver a amável ideia de dirigir os teus passos para mim, não te admires do que oferecerá aos teus sentidos. Respirarás, de súbito, a atmosfera de um estábulo. À luz das lanternas, descobrirás várias figuras, ouvirás relinchar, resfolegar, escovar, e bater, à tua volta. E, no meio de tudo isto, vestida de moço de estrebaria, afanosamente ocupada em mudar com as mãos algo de inexprimível, e que nem se pode ver, ou limpando o cavalo com uma almofaça, verás uma figura humana, ante cujo rosto se te porão os cabelos em pé, pois é - com mil diabos! - a minha própria.

Um par de horas depois, verias, dando voltas no picadeiro, dois cavalos com os respectivos cavaleiros, um dos quais se parece muito com este teu amigo. Cavalga o seu fioso e impulsivo corcel, e espera aprender a montar bem alguma vez, se bem que só monte, por agora, em pêlo, com polainas e esporas, mas sem chicote. Talvez assim aprenda melhor. Também teve de apressar-se a esquecer quanto ouviu no picadeiro de Leipzig, e, primeiro do que tudo, esforçar-se por adquirir uma posição segura e regulamentar.

A outras horas do dia, está o teu amigo laborioso e atento

junto da peça e tirando granadas do armão, limpando-lhe a alma e apontando-a por graus, varas, etc. Mas, primeiro, tem de estudar muitas coisas militares.

Asseguro-te que a minha filosofia tem, presentemente, oportunidade de se me tornar de utilidade prática. Até agora, não me senti humilhado nem um momento, antes sorrio muitas vezes, como perante algo fabuloso. Quando, sem interromper a cornada, sinto que vou escorregar para a barriga do cavalo, grito: Schopenhauer, acode-me! E, quando chego a casa, esgotado e coberto de suor, tranquilizo-me com o olhar que lanço ao seu retrato que tenho sobre a minha mesa, ou abrindo o Parerga, que me é mais simpático do que nunca.

Finalmente, chegámos ao ponto em que posso exprimir aquilo que esperavas constituísse o princípio da minha carta. Já sabes, querido amigo, a razão porque demorei tanto. Não tenho tido tempo algum. E, às vezes, nem disposição. Não se escrevem cartas a amigos a quem se quer - como eu a ti - em qualquer estado espiritual. Muito menos se escreve aos poucos, hoje uma linha, amanhã outra, antes se necessita um espaço de tempo suficiente e uma disposição de ânimo propício. Hoje, tenho a tarde livre, pelo menos até às seis e meia, hora a que a distribuição da ração e da água me reclama nas cavalariações. E celebro o domingo à minha maneira, recordando o meu distante amigo e o nosso comum passado em Leipzig, no Bismarckwald e no Nirvana.

O destino desprende, com um rápido esticão, a folha do calendário da minha vida correspondente a Leipzig, e a folha seguinte desse livro sibilino está coberta, de alto a baixo, por negro borrão. Então, vivia numa mais livre independência, no gozo epicurista de ciências e artes, dentro de um círculo de pessoas de iguais aspirações, em contacto com um querido mestre e - o que mais estimo daqueles dias de Leipzig - em trato constante com um amigo que não estava ligado a mim unicamente por ser camarada de estudos ou fazer vida análoga,

mas porque a sua razão possui o mesmo grau de maturidade que a minha, e a sua apreciação dos homens e das coisas seguia aproximadamente as mesmas leis, e finalmente porque o seu carácter produzia em mim um efeito salutar. Não há nada de que eu sinta mais falta, presentemente, do que do teu convívio, e até me atrevo a crer que, se tivéssemos sido condenados juntos a sofrer este jugo, suportaríamos a carga mais alegre e dignamente, enquanto que, assim, só me resta o consolo da recordação. Nos primeiros dias, quase me admirava de não te encontrar a meu lado, compartilhando o meu destino, e ainda quando, estando a cavalo, volto a cabeça, julgo ver-te no soldado que me segue.

Estou bastante isolado em Naumburg; não há nem um filólogo admirador de Schopenhauer no círculo dos meus conhecimentos, e só raras vezes me reúno com eles, porque o serviço quase não me deixa tempo livre. Tenho, portanto, a necessidade de cismar no passado, e sazonar, desta forma, o presente, para torná-lo digerível. Esta manhã, ao dirigir-me, ao quartel, antes do amanhecer, pelo meio da escuridão fria e húmida, com o impermeável puxado até aos olhos, ouvindo uivar o vento entre as negras sombras das casas, ia cantarolando uma das nossas alegres canções e recordando a nossa louca festa de despedida, o saltarelo Kleinpaul - cuja actual existência em Naumburg e Leipzig desconheço, mas que nem por isso será equívoca - a cara dionisiaca de Koch e o monumento comemorativo que erguemos na margem daquele rio de Leipzig, por nós baptizado "Nirvana" e que, da minha parte, leva as festivas palavras recentemente vitoriosas: "Sei quem és." 2

Como final, dirijo-te as mesmas palavras, que devem representar o melhor que encerra para ti o meu coração. Quem sabe quando a sorte inconstante reunirá, de novo, os nossos caminhos. Oxalá isso aconteça em breve; chegue quando chegar, eu sempre recordarei, com orgulho e alegria, o tempo em que gabei um tal amigo.

XI

A ERWIN ROHDE

Naumburg, 13 de Fevereiro de 1868

Meu querido Amigo:

É sábado e o dia está a terminar. Para um soldado, a palavra “sábado”, encerra um sentimento de paz e de repouso que não conheci quando estudante. Poder dormir e sonhar tranquilamente, sem que sobre a alma pese o pavoroso anúncio da fatigante agitação que há-de começar apenas desponte a manhã, e sabendo que se chegou ao fim de outra semana daquela actividade sempre igual e uniformizada que se chama serviço militar, são duas coisas que proporcionam um prazer forte e simples, digno de um cínico e alcançado sem grande trabalho. Compreendo, agora, que da primeira e grande “disposição espiritual de sábado à tarde”, em que soaram, pela primeira vez, as agradáveis palavras: “Tudo é muito formoso”, 2s foram inventados o café e o cachimbo, e entrou na vida o primeiro optimista. Os hebreus, que acharam e acreditaram nesta bela história, foram, certamente, guerreiros ou trabalhadores, e não estudantes. Estes adoptaram seis dias festivos e um de trabalho e, na prática, igualaram o último aos primeiros. Pelo menos, estava assim acostumado, e agora sinto energicamente o contraste entre a vi-

40

da actual e a anterior ociosidade científica. Se se pudesse reunir todos os filólogos dos últimos dez anos e fazê-los produzir um trabalho, na sua ciência, igual ao que é costume exigir no serviço militar, ao fim de outros dez anos, a Filologia seria desnecessária, porque tudo ficaria feito. Claro que isto é impossível, visto que ninguém quereria servir sob tal bandeira.

Um sábado assim faz tagarelar, como já terás notado. Porém, durante toda a semana, tive de me conservar silencioso, e atender, com todas as minhas potências espirituais, às vozes de comando. E agora, nos momentos livres, brotam as palavras

dos lábios e as linhas do tinteiro. Além disso, o fogo crepita na chaminé, e lá fora ruga a tempestade de Fevereiro, prenhe já da Primavera. Sábado, temporal e um quarto abrigado, eis os componentes do “humor epistolar”.

Querido amigo: Esta minha vida presente é verdadeiramente solitária e falha de alegria. Só gozo daquelas exaltações que é possível tirar de mim mesmo, sem causa alguma exterior que possa provocá-las, e muito menos é possível encontrar aqui a harmonia de almas que tão boas horas nos fez passar em Leipzig. Deste modo, a alma vai-se esquecendo de si mesma, e deixando-se dominar por qualquer coisa que intimida o nosso espírito e o faz considerar as coisas com uma gravidade que não merecem. Tal é, e tu o terás adivinhado, a parte má da minha existência actual. Mas não deixa de haver uma parte boa. Na realidade, esta vida, ainda que incómoda, é absolutamente necessária, como passagem transitória, pois constitui contínuo apelo à energia do indivíduo e serve, sobretudo, de antídoto contra o cepticismo paralisador, cujos efeitos observámos juntos. Aprende-se, além disso, a conhecer a própria personalidade, na sua maneira de manifestar-se entre homens estranhos a ela, rudes na sua maioria, e sem que se sinta apoiada pela ciência ou pelo valor tradicional que lhe dão os nossos amigos ou a sociedade que frequentamos. Até agora, tenho observado que todos aqui me querem bem, e que, tanto o capitão como os ar-

álheiros, se interessam vivamente por mim. Eu cumpro o meu dever com todo o entusiasmo. Não é razão de orgulho passar-se pelo melhor cavaleiro entre trinta recrutas? Isto é alguma coisa mais, querido amigo, do que um prémio de Filologia, apesar de eu não ser insensível a elogios como os que me tem prodigalizado a Faculdade de Leipzig. Posso, sem adq u'ir fama de louco e vaidoso, copiar o elogio que me fazem

Querido amigo: Tant de bruit pour une omelette, não é verdade? Mas nós somos assim; escarnecemos dos elogios, sabendo o que está por detrás deles; mas a nossa cara contrai-se num sornso de satisfação. Nestas coisa, é o nosso velho Ritschl quem, com his laudibus splendidissimus, 3o) procura ligar-nos aos encantos de dona Filologia.

Tenho grandes desejos de dizer aos filólogos, na minha composição sobre Demócrito - trabalho in honorem Ritscheli l31) - algumas verdades amargas. Até agora, acaricio a bela esperança de que o meu escrito tenha um fundo filosófico, coisa que não consegui em nenhum dos anteriores. À parte isso, todos os meus trabalhos mostram, sem um propósito, mas antes para minha satisfação, uma orientação absolutamente determinada. Dirigem-se todos, como uma fila de postes telegráficos, para um fim definido, que penso concretizar rapidamente. O objectivo do meu trabalho é a história dos estudos literários, na antiguidade e na época moderna. Os pormenores não me interessam muito, por agora; o que me atrai é a generalidade humana; como se foi constituindo a necessidade de uma investigação histórico-literária, e como esta foi tomando forma, nas mãos dos filósofos. Creio que todas as ideias que iluminaram o campo da história literária foram herdadas daqueles raros génios que vivem no pensamento dos homens cultos, e que todos os resultados obtidos nesse campo são devidos, unicamente, à aplicação prática de tais ideias. Os que criaram alguma coisa na investigação literária foram precisamente aqueles que não se lhe dedicaram, como trabalho principal ou absoluto, ou, pelo con-

42

trário, as obras mais famosas desta disciplina foram escritas por homens desprovidos de força criadora. Estas opiniões pessimistas, que escondem em si um novo culto do génio, ocupam-me continuamente, e quero verificá-las. Em mim mesmo,

a prova é positiva. Já nas linhas anteriores deves ter notado o cheiro de um cozinheiro schopenhaueriano.

Descer destas ilusões à realidade é muito amargo. Pensa que saboreio estes sonhos continuamente, não tendo tempo para terminar o mais urgente. É-me impossível entregar rapidamente o que prometi para o livro de Ritschl. Para desenvolver uma matéria tanto do meu gosto, faltam-me cem coisas: tempo, livros, bons amigos e momentos de inspiração. “Felizes seres! - dizia Ritschl aos estudantes. - Possuís catorze horas do dia para vós e para os vossos estudos. , Miserável ser ! - digo a mim próprio - Não possuis mais do que duas horas livres e tens de sacrificá-las a Marte; de contrário, negar-te-ão o título de oficial! Que infeliz animal é um artilheiro com tendências literárias! O nosso antigo deus da guerra gostava de mulheres jovens e não de mulheres velhas e enrugadas. Um artilheiro, acorado sobre um banco do quartel e meditando sobre Demócrito, enquanto lhe engraxam as botas, é paradoxo que os deuses olham com escárnio.

Dizendo-te que, diariamente, estou de serviço das sete da manhã às cinco da tarde, e que, além disso, tenho de assistir às conferências de um tenente e de um veterinário, podes compreender quanto me sinto mal. À noite, o corpo cansado e esgotado procura cedo o seu ninho. E assim, sem descanso nem tranquilidade, passa um dia após outro. Que me fica, pois, para o trabalho científico, o estudo necessário e a contemplação?

Até para as coisas que me interessam ainda mais do que as minhas necessidades literárias, como são uma correspondência amiga e a arte, tenho - e só de quando em quando - uma hora livre.

Deixa que esteja em completa posse das minhas forças, e

então:

Si male nunc, non oline sic erit... C32)

Para o próximo ano, irei a Paris. Estou quase convencido de que tens o mesmo propósito.

Portanto, a ti, poesia do futuro, e a ti, amizade do meu melhor passado, a última linha e o último borrão:

Fulsere quondane cuandidi Tibi soles! C33)

Wittekind, Julho de 1868

Minha ilustre Senhora:

Embora não tivesse que devolver-lhe o livro que me cedeu com tanta amabilidade, receberia hoje uma carta minha, pois a recordação do último domingo, tão cheio de sol e de alegria, passado com os senhores em Leipzig, foi o melhor que trouxe comigo para est balneário deserto. C34)

A senhora di nou-se, guiada não sei por que bondoso génio, manifestar o seu interesse pelo meu estado, e tem de suportar as consequências; esta carta é a primeira delas.

Ceguei a este balneário anteontem, ao meio-dia; chovia com força, e as bandeiras, içadas por motivo não sei de que festa, pendiam sujas e frouxas.

O meu hospedeiro, velhaco inequívoco, de óculos azuis, saiu-me ao encontro e conduziu-me ao meu alojamento, mandado reservar por seis dias, e que, exceptuando um sofá desconjuntado, tem todas as características de uma cela prisional. Em seguida, informou-me de que, para o serviço de duas casas cheias de banhistas, isto é, para trinta ou quarenta pessoas, só há, por junto, uma criada. Há pouco tempo recebi essa visita,

mas tão desagradável que só à força de enérgica cortesia pude desembaraçar-me dela. Concretizando: toda a atmosfera que me rodeou era chuvosa, fria e inóspita.

Ontem, travei conhecimento com a natureza e a população do

balneário. À mesa, tive a dita de ficar ao lado de um senhor surdo-mudo e de umas figuras femininas maravilhosas. Os arredores parecem feios, mas a chuva e a humidade impedem-me de dar um passo fora do balneário. Volkmann observou-me e aconselhou-me estes banhos. Provavelmente, terei, dentro em pouco, de me sujeitar a uma operação.

Agradeço-lhe muito o empréstimo do livro de Ehlert. Li-o na primeira noite, deitado no velho sofá, com uma luz abominável, mas com grande prazer e entusiasmo interior. Homens mal intencionados podem dizer deste livro que está mal e confusamente escrito. Mas há que ter em conta que o livro de um músico não é o de um homem que vê, mas de alguém que ouve; é, no fundo, música casualmente construída com palavras em vez de notas. Um pintor tem de experimentar, ao lê-lo, a mais penosa impressão, ante a enorme confusão dos quadros, apresentados sem método algum. Porém, eu não tenho, por desgraça, apreço pelos Quadros de Viagem, de Heine, pelo folhetim parisiense, etc., e como com mais gosto um ragoût do que um assado. O mosaar ares científicos e escrever alla breve e com a devida decência uma quantas ideias tímidas, custou-me, até agora, grande esforço. A este respeito, sabe bastante o senhor seu esposo, que se maravilhou da minha absoluta carência de uestilo ., Sucede-me como ao marinheiro, que se sente menos seguro em terra do que sobre o navio flutuante. Talvez algum dia encontre um tema filológico que se deixe tratar musicalmente, e então balbuciarei como um menino de mama e acumularei quadros como um bárbaro que adormece ante a cabeça de uma Vénus. E, apesar da “rapidez de exposição ., estarei na verdade.

Ehlert também tem razão em quase tudo. Mas muitos homens

não conseguem reconhecer a verdade, quando ela se lhes apresenta com traje de Arlequim. Em troca, nós, os que não consideramos nenhuma página da vida tão séria que não possamos esboçar nela o arabesco da troça, logo a reconhecemos. Qual o deus que ficará assombrado, se nos mascararmos de sátiros e

parodiarmos uma vida que se apresenta sempre aos nossos olhos de coturno nos pés e com olhares patéticos e severos?

Não consigo ocultar-lhe, senhora, a minha inclinação para a dissonância! Não é certo que já tem uma tenível prova disso?

Tratarei de corrigir-me. As pegadas de Schopenhauer e de Wagner são muito difíceis de esconder. Se outra vez me permitir tocar na sua presença, exprimirei em música a minha lembrança daquele belo domingo, e ouvirá, como na minha carta pode ler, a altura que, na minha alma, conserva essa recordação.

XIII

A PAUL DEUSSEN

Leipzig, 20 de Outubro de 1868

Meu querido Amigo:

Agora, as tuas cartas chegam sempre em ocasiões notáveis. A última encontrei-a sobre a mesa, ao tomar, recentemente, posse do meu novo alojamento em Leipzig. Pouco depois, enviei-te a primeira parte do meu trabalho sobre Diógenes Laertius, com o propósito de não incorrer, de novo, na vergonha de ser desagradecido para os meus amigos, e não voltar a permitir que o meu prolongado silêncio me faça supor morto. Nada disso; vivo, e o que é mais, vivo bem e desejo que, de uma vez para sempre, te convenças disto, e de que “filosofar”, e “estar doente”, não são dois conceitos idênticos, embora haja certa “saúde”, eternamente inimiga da filosofia transcendente.

Respondendo assim à última parte da tua carta, liberto-me da proposta que nela me fazes. Amigo querido: < Escrever bem” (se é que mereço este elogio - nego ac pernego) não é justificação suficiente para empreender uma crítica do sistema schopenhaueriano. De resto, não fazes ideia do respeito que me merece aquele “gênio de primeira ordem”, quando me julgas capaz (ego homini pusilululo!) 35 de deitar a terra tamanho gi-
48

gante, pois suponho que não entenderás por “crítica” de um sistema o fazer ressaltar alguns pontos fracos ou algumas torpezas tácticas, ou demonstrações fracassadas, ainda que com isto julgam haver feito tudo alguns filósofos desprovidos de filosofia.

É impossível escrever a crítica de uma concepção do Universo. Compreende-se ou não se compreende; a existência de uma terceira posição, em relação a ela, parece-me inteiramente impossível. Aquele que não se apercebe do perfume de uma rosa

não tem nenhum direito para criticá-lo; e se dele se apercebe-
à la borlheur! - então Lhe passará a vontade de criticá-lo.

Acontece, simplesmente, que não nos entendemos. Permite-
-me, pois, que, com já te propus, me cale sobre esta ordem de
coisas.

Nem, também, aprovo que digas que te encarreguei de uma
defesa e de uma apologia da ciência filológica, e que recusas
essa honra. Eu queria, unicamente, saber o que pensas sobre o
estado presente da Filologia, os métodos adoptados, o pro-
gresso dos filólogos actuais, na sua posição ante as escolas,
etc. Tudo isto, como contraste para as minhas opiniões pes-
soais, tão asperamente expressas na minha carta. Falar clara-
mente (ou marcialmente) no comércio epistolar, tem a vantagem
de fazer sair aquele a quem nos dirigimos de posições flutuan-
tes e imprecisas, e levá-lo a pronunciar o "sim" ou o "não" di-
rectos, fundamentados nalguma coisa. Mas a tua compreensão
mitológica da Filologia, como filha (dizes filha - heu, heu) da
Filosofia, e como tal livre de todo o domínio e dependência,
carece do menor fundamento. Se me é permitido falar mitolo-
gicamente, dir-te-ei que considero a Filologia um aborto da
deusa Filosofia, gerado por um idiota ou cretino. É pena que
Platão não idealizasse este mesmo mito! Acreditá-lo-ias melhor
do que a mim. . . E com razão. Certo é que eu exijo a toda a
ciência o seu passaporte, e, se não me pode provar que, no seu
horizonte, existe algum grande fim civilizador. . . deixo-a passar

sempre, visto que os insignificantes têm tanto direito à existência no reino científico como na vida. Mas se as citadas ciências-Kauz 36 fazem trejeitos patéticos e calçam coturno, não devem tomar-se a sério os seus gestos. Ora bem; algumas destas ciências chegam assim à senilidade, e oferecem então um aspecto repulsivo, quando, com seu corpo consumido, veias secas e boca murcha, buscam o sangue de novas naturezas florescentes e o chupam como vampiros. Nesse momento, o dever de todo o pedagogo é manter as frescas forças louças longe dos abraços desses velhos monstros, que são venerados pelos historiadores, e odiados pelo presente, e que serão destruídos pelo futuro.

Leipzig, 9 de Novembro de 1868

Meu querido Amigo:

Posso contar-te hoje coisas tão divertidas, olhar tão alegremente o futuro e adoptar um tom tão agradavelmente idílico que certamente a minha carta fará fugir essa febre, que é tua hóspede perversa. Para evitar toda a dissonância, tratarei, em carta aparte, daquela res severa 3” que deu origem à tua segunda missiva, de maneira que possas deixar a sua leitura para quando tenhas disposição apropriada.

Os actos da minha comédia intitulam-se: 1” Um serão da sociedade, ou o professor auxiliar 2 O alfaiate ex ulso, 3 Uma entrevista com X. Na representação tomam parte algumas velhas.

Na quinta-feira, seduzido por Romundt, caí na tentação de ir ao teatro, pelo qual tem arrefecido muito o meu entusiasmo. Queríamos ver uma demonstração da arte do nosso “Director do futuro” Henrique Laube, e colocámo-nos, como deuses sobre o seu trono do Olimpo, para julgar um manuscrito chamado “O Conde de Essex”. Naturalmente, maldigo quem me induziu na tentação, fiado na lembrança de sensações da sua longínqua

infância, e considere-me feliz por abandonar um local onde não se encontrava nem sequer Glaukidion 3s), segundo se demonstrou pela análise microscópica de todos os cantos do teatro.

Ao voltar a casa, encontrei duas cartas: a tua e um convite de Curtius, a quem me apraz tratar agora mais intimamente.

Quando dois amigos como nós se escrevem, é sabido que os anjinhos se alegram; assim sucedeu, quando li a tua carta; creio que eles até chegaram a rir às gargalhadas.

Na manhã seguinte, saí com intenção de agradecer a Curtius o seu convite, já que, infelizmente, não me era possível aceitá-lo. Não sei se conheces esta senhora; a mim agradou-me muito, e nessa ocasião passei com ela e o marido um bocado de encantadora alegria. Nesta disposição de espírito, fui ver Zarncke, meu redacteur en chef. 39) Tive um cordial acolhimento e combinei com ele qual havia de ser a minha actividade na sua revista. Encarregou-me, entre outras coisas, de quase tudo o que se relaciona com a filosofia grega, à excepção de Aristóteles, de quem se ocupa Torstrik, e de outro sector que Heinze tem a seu cargo. Heinze, meu antigo mestre (agora conselheiro e preceptor dos príncipes, na corte de Oldemburgo). Leste o meu artigo sobre a Symposiaca Anacreontea? “ Brevemente será a vez do meu homónimo, 41 que se tornou cavaleiro da imperatriz Eudokia. Intolerável dama e aborrecido cavaleiro!

Quando cheguei a casa, encontrei a tua segunda carta; indignei-me e decidi perpetrar um atentado.

À noite, realizava-se, na nossa sociedade filológica, a primeira conferência deste semestre. Cortesmente, propuseram-me tomá-la a meu cargo, e eu, que necessito de ocasiões para me exercitar nas armas académicas, aceitei gostosamente, e tive a satisfação de enconar, à minha entrada no café Laspel, a compacta massa de quarenta ouvintes. Romundt tinha sido encarregado por mim de tudo observar cuidadosamente, para poder dizer-me o efeito causado pela parte teatral da minha confe-

52

rência, isto é, voz, atitude, construção e estilo. Todo o meu discurso foi improvisado, servindo-me unicamente de uns curtos apontamentos. Ao regressar, encontrei em casa um bilhete, dirigido a mim, com estas palavras: “Se queres conhecer Ri-

cardo Wagner, vem, às três e um quarto, ao café-teatro. Windisch. " C42)

Acudi, naturalmente, à entrevista, e encontrei o nosso amigo, que me deu novos esclarecimentos. Wagner estava em Leipzig e vivia, guardando o mais severo incógnito, em casa de uns parentes seus. A imprensa não tinha a menor suspeita, e os criados de Brockhaus eram tímidos com libré. Ora bem; a irmã de Wagner, mulher do professor Brockhaus, tinha apresentado o seu irmão à mulher de Ritschl, sua grande amiga, com o que se proporcionara à feliz criatura o orgulho de gabar-se de uma tal amiga, ante o irmão, e deste ante a amiga. Wagner tocou, na presença da mulher de Ritschl, o "lied" de Walter, dos "Mestres Cantores", que tu bem conheces, e a boa senhora disse que esse "lied", lhe era já muito familiar mea opera, causando regozijo e assombro em Wagner. Este expressou o seu veemente desejo de conhecer-me, se bem que sem divulgar a sua presença em Leipzig. Resolveram convidar-me para sexta-feira; porém Windisch disse que, nesse dia, os meus compromissos e deveres profissionais me impediriam de comparecer e, então, ficou combinado o convite para sábado, à tarde. Neste dia, corremos para ali, Windisch e eu, encontrando a família Brockhaus, mas não Wagner, que tinha saído com um enorme chapéu na cabeça. Conheci a excelente família e tive um amável convite para domingo, à noite.

Realmente, o meu estado de espírito era, durante estes dias, algo novelesco. Concorde que o prólogo deste conhecimento, dada a inacessibilidade de homem tão original, tocava o inverosímil.

Julgando que havia numerosos convidados, decidi fazer grande toilette. E estava encantado, porque, precisamente para

domingo, o meu alfaiate tinha prometido entregar-me um fraque novo. Estava um dia espantoso de chuva e de neve. Horrорizava sair à rua. E alegrou-me sobremaneira receber, à tarde, a visita de Roscher, que me contou várias coisas sobre os Eleatos e sobre Deus na Filosofia, pois está trabalhando como candidandus no tema escolhido por Ahrens: “Desenvolvimento do conceito de Deus até Aristóteles „, enquanto Romundt intenta alcançar o prêmio da Universidade, tratando o tema: “Sobre a Vontade”. Anoitecia, e o alfaiate sem vir. Romundt retirou-se. Acompanhei-o; fui em pessoa procurar o alfaiate e encontrei os seus escravos afanosamente ocupados em terminar o meu traje. Prometeram enviar-mo daí a três quartos de hora.

Fui, fazendo tempo, até minha casa; passei pelo café Kintschy, li o Kladderadatsch 43 e encontrei, com prazer, a notícia de que Wagner viajava na Suíça, mas que se construía em Munique uma bonita casa para ele. No entanto, eu sabia que estava em Leipzig, e que no dia anterior recebera uma carta do “Reizinho „, “ com as seguintes palavras: “Ao grande poeta musical alemão Ricardo Wagner. ,

Em casa, nem vestígios do alfaiate. Li, contudo, devagar, a dissertação sobre Eudokia, e somente fui perturbado por umas chamadas que de tempos a tempos soavam a distância. Por fim, cheguei à convicção de que alguém esperava ante a velha grade de ferro da cancela, fechada assim como a da casa. Gritei para o jardim, mas foi-me impossível dominar o ruído da chuva e fazer-me entender. A casa alvoroçou-se; abriram, por fim, as portas, e um homenzito velho chegou até ao meu quarto, com um embrulho. Eram seis e meia. Tratei de vestir-me, pois vivo muito longe do lugar da entrevista. Com efeito, o homem trazia as minhas coisas. Provei-as; estavam bem. Transição suspeita! Apresentou-me a conta. Aceitei-a e manifestei cortesmente a minha conformação. Queria que lhe pagasse no acto da entrega do fato. Assombrado, disse que nada tinha que ver com ele, que é simplesmente um empregado do meu alfaiate, a quem eu

encarreguei do caso e com quem me entenderei. O homem apertava; o tempo apertava. Apanhei o meu fato e comecei a vesti-lo; o homem apanhou o fato e impediu que eu o vestisse.

Violência da minha parte; violência da parte dele. Cena. Combati em fralda de camisa, tratando de vestir as calças novas.

Por último: atitude digna, ameaças sobranceiras, maldição sobre o meu alfaiate e o seu ajudante, juramentos de vingança. Entretanto, o homenzinho afastava-se, com o meu fato. Final do segundo acto: meditei em camisa, sentado no sofá, e pensei se uma labita preta estaria suficientemente bem para visitar Ricardo.

Lá fora, a chuva não afrouxava.

São oito e um quarto. Às oito e meia, estou sentado com Windisch, no café-teatro. Lanço-me na negra noite chuvosa negro homenzito sem fraque, mas preso de novelesca exaltação. A sorte é-me propícia. Até a cena com o alfaiate teve qualquer coisa de imensamente inusitado.

Entramos no agradável salão dos Brockhaus. Ninguém, a não ser a fam7ia mais íntima, Ricardo e nós dois. Sou apresentado a Ricardo e dirijo-lhe algumas palavras, exprimindo-lhe a minha veneração. Ele informa-se minuciosamente de como me familiarizei com a sua música; condena atrozmente todas as representações das suas óperas, exceptuando as famosas de Munique, e troça dos directores que, em tom suave, interpelam as suas orquestras, dizendo: "Senhores, agora apaixonadamente." "Queridos, ainda um pouquinho mais apaixonadamente." , Wagner diverte-se, imitando o sotaque de Leipzig.

Agora, contar-te-ei rapidamente o que nos proporcionou aquele serão: prazeres fortes, de tal maneira que ainda hoje não volto a entrar nas minhas normas anteriores, e nada melhor posso fazer do que tagarelar contigo, meu querido amigo, e anunciar-te maravilhosas novidades. Antes e depois de cear, Wagner tocou ao piano todos os trechos principais de "Os Mestres Cantores", imitando, além disso, com grande desem-

baraço, todas as vozes. É um homem fabulosamente vivaz e fogoso; fala muito depressa, é muito brincalhão e alegre e anima em extremo uma reunião íntima. Tive com ele uma prolongada conversa sobre Schopenhauer. Compreenderás que enorme prazer foi para mim ouvi-lo falar com entusiasmo indescritível do nosso filósofo, dizer o muito que lhe agradece e como havia sido o primeiro filósofo que reconheceu a essência da música. Depois, pediu-me notícias sobre a atitude actual dos catedráticos, com respeito ao mestre; riu-se muito, muito, do congresso dos filósofos, em Praga, 45 e falou dos “servos filosóficos”. Leu-nos um trecho da sua biografia, 46 que está a escrever - uma cena extremamente pitoresca da sua vida de estudante em Leipzig, na qual ainda não posso pensar sem rir às gargalhadas. Escreve com grande desenvoltura e é muito engenhoso. No fim, quando nos preparávamos para partir, apertou-me calorosamente a mão e convidou-me, com grande amabilidade, a visitá-lo, para falarmos de música e de filosofia. Também me incumbiu de familiarizar sua irmã e os seus íntimos com a sua música, do que me encarreguei com prazer. Contar-te-ei outras coisas, quando sentir esta noite mais distante de mim e possa colocar-me ante ela mais objectivamente. Por hoje, um cordial adeus e os meus melhores votos pela tua saúde.

Leipzig, 20 de Novembro de 1868

Meu querido Amigo:

Agora, que posso observar de perto a formigante tribo filológica e vejo diariamente o seu trabalho de toupeiras (cegos os olhos e cheias as bochechas, apressados e indiferentes ante os verdadeiros e até os mais prementes problemas da vida, e tudo isto não só na ninhada moça, mas também nos velhos que alcançaram todo o seu desenvolvimento) aparecem-me cada dia mais claramente os obstáculos de toda a espécie que, se quisermos permanecer fiéis ao nosso génio, nos cortarão o caminho. Quando o filólogo e o homem não se adaptam até moldar-se por completo, a mencionada tribo começa por admirar-se desse milagre; depois, enfada-se, e, por último, conforme acabas de experimentar em ti mesmo, ladra, arranha e morde. É bem claro que a velhacaria 4” de que foste vítima não era dirigida contra o teu trabalho, mas sim contra a tua personalidade. Eu também espero receber, em breve, um aviso análogo.

Que terá que ver a nossa personalidade particular, e o juízo que os outros formem dela, com o nosso trabalho numa determinada matéria? Pensemos em Schopenhauer e Ricardo Wag-

ner, e na indestrutível energia com que mantiveram erguida a sua fé neles próprios, apesar do “escândalo”, de todo o mundo “ilustrado”. E, se fosse permitido compararmo-nos a estes deos maximos, ficar-nos-ia sempre a consolação de que se não pode negar aos Kauz 4s o seu direito à existência, nem tampouco às pequeninas corujas, 49 como verás pela fotografia junta. Dois que se compreendem e cujos corações palpitam no mesmo ritmo, constituem um alegre espectáculo aos olhos dos deuses.

Nada há de mais lamentável do que, precisamente, agora, ao começarmos a verificação prááca da nossa concepção do Universo, ao explorarmos com os nossos tentáculos todas as coisas e suas relações, homens, estados, historias, religiões, escolas, etc., nos encontremos separados por tantas léguas um do outro, tenha cada um de nós de guardar só para si metade da sensação agradável ou dolorosa de digerir a sua concepção universal.

Seria consolador que, assim como dantes digeríamos juntos, no café Kintschy, as nossas comidas materiais, pudéssemos agora, simbolicamente, beber o nosso café do almoço e, no meio-dia da nossa vida, olhar para trás e para diante.

Mas não será tarde, quando, em Paris, 5o houver o grande “reconhecimento”, da nossa comédia, decerto no mais belo cenário do mundo, entre os mais bizarros bastidores e rodeados de muitos mimos.

Oh, que bela ilusão!

Portanto: longe de mim, comum realidade, empirismo vergonhosamente vulgar, Dever e Haver!.. . Seja esta carta toda a

como uma elevarla e aprazível saclação
oferecida ao amigo!

(Bebe-se o tinteiro) C51

Coro de ascetas: Ditosos aqueles que triunfaram no saudável
exame prático da inquietação!

A ERWIN ROHDE

Nau>nburg e Leipzig, em principios de Janeiro de 1869

Que bela saudação de Natal me mandaste para Naumburg, querido amigo !

Era no começo do primeiro dia de festa, e os sinos tocavam alegremente. Toda a gente recebeu, naquela manhã, o seu presente, e por essa razão, o dia era melhor do que os outros dias do ano. Eu próprio respirava a plenos pulmões a tépida brisa da minha terra natal, quando chegou o carteiro. E a minha alegria atingiu o auge.

Aqueles homens que se acostumaram a sentir-se solitários; que, considerando com um olhar frio os laços sociais e de camaradagem, viram os inconsistentes elos que unem o homem ao homem, elos tão fortes que basta um hálito de vento para fazê-los desaparecer; aqueles que, além disso, têm a prudência de evitar que a chama do génio os torne sós (a chama de cujo círculo luminoso todos fogem, porque tudo à sua luz aparece desprovido de sentido, vaidoso, seco e com um ritmo de dança macabra); aqueles também a quem uma indeterminada idiocrasia e uma rara mistura de desejos, talentos e anelos da vontade levaram à solidão; todos eles sabem que “milagre incompreensivelmente elevado , é um amigo. E, se são idólatras, terão de elevar, antes de tudo, um altar ao “desconhecido Deus que criou o amigo”.

Tenho, aqui, ocasião de observar de perto os elementos de que se compõe uma feliz vida familiar, e vejo que não há comparação possível, em altitude, entre ela e a amizade.

O mais quotidiano e o mais trivial, iluminados pela sensação comodamente indiferente do trajo caseiro - tal é a felicidade familiar, demasiado frequente para ter valor. Em contrapartida, a amizade. . . Há homens que até duvidam da sua existência. E

uma esquisita guloseima, de que só raros participam: só aqueles viajantes fatigados, para os quais “o caminho da vida é um atalho através do deserto”, quando caem sobre a areia, são consolados por carinhoso demónio que refresca os seus lábios com o divino néctar da amizade. Esses poucos, nos abismos e nas grutas onde, sem que ninguém os perturbe, oferecem sacrifícios aos seus deuses, cantam hinos belos à amizade, enquanto Schopenhauer, sumo sacerdote, eleva o cálice da sua filosofia.

Ao chegar ao ponto indicado na minha carta com N. B., chegou-me uma notícia que me forçou a interromper naquele período, e sair à rua. Ao voltar, todo o meu corpo tremia, e nem sequer, abrindo-te o meu coração, posso libertar-me do meu espanto. Absit diabolus! Absit amicissimus Erwirius! C52)

XVII

A ERWIN ROHDE

Leipzig, 22 e 28 de Fevereiro de 1869

Meu querido Amigo

Hoje, com ninguém mais do que contigo poderia falar intimamente; é o aniversário do nascimento de Schopenhauer, e vivo amarfanhado, na cinzenta nuvem da solidão, pela sociedade daqui. Mas, dia a dia, tenho de ceder à triste violência dos convites.

Oiço, nestas reuniões, tantas vozes, que me é impossível encontrar a minha própria.

Como se pode aguenta tal zumbido? Ou ele me fere porque eu tenho ouvidos de Calíope?

Porém, esse zumbido recorda o do mosquito, e tu sabes que este é o monstro musical por excelência, pois dois mosquitos juntos cantam sempre acordes.

Não encontro por aqui homens que estejam em harmonia comigo e cujas falas sirvam de belo acompanhamento às minhas. Até os melhores. . . que têm, segundo observei, o cordial desejo de ser, para mim, alguma coisa mais do que conhecidos, permanecem, não sei porquê, muito longe dos meus sentimentos. Assim, pois, não será isolamento o que terei de aprender em

62

Basileia.

Estive alguns dias no campo e, por isso, interrompi a minha carta. Volta hoje a mim o estado de espírito com que a comecei, porque recebi, como recordação do aniversário de Schopenhauer, um retrato do nosso mestre, devido à amabilidade de Wicike, e, ao mesmo tempo, um convite para ir a Plue, residência deste último, nos arredores de Brandemburgo. Ali, reu-

niu o nosso amigo, para a festa do dia 22, grande número de admiradores berlinenses de Schopenhauer, entre eles o nosso bom Gersdorff. Todos se regozijaram imensamente de que um dos seus tivesse obtido uma cátedra, e brindaram por ele. Não recorda isto as primeiras comunidades cristãs e a sua embriaguez causada pelo doce vinho? Como lema daquele dia, adoptou-se o seguinte aforismo: “Porque há-de ser sempre mal considerada a preocupação de gozar o mais possível o presente, o único seguro, se a vida inteira é apenas um pedaço do presente, e, como tal, passageira em absoluto?” f53)

Na mesa, fez a sua brilhante aparição o consabido cálice de prata; houve um pequeno discurso e, depois do assado, leu-se um capítulo da obra póstuma de Schopenhauer.

Também o dia de hoje será consagrado a um mestre. Estou convidado para um repasto íntimo, no Hotel de Pologne, para travar conhecimento com Francisco Liszt. Há pouco, tornei-me notado pelas minhas opiniões sobre a música do futuro, etc., e sou muito solicitado pelos seus partidários. Querem dar-me parte activa, literariamente, nos seus interesses. Mas não tenho o mínimo desejo de começar a cacarejar em público como qualquer galinha. Acrescente-se a isto que os senhores meus irmãos in Wagnero são, na sua maior parte, muito obtusos e escrevem repugnantemente. Isto faz que careçam em absoluto de conexão com aquele génio, só tenham olhos para a superfície e não para a profundidade, originando a ignomínia de que a escola imagine que o progresso, na música, consiste precisamente naquelas coisas que a originalíssima natureza de Wagner deixa aparecer,

como borbulhas, à superfície, aqui e além, e não no puro e essencial. Para a compreensão do livro Ópera e Drama, não está amadurecido nenhum desses maçadores.

Ainda não te contei nada da primeira representação, em Dresden, dos “Mestres Cantores”, grandioso maná artístico que este Inverno me trouxe. Sabe Deus quanto de músico devo ter dentro de mim, pois, durante todo o tempo em que estive executando a obra, experimentei a forte sensação de estar no meu verdadeiro ambiente, e as minhas outras ocupações apareciam-me como névoa distante, da qual houvesse logrado libertar-me. Actualmente, estende-se, de novo, diante de mim, a tal neblina espessa e pesada. Anunciei para o semestre estival duas conferências. Uma, particular, sobre “História da lírica grega, com interpretação de trechos escolhidos”; outra, pública, na qual tratarei da “Metódica investigação das fontes da história da literatura grega”. Também exigirão tempo e trabalho, o ensino do grego e o estudo filológico. E, em volta disto, é a solidão – a solidão sem amigos, nem ruídos!

De momento, vivo distraído, e até buscando os prazeres num desesperado Carnevale, antes da ande Quarta-Feira de Cinzas do filisteísmo. Isto acabrunha-me, mas nenhum dos meus conhecidos o entende. Deixam-se deslumbrar pelo título de “catedrático”, e julgam que sou o homem mais ditoso que existe no Globo.

Meu mais querido amigo: em cada dia que passa, sinto com maior pesar a nossa separação. Somos ambos “virtuosos” de um mesmo instrumento, instrumento que outros homens não querem nem podem escutar, mas que em nós produz o mais profundo encanto. E, sendo assim, estabelecemo-nos cada um em distinta costa solitária: tu no Norte, eu no Sul, e somos ambos desgraçados, porque nos falta o acordo harmónico dos nossos instrumentos, e vivemos a desejá-lo.

Naumburg, 13 de Abril de 1869

Meu querido Amigo:

O último prazo expirou; chegou a última noite que passo na minha pátria; amanhã cedo partirei para o vasto mundo; vou dedicar-me a nova e não costumada actividade, numa pesada e agressiva atmosfera de dever e trabalho. De novo temos de nos dizer adeus; passou sem remissão a dourada época de livre actividade ilimitada, do presente soberano, do gozo do mundo e da arte como espectador desinteressado ou, pelo menos, fracamente interessado. Agora, reina a severa deusa do dever quotidiano. "Bemoester Bursche sich ich aus." Tu conheces o comovedor "lied" académico. Sim, sim, eu também tenho de ser flisteu! Em toda a ocasião e lugar, esta frase comprova a sua verdade. Os empregos e dignidades pagam-se. Cuida-se, apenas, de saber se as algemas de cada um são de ferro ou de latão. Eu ainda tenho o valor de quebrar as minhas algemas, quando é necessário, e intentar reconstruir, de maneira nova e noutra lugar, essa vida azarenta. Ainda não encontro em mim nem sombras da fadiga característica do professor. I,éus e todas as musas me preservem de ser flisteu, homem abandonado

pelas musas, homem de rebanho! Além disso, não sei como teria de arranjar-me para chegar a sê-lo, uma vez que actualmente o não sou. É certo que estou, agora, num género de filisteísmo, o do “homem especializado”, mas é natural que o labor diário e a contínua concentração do pensamento sobre determinados problemas e sectores científicos embotem um pouco a livre sensibilidade, e ataquem, nas suas raízes, o sentido filosófico. Ainda imagino que poderei escapar a este perigo com mais paz e segurança do que a maior parte dos filólogos. A severidade filosófica arreigou-se profundamente em mim, e o grande mestre Schopenhauer mostrou-me, com bastante clareza, os verdadeiros e essenciais problemas da Vida e do Pensamento, para que eu nunca tema chegar a uma ignominiosa apostasia da “ideia”. Injectar este novo sangue à minha ciência, levar aos meus ouvintes aquela severidade schopenhaueriana impressa na fronte do homem sublime, eis o meu desejo e a minha ousada esperança. A vontade de ser algo mais do que um adestrador de bons filólogos, a geração de professores actuais; o cuidado pela jovem ninhada que nos há-de suceder; tudo isto adeja ante a minha alma. Se temos de exteriorizar a nossa vida, intentemos empregá-la de maneira que, quando nos redirmos dela com felicidade, os outros a bendigam como valiosa.

Para ti, caro amigo, com quem estou de acordo em muitas interrogações basilares da vida, desejo a felicidade que mereces; para mim próprio, a tua velha e fiel amizade. Adeus!

Basileia, 16 de Junho de 1869

Querida Mãe

Deixa-me contar-te alguma coisa de teu filho, o livre helvético. Só há a contar coisas alegres e agradáveis, puro “leite e calda de açúcar”, comparação que os pequenos-almoços suíços facilmente me sugerem. É certo que a minha vida é bastante diferente daquela a que estava acostumado; nada resta daquela soberana liberdade, daquela indiferença pelo dia e pela semana. Sinto, agora, nitidamente, como ainda a mais desejada actividade constitui, quando tem de ser exercida como emprego ou profissão, grilheta pela qual puxa, impaciente, a nossa vontade. Invejo o meu amigo Rohde, que vagueia, livremente como um animal no deserto, por Campânia e Etrúria. O pior para mim é, como podes calcular, a horrenda turba dos meus “ilustres” colegas, que se esforçam, como se tal constituísse uma obrigação, em convidar-me diariamente, de tal maneira que já sou perito na arte de recusar convites habilidosamente. Quanto ao resto, as pessoas mostram-se bem dispostas para comigo, e aqueles que viram com desagrado 54 a minha chegada aqui já se resignaram ante o irremediável, ou, conhecendo-me mais de

perto, viram desvanecidas as suas prevenções. Especialmente importante, neste sentido, foi o meu discurso de apresentação, pronunciado há pouco, numa aula mais concorrida do que é ! costume nestes casos. Versou sobre “A personalidade de Homero”, e com ele esta gente convenceu-se de muitas coisas. Segundo notei claramente, firmou-se muito a minha posição. Estaria mais contente se tivesse em Basileia o meu amigo Rohde; é doloroso ter de voltar a procurar, como artigo de primeira necessidade, um amigo ínámo e conselheiro.

Já falei de ti ao meu colega Burckardt, que se ocupa, com grande talento, de História de Arte, e ao economista Sch mberg, pois considero-os dignos de se tratar com eles.

É para mim da maior importância ter, em Lucerna 55 não tão próximo como eu desejaria, mas também não tão longe que não possamos aproveitar os dias livres para nos reunirmos, o amigo mais desejado: Ricardo Wagner, tão grande como homem, e tão extraordinário como artista. Com ele e com a genial senhora de B • low, filha de Liszt, passei já vários dias felizes, por exemplo: os últimos sábado e domingo. A moradia de Wagner está maravilhosamente situada na margem do lago, ao pé de Pilatus, num isolamento encantador. Vivemos ali na mais animada conversação, dentro do mais amavel círculo familiar, e alheios em absoluto à trivialidade habitual das reuniões de sociedade. Isto foi para mim um verdadeiro milagre.

A FREDERICO RITSCHL

Hotel Pilatus, Klimeshorn,
2 de Agosto de 1869

Respeitável e querido Senhor Conselheiro Secreto:

Pela primeira vez, em completo gozo de férias, experimento uma sensação que não conhecia desde os meus tempos de colegial.

Os meus anos de estudante não foram mais do que um voluptuoso vaguear pelos campos da Filosofia e da Arte, e, com íntimo agradecimento para si, que foi o “destino” 56 que até agora guiou a minha vida, reconheço a necessidade e oportunidade da nomeação que me converteu de “estrela errante” em “fixa” e tornou a deixar-me saborear o prazer do trabalho amargo, mas ordenado e o do f Im certo e firme! Que diferente é a maneira como o homem cria, quando sente atrás de si a santa fatalidade da profissão! Que tranquilo dorme, e como sabe com certeza, ao despertar, o que dele exige o novo dia! Isto não é, de modo algum, filisteísmo. Sinto agora, como se tivesse reunido grande quantidade de folhas dispersas, e formado um livro. “E isto alegra muito o livro”, para falar à maneira do pouco gramatical Kórner. 5”

Mas para que o aborreço com estes sentimentos? Unicamente para mostrar-lhe com que profundo agradecimento admiro, na feliz transformação efectuada na minha posição na vida, a sua penetração pedagógica, que solucionou, acertadamente no meu caso, um problema de importância, e não sem riscos e perigos. A solidão e o retiro do sítio onde estou convida-me a meditar intensamente no caso.

Aqui, no cume do Pilatus, envolto em nuvens, sem qualquer horizonte, revela-se-me a forma por que foi conduzida a minha vida, até ao dia, numa luz tão maravilhosa, e reconheço o favor de me ter sido permitido viver tanto tempo a seu lado, como uma alavanca da minha vida interior e exterior, tão importante que tenho de pegar na pena imediatamente para lhe dar conta dos meus renovados e calorosos sentimentos de gratidão.

XXI

AO BARÃO DE GERSDORFF

Hotel Pilatus, Klimeshorn,
4 de Agosto de 1869

Não podes imaginar, meu querido amigo, o quanto me emocionou a tua última carta, e quão claramente me deu a sensação do nosso acordo. A tua voz, saindo da penosa preparação do exame e em meio da formigante agitação da cidade, soou aos meus ouvidos como a de um homem severo que aspira ao melhor e ao mais digno; um homem que, afastado dos caminhos próprios da sua idade e dos seguidos pelos seus companheiros de profissão, se encontra satisfeito e no lugar que lhe é adequado, dentro de um limitado círculo de eleitos, dedicados a especular sobre as mais importantes interrogações. Este mundo espiritual em que tu vives é e será sempre, acredita-me, o meu predilecto, e não me deixarei separar dele, de nenhum modo, pela minha actividade filológica, antes, pelo contrário, trabalho na construção da ponte que há-de unir o desejo interior com o

dever exterior. Assim, no próximo semestre, lerei uma “História dos Filósofos Pré-Socráticos”, na qual terá de incluir-se tudo quanto sirva de forte alimento espiritual para os meus ouvintes, e os conduza, sem eles o notarem, até aos mais sérios e

dignos pensadores.

Além disso, encontrei um homem que revelou, como nenhum outro, aos meus olhos, a imagem daquilo que Schopenhauer chama "o Génio", e está compenetrado da filosofia maravilhosamente intensa do mestre. Este homem é Ricardo Wagner, sobre quem não deves acreditar nada do que se diz na Imprensa, nem sequer nos artigos dos entendidos em música. Ninguém o conhece e ninguém pode julgá-lo, porque toda a gente se baseia em fundamentos diferentes dos seus e ninguém se sente à vontade na sua atmosfera. Nele predomina um idealismo absoluto, uma profunda e comovedora humanidade, uma elevada severidade. A seu lado, sinto-me junto do Divino. Já passei muitos dias na sua vila, perto do lago dos Quatro Cantões, e sempre é nova e inesgotável a sua maravilhosa natureza. Uma prova disso é o manuscrito, que ontem me entregou, sobre "Estado e Religião", trabalho profundo, destinado a esclarecer o seu "jovem amigo" - o rei da Baviera - acerca da posição íntima a adoptar perante estes dois poderes. Nunca se falou a um rei de modo mais digno e filosófico. Ao lê-lo, senti-me plenamente elevado e comovido pelo idealismo que nele há, e que parece nascer do espírito de Schopenhauer. "Um rei pode compreender, melhor do que ninguém, o sentimento trágico da vida. Por tal razão, corresponde-lhe o direito de graça, etc."

Alegra-me, brevemente, com notícias sobre a tua acção in partibus infidelium, Ss) e recebe as cordiais saudações do teu dedicado.

Fritz Nietzsche.

Um livro importante para ti é a Filosofia do Inconsciente, de Hartmann, apesar da má fé que contém. Procura, depois, Arte e Política Alemãs, e Ópera e Drama, de Ricardo Wagner.

XXII

AO BARÃO DE GERSDORFF

Basileia, 28 de Setembro de 1869

Meu querido Amigo: C59)

Vais conhecer o efeito que produziu em mim a tua última carta. Também eu, quando a recebi, tinha deixado de pertencer aos “sarcófagos ., 6o) Recordo que já fiz, em Leipzig, após a leitura de Shelley, uma tímida tentativa para te demonstrar os paradoxos da alimentação vegetariana, e respectivas consequências. Infelizmente, o local era pouco propício: estávamos no restaurante Mahn, perante umas costeletas. Perdoa este vulgar pormenor minucioso da minha recordação. Eu próprio estou assombrado, mas o contraste da tua natureza com a concepção do vegetarianismo universal manifestou-se-me, então, com tamanha força que até as minudências ficaram gravadas em mim.

Depois desta primeira confissão, outra: estou, novamente, convencido de que todo o vegetarianismo é uma falsa mania e, além disso, das mais suspeitas. Creio não ter agora ao alcance todas as razões que, nos últimos tempos, me fizeram chegar a tais convicções. Passei uns dias, como faço com frequência, ao lado de uma pessoa que levou a cabo, durante largos anos,

idêntica abstinência e que, portanto, pode falar disso: Ricardo Wagner. Ele apresentou aos meus olhos, exaltada e calorosamente, os erros e as perversidades dessa teoria e da sua prática. O principal, para mim, é que também nisto pode ver-se claramente aquele optimismo que surge sempre à superfície com formas maravilhosas. Tão depressa vem o socialismo como o vegetarianismo, a proclamarem ser possível restabelecer a felicidade e a harmonia, unicamente com o repúdio de qualquer atitude pecami os ente antinatural. A nossa sublime filosofia ensina, em troca, que, onde quer que acudamos, encontraremos sempre a plena corrupção, a pura vontade de viver, e que, perante isto, são insensatas todas as curas paliativas.

É certo que a consideração pelos animais é qualidade que adorna o homem nobre; mas a Deusa Natureza, imoral e cruel, com grande instinto, conduz os povos da nossa zona ao horrível carnivorismo, enquanto que, nos países cálidos, onde os macacos vivem de vegetais, podem também os homens satisfazer-se com estes, seguindo o mesmo imperioso instinto. Também, entre nós, cabe o vegetarianismo absoluto, mas só em homens especialmente vigorosos e de grande actividade corporal, ainda que constitua, em todo o caso, prática contra a Natureza. E esta vingasse à sua maneira, como Wagner pôde comprovar pessoalmente, e no mais alto grau. Um dos seus amigos chegou a ser vítima da experiência, e ele, Ricardo, crê que já não seria vivo se tivesse persistido nesse regime alimentar. A regra que, na questão, nos dá a experiência, é esta: as naturezas que produzem intelectualmente, e as intensamente espirituais, têm de alimentar-se de carne. A outra alimentação fica para os operários e trabalhadores do campo, que não passam de máquinas de digerir. Há, além deste, outro ponto de vista importante: um processo tão anormal de subsistir consome, pela luta que produz em todo o organismo, uma incrível quantidade de força e energia do espírito, ao qual se subtraem desta forma aspirações nobres e de geral utilidade. Aquele que queira consti-

tuir, com a sua prática, alguma coisa nova e inaudita, cuide de fazer algo de nobre e grande; mas nunca uma teoria em que se trate apenas da conservação da matéria. E, se pode admitir-se existirem pessoas que atingem o martírio por tais coisas, não quererei eu contar-me no número delas, enquanto houver no

terreno espiritual qualquer bandeira para manter erguida. Bem sei, meu querido amigo, que na tua natureza há qualquer elemento heróico ansioso de criar um mundo cheio de lutas e penas, mas receio que uns quantos imbecis sem importância queiram malbaratar esta nobre inclinação tua, pondo-a ao serviço de semelhante princípio. Considero toda a produção literária excessivamente difundida sobre este assunto um cúmulo de mentiras infames, ainda que ditadas por fanatismo honrado e louco. Lutemos, sim, mas quando seja preciso e não contra moinhos de vento. Pensemos na luta e no ascetismo dos verdadeiros grandes homens: Schopenhauer, Schiller, Wagner!

Começo outra folha de papel, porque, realmente, me preocupa muito não poder estar de acordo contigo a este respeito. Até o conseguir, e para te provar a minha bem intencionada energia, tenho-me mantido, até agora, na disciplina que discutimos e que penso não abandonar, enquanto o permitires. Para que há-de levar-se a temperatura até ao exagero? Sem dúvida, porque é mais fácil ocupar um ponto extremo do que andar sem vacilação pelo doirado caminho médio.

Reconheço que nos hotéis nos acostumam a uma “superalimentação”; motivo por que eu não entro em nenhum. Também vejo claramente que uma temporária abstinência de carne é, por motivos dietéticos, útil em extremo. Mas porquê - falando como Goethe - “fazer religião” disso? A razão é que a maioria está dentro de todas estas singularidades, e o que amadureceu para o vegetarianismo, também está amadurecido para o ragoilt socialista.

Também nisto Schopenhauer exprimiu e agiu com a infalível segurança do seu grande instinto. Bem sabes onde. t61)

Não quero falar mais sobre este ponto, mas sim de tudo o que se refere ao nosso mestre. Vivo colocado num centro do qual partem e se estendem por todo o mundo fios schopenhauerianos. Quando nos tornarmos a reunir, falar-te-ei do schopenhauerianismo de Wenkel, e do de Wagner, o qual está penetrado e consagrado em absoluto por esta filosofia. Também te lerei as cartas interessantes, pela sua riqueza de ideias, dos meus amigos, os doutores Rohde (Florença) e Romundt (L,eipzig) que estão cheios da mais profunda e característica essência das ideias do mestre.

Por último, e a falar de mim, dir-te-ei que tal concepção do Universo cada dia penetra mais e mais no meu pensamento, mesmo no científico, como observarás quando te mandar o meu discurso de apresentação. Trata de “A Personalidade de Homero ., e é preciso que se esteja muito familiarizado com o mestre, para notar onde se enraíza neste discurso o encanto do seu modo de pensar.

No próximo Inverno, terei ocasião de ser útil à nossa causa. Anunciei uma “História dos Filósofos Pré-Socráticos ., uma conferência sobre Homero e Hesíodo, e dissertações públicas, “Sobre a estética dos trágicos gregos” e sobre “O antigo drama musical ., Wagner virá de Tribschen para ouvi-las.

Já te escrevi acerca do valor que tem Wagner para mim: é a encarnação do que Schopenhauer chama “um génio”.

Creio poder estar contente com a minha actividade académica, cujo primeiro semestre acaba de terminar. Noto nos meus ouvintes o mais vivo interesse e verdadeira simpatia, coisas que se revelam no facto de virem frequente e gostosamente pedir-me conselhos.

Mas é uma vida fatigante, acredita. Ai! Se não tivesse sido forçado a escrever todas estas palavras!. . . O calor e a energia do sentimento desaparecem ao fixar-se no papel, envolta em tinta, a primeira palavra. E, apesar disso, espero alguma coisa desta minha carta. Ou, porventura, não devo esperar?

De qualquer modo, e pelo menos, espero uma resposta imediata.

77

76

AO BARÃO DE GERSDORFF

Basileia, 11 de Março de 1870

Meu querido Amigo:

Ter-te-ia escrito há mais tempo, se não tivesse vivido toda esta última época na maravilhosa crença de nada saber de ti. Julgava que a tua nova profissão jurídica trouxera consigo uma modificação de todas as outras circunstâncias; e estava quase a dirigir-me à Comissão Roberstein, de Berlim, solicitando notícias da tua pessoa, quando recebi duas cartas tuas seguidas. Ambas me impressionaram fortemente e despertaram em mim ardentes desejos de tornar a ver-te. Que pensas de uma viagem pela Suíça, no próximo Verão, até ao mês de Julho?

O facto de estarmos de acordo sobre Ricardo Wagner constitui para mim valiosa prova da nossa união espiritual, porque é muito difícil não nos enganarmos ao apreciá-lo. É necessário um sólido vigor viril para resistirmos à espantosa gritaria que se levanta contra ele, sem sermos induzidos em erro. Além de que, no partido contrário, há pessoas de grande inteligência e combatividade. Schopenhauer tem de ajudar-nos a resolver este conflito, tal qual fez Wagner, na prática e como artista.

Duas coisas tenho eu sempre presentes.

78

Ie - A concepção universal e artística de Wagner, a qual, cheia de uma severidade inacreditável e de uma profundidade verdadeiramente germânica, ressoa na sua música e é - assim como o ascetismo e a negação da vontade schopenhaueriana - uma abominação para a maioria dos homens da nossa época. 2.ª - Os nossos "judeus" - e tu conheces toda a extensão alcançada por este conceito - odeiam, sobre todas as coisas, o

idealismo wagneriano, esse idealismo que o aproxima de Schiller, mais que de qualquer outro, esta luta magnânima e ardente para fazer raiar, por fim, o “dia dos nobres”, o cavalheiresco - o que mais repugna à turba política e pública actual. Há que juntar a estas duas coisas, que frequentemente se encontram em pessoas de talento, uma tendência para a contemplação indolente, como se não fosse necessário um trabalho pessoal e um penetrante estudo para atingir a compreensão de um tal artista e de tais obras de arte. Quanta alegria sinto, por saber que estudas, cuidadosamente, o livro Ópera e Drama! Comuniquei-o imediatamente aos meus amigos de Tribschen, para os quais os outros amigos meus não são desconhecidos. E se, a pretexto da primeira representação dos Mestres Cantores, quiseses escrever uma extensa e minuciosa carta a R.W., dar-nos-ás grande alegria e, em Tribschen, ficar-se-á sabendo melhor quem és. Temos de supor que, se vieres visitar-me, iremos lá os dois. Conhecer verdadeiramente de perto um génio assim constitui um inesgotável enriquecimento da vida. Para mim, tudo o que há de melhor e mais belo está unido aos nomes de Schopenhauer e de Wagner, e sinto-me orgulhoso e feliz por coincidir neste ponto com os meus amigos mais próximos. Conheces já Arte e Política ? Anuncio-te a publicação de um pequeno escrito “Sobre o dirigir”, que só pode comparar-se com Pro Formas de Filosofia, de Schopenhauer.

Sinto muito a desgraça de teu irmão. Reunimo-nos em Leipzig, com frequência, depois da tua partida, e dei-lhe sempre a minha estima. Esperemos que tudo volte à normalidade. E as-

sim, universal, a nossa vida! Por todos os lados, o espantoso abre as suas fauces. Há que manter a coragem, o valor, e, para isso, quanto se necessita de contar bons amigos! A solidão é desconsoladora em excesso.

vvv

24

XXIV

A PAUL DEUSSEN

Basileia - Primavera de 1870

Meu querido Amigo:

Comparando a tua última carta com toda a tua anterior literatura epistolar, observa-se uma incrível diferença. Finalmente, desapareceu, agora que falamos a mesma linguagem e não sentimos coisas diferentes ao pronunciar as mesmas palavras, aquela separação q d t t t t t É

ue uran e an o empo exis iu entre nos.
possível que, se tivéssemos estado sempre juntos, houvéssemos evitado e substituído por um atalho mais natural e suave, o penoso caminho, nem sempre plano e direito, que tens seguido até alcançar o actual grau de educação. Tu tens sido, entre os meus amigos, o último que encontrou a senda da sabedoria. Agora abrigo, finalmente, também a teu respeito, as melhores esperanças. Muitas névoas deixaram de cegar teus olhos. Certo é que, como sucede comigo, te sentirás mais solitário do que nunca. É que, para nós, se tornaram inacessíveis muitas posições deslumbrantes da vida. Em compensação, também já nos não parecem dignas de esforço para alcançá-las. O nosso destino é a solidão espiritual e, às vezes, uma conversa com os que estão de acordo connosco. Mais do que ninguém, necessitamos

81

dos consolos da Arte. Não queremos converter ninguém, porque sentimos que o abismo que nos separa dos ouros foi aberto pela própria Natureza. A piedade chega a constituir o nosso sentimento mais íntimo. Emudecemos quase por completo. Eu tenho dias (e muitos!) em que só falo o imprescindível para o desempenho do meu cargo, e nada mais. Verdade é que possuo a dita incalculável de ter como amigo positivo o verdadeiro irmão espiritual de Schopenhauer, que é, com respeito a este, o mesmo que Schiller em relação a Kant. É um génio que sofreu o destino espantosamente sublime de vir ao mundo um século antes de poder ser compreendido. Esta amizade tem-me feito penetrar nas profundidades daquela concepção idealista do Universo. Apercebo-me também de que todos os meus esforços filosóficos, morais e políticos, tendem agora para um só e único fim e que, talvez o primeiro entre todos os filósofos, vou a caminho de ser uma totalidade. A História, e, sobretudo, o helenismo, aparecem ante mim rejuvenescidos e transfigurados.

Quisera enviar-te já todas as minhas conferências, mas principalmente a última, "Sócrates e a Tragédia". Têm sido acolhido ódios e
das aqui como uma sene de paradoxos e tem levanta cóleras. Podem vir os ataques e o escândalo! Olvido toda a esd derações quando se trata do primordial. Sejamos

111Ã.J 11111\inr viu,
á '

são da nossa teoria cósmica.

Agora nascem-te desejos de te desembaraçares das tuas novas experiências e de me escreveres com maior frequência
7,

Pois dificilmente encontrarás quem tenha passado por mais conversões e tenha amado mais, nos outros, o neofitismo apaixonado.

AO BARÃO DE GERSDORFF

Naumburg, 20 de Setembro de 1870

Meu querido Amigo:

Esta manhã trouxe-me a mais agradável surpresa e libertou-me de graves inquietações. Refiro-me à tua carta. Ainda anteontem me assustou muito ouvir pronunciar, em Pforta, o teu nome, em tom de dúvida. Tu sabes o que significa, na actualidade, essa entonação dubitativa. Perante isto, requeri do reitor uma lista de alunos caídos no campo de batalha, (62) lista que recebi ontem e que me tranquilizou sobre o que mais me interessava (interrogação), Kiedesel, etc. In summa, 16!

Tudo o que escreves me comoveu profundamente; sobretudo o tom severo e leal com que falas da prova de fogo que está sofrendo a nossa comum concepção do Universo. Também eu levei a cabo igual experiência; também para mim estes meses constituem uma época na qual se me têm confirmado e se têm manifestado, como bem arreigados, os dogmas fundamentais. (63) podemos morrer com eles, e isto vale mais que dizer: “Com eles podemos viver. ,

82 83

Nem eu tenho estado em absoluta segurança e fora dos perigos desta guerra. Ao ser declarada, apresentei aos meus superiores o pedido de licença para cumprir, como soldado, o meu dever de alemão, o que me foi concedido, mas sob compromisso de não transportar a as, por causa da neutralidade suíça. (Desde 69 que não tenho direito à nacionalidade prussiana.)

Então, pus-me a caminho, acompanhado por um excelente amigo, a fim de prestar serviços como enfermeiro voluntário. Este amigo, com quem tudo foi comum, durante sete semanas, é o pintor Mosengel, de Hamburgo. Ao voltar o tempo de paz, far-te-ei travar conhecimento com ele. Sem o seu valoroso apoio, dificilmente resistiria aos acontecimentos que passo a descrever: em Erlangen, vários colegas meus da Universidade deram-me instruções sobre medicina e cirurgia. Tínhamos, ali, 200 feridos. Daí a poucos dias, fui encarregado especialmente de prestar assistência a quatro - dois prussianos e dois zua-vos. A dois deles, declarou-se-lhes a difteria cutânea, e tive de dar muitas piticeladas. Quinze dias após, fomos enviados, Mosengel e eu, para uma sociedade de socorros, com o fim de cumprirmos vários encargos particulares e fazer chegar às mãos de oitenta enfermeiros, enviados anteriormente, uma considerável soma de dinheiro.

O nosso plano era reunirmo-nos com o meu colega Zimssen, em Pont-à-Mousson e agregarmo-nos ao grupo de quinze homens que o seguia. Isto não pôde realizar-se. O cumprimento dos nossos deveres foi-nos muito difícil. Necessitávamos absolutamente de informações precisas, e tivemos de fazer grandes marchas a pé e, com indicações muito vagas, investigar, nos lazaretos de Weissenburg, no campo de batalha de Wóρθ, ; em Hagenau, Luneville, Ranzig e até Metz. Em Ars-sur-Moselle, entregaram-nos vários feridos que deviam ser transportados a Karlsruhe. E voltámos com eles. Tive de assistir a seis ; feridos graves, durante três dias e três noites. Mosengel cuidou de cinco. O tempo estava péssimo e tínhamos de manter os

84

carros fechados, para que a chuva não caísse sobre os pobres homens.

O cheiro que havia lá dentro era aflitivo. Para mais, os meus

doentes sofriam de disenteria, e dois deles de difteria. Concretizando: trabalhei espantosamente e, depois de ter passado três horas pela manhã, e outras três pela tarde, colocando ligaduras, e ter ainda de atender durante a noite às necessidades físicas dos pacientes, tornava-se-me impossível repousar. Quando entreguei os meus feridos no lazareto, caí gravemente doente. Apareceu-me uma perigosíssima disenteria e difteria bocal. Cheguei a Erlangen com dificuldade e ali fiquei de cama. Mossengel teve forças para se sacrificar e ficou a tratar de mim, sacrifício não pequeno, dado o carácter dos meus males. Após vários dias de atormentadoras injeções de ópio, tanino e misturas de pedra infernal, foi dominado o primeiro perigo. Ao fim de uma semana, pude partir para Naumburg, mas ainda não estou bom. A atmosfera dos acontecimentos envolveu-me de maneira tal que, durante algum tempo, continuei a ouvir um lamento infinito. 64 O meu propósito de voltar ao teatro de guerra tornou-se, portanto, impossível. Agora, tenho de me contentar com isto: assistir e apiedar-me, à distância.

Faço votos por ti, meu querido amigo. Ambos sabemos o que a vida tem de estimável. Mas temos de viver, e não para nós. Portanto, vive, meu muito querido amigo. Conheço a tua heróica natureza. Oxalá eu te não perca!

XXVI

AO BARÃO DE GERSDORFF

Basileia, 7 de Novembro de 1870

Meu querido Amigo:

Espero que seja bom o estado físico em que te encontre esta minha carta, e que o de espírito seja pelo menos tolerável. Este último seria incompreensível para mim, dadas as circunstâncias actuais, se não o explicasse o facto de sabermos o que a existência é, e o que significa.

Quando, como agora, se abrem os espantosos abismos do ser e se amplia o reino da dor, temos o direito de passar através de tudo isso como “sábios >. Isto dá-nos coragem, resignação e força para resistir, sem que nos convertamos em estátuas de sal. Tenho-me atirado com ansiedade às ciências. E volto a cumprir a minha regular actividade profissional. Somente desejo sentir-me com mais saúde. O meu organismo ficou abalado com o ataque de disenteria, e ainda não recuperou o muito que perdeu. Tenho sido bem recebido em Basileia. Também de

Tribschen recebi boas notícias. Wagner e sua mulher enviam-te as suas melhores saudações e desejos de bem-estar. (Já sabes ' que a boda se realizou em Agosto? Fui convidado para testemunha; mas não pude assistir por me encontrar, então, em

86

França.) Wagner mandou-me, há uns dias, um maravilhoso manuscrito intitulado “Beethoven”, no qual se encontra uma profundíssima filosofia da música, absolutamente de acordo com a teoria schopenhaueriana. Publica-se este tratado em honra de Beethoven, e é, na realidade, a maior homenagem que a nação podia tributar-Lhe.

Durante o Verão, escrevi um trabalho sobre “A concepção dionisiaca do Universo”. 65 Considera-se nele a antiguidade grega sob o aspecto de que mais nos podemos aproximar agora, graças ao nosso filósofo. Porém, estes estudos são, por enquanto, só para mim. Só desejo que me deixem tempo para amadurecer completamente as ideias, e poder produzir a valer. Tenho as maiores preocupações quanto à marcha da civilização, nos tempos próximos. Oxalá não tenhamos de pagar os enormes êxitos nacionais com perdas noutros sectores, minoração com que, eu pelo menos, não me resignaria. Dir-te-ei, confidencialmente, que a Prússia actual me parece constituir um extraordinário perigo para a civilização. Penso, mais para diante, desvendar, em público, tudo quanto respeita à educação. Que outro se encarregue de proceder de igual forma quanto às intrigas religiosas que, em Berlim, se forjam a favor do poder clerical-católico. É muito difícil permanecer senão no meio da embriaguez geral. Mas nós devemos ser suficientemente filósofos para consegui-lo, evitando, assim, que os ladrões venham, nos roubem e nos façam sofrer uma perda que eu não julgaria compensada pelos maiores triunfos militares, nem sequer por todas as glórias nacionais.

Há necessidade de combater para o período de civilização vindouro. Conservemo-nos, pois, onde estamos. Penso sempre em ti. Que o génio do futuro almejado te proteja e guie!

XXVII

A ERWIN ROHDE

Basileia, 15 de Dezembro de 1870

Meu querido Amigo:

Ainda não decorreu um minuto, depois da leitura da tua carta, e já me disponho a responder-te. Quero informar-te imediatamente que participo dos teus sentimentos e que, como tu, consideraria ignomínia sair, por meio de um violento esforço, desta anelante espera que nos consome. Escuta o que ferve no meu espírito: arrastaremos ainda um par de anos esta existência universitária, considerando-a penoso ensinamento que tem de se suportar, ainda que com assombro. Seja esta época uma dura aprendizagem, necessária para poder, depois, ensinar - tarefa cujo aperfeiçoamento acho de meu dever, ainda que as minhas ideias sejam mais elevadas.

Com o tempo tenho reconhecido a justiça da doutrina schopenhaueriana sobre a sabedoria universitária. Aqui é impossível ser radicalmente sincero, e nunca poderá tornar-se isto como ponto inicial de qualquer coisa verdadeiramente revolucionária.

Só utilizando todas as alavancas que podem arrancar-nos deste ambiente, e sendo, não só mais sábios, mas sobretudo melhores, poderemos chegar a verdadeiros mestres. Também

qui experimento, perante tudo, a necessidade de ser sincero, e : por isso não suportarei muito tempo a atmosfera académica.

Por conseguinte: é preciso libertarmo-nos deste jugo, primeiro; depois, fundaremos uma nova academia grega. Romundt está, sem dúvida, a nosso lado. Tu conheces já, desde a tua visita a Tribschen, o plano de Wagner sobre Bayreuth. Tenho pensado muito que, simultaneamente com a execução dos seus planos, talvez devamos, pelo nosso lado, proclamar um rompimento com a Filologia e sua perspectiva cultural. Preparo uma grande adhortatio dirigida a todos aqueles que não estão

asfixiados pelo presente ou sumidos nele.

Quanto é de lamentar que tenha de escrever-te sobre tais coisas, em vez de ser cada uma destas ideias objecto de uma larga conversa contigo! Não conheces tudo o que está construído sobre elas, e o meu plano parecer-te-á, talvez, um excêntrico gracejo. E não é nada disso. É uma necessidade.

Um livro de Wagner sobre Beethoven, que acaba de publicar-se, poderá indicar-te muito do que eu desejo do futuro. Lê-o; é um anúncio do espírito em que vivemos - nós! - no futuro. Ainda que tenhamos poucos adeptos, creio que poderemos sair um pouco desta corrente - embora com algumas perdas - e alcançar uma ilha, na qual não tenhamos de tapar os ouvidos com algodão. Seremos, então, mestres uns dos outros, e os nossos livros serão unicamente anzóis com que apanharemos alguns para o nosso agrupamento artístico-claustral. Viveremos, trabalharemos e gozaremos uns para os outros, e talvez seja esta a única maneira pela qual devemos trabalhar para a totalidade.

Como prova de que penso nisto seriamente, dir-te-ei que comecei a limitar as minhas necessidades, para conservar um pequeno resto da minha fortuna. Tambémri devemos experimentar a nossa "sorte" nas lotarias e, se escrevermos livros, pedir os mais elevados honorários, coisa que penso fazer já com os primeiros que publique. Todos os meios lícitos devem ser empre-

gados para que nos ponhamos em condições económicas de fundar o nosso retiro. Temos, portanto, a nossa missão a cumprir, nestes dois anos próximos.

Oxalá que o plano te pareça digno de ser meditado! A tua carta confznnna que era tempo de te apresentar a proposta.

Não estaremos porventura em condições de trazer ao mundo uma nova forma da academia? “E não poder eu, pela força do mais ardente desejo, chamar à vida aquela forma única. . . “ 166) como disse Fausto, a propósito de Helena.

Ninguém sabe deste projecto, e de ti depende que façamos a Romundt uma comunicação preparatória.

Esta nossa escola de filósofos não é, certamente, uma reminiscência histórica, nem um gracejo arbitrário. Não é uma necessidade o que nos leva por este caminho? Parece que os nossos planos estudantis, as nossas viagens, voltam a surgir numa nova e simbólica forma. Não serei eu quem, como então, te deixe na estacada. Ainda tenho remorsos disso!

Tribschen, 30 de Dezembro de 1870

Queridas Mãe e Irmã:

Recebei os meus votos de felicidades para o novo ano. São, desta vez, mais calorosos do que nunca, em virtude do temor que todos, manifesta ou secretamente, abrigamos, de que se aproximem tempos piores do que os actuais. Os efeitos de uma grande guerra são mais de temer do que a própria guerra, com todas as suas monstruosas perdas. Aqui, corre tudo bem, tanto quanto poderia desejar. Passámos um belo Natal. A festa do dia 25, aniversário da senhora de Wagner, foi encantadora e merece relato aparte. O Idílio de Tribschen, 6) nome do maravilhoso fragmento sinfónico composto por Wagner para este dia, é do mais impressionante que existe. Os executantes estavam tão entusiasmados como nós. É possível que tenha em meu poder, em breve, uma edição para piano a quatro mãos. No dia de Natal, recebi um magnífico exemplar do Beethoven, uma luxuosa edição completa de Montaigne (que venero) e qualquer coisa de único! - o primeiro exemplar da edição para piano do primeiro acto de Siegfried, edição que ainda levará um ano a aparecer à venda.

' 1 1

II ;:

XXIX

A ERWIN ROHDE

Lugano - Hotel du Parc, 29 de Março de 1871

Ai, meu querido amigo, quem pudera liberar-se!. . 6s
Nunca é fácil, mas, para mim, agora, é impossível por completo, pois não sei nada, absolutamente nada, do desenvolvimento dos nossos planos.

É certo que Vischer me escreveu para aqui (Lugano), mas na sua carta não me diz nem uma palavra do nosso projecto comum. Pelo contrário, notei, em Basileia, antes da minha partida e depois de te haver escrito, alguns indícios de que o “llósofo” Steffensen não o vê com boa vontade. Imagina tu quão preso me têm os que podem apelar para o meu nunca avultado schopenhauerismo. Tenho, além disso, e antes de mais nada, que dar-me a conhecer e justificar-me como filósofo. Com esta intenção, terminei um pequeno escrito intitulado: Princípio e Fins da Tragédia, a que só faltam alguns retoques. Portanto, creio que teremos de esperar mais algum tempo, pelo menos até fins de Setembro, época em que, se tudo correr bem, se resolverá o nosso assunto. A verdade é que, assim, se prolongará ainda mais o triste estado de excitação e descontentamento que é nosso perpetuum mobile, e teremos ainda muito tempo para provar o nosso sangue-frio filosófico nesta expectativa tão pobre de

92

esperanças. Esta é a parte má da minha ideia: se vencer, será, pronta e inesperadamente, a glória! Se fracassar, será a miséria! Temos escolhido o caminho mais comprido; mas é que, desta vez, será também o mais curto.

O meu estado de saúde não é, infelizmente, o mais satisfató-

rio. Ainda passo de cada duas noites uma sem dormir e, se bem que esteja mais tranquilo e sereno, e, de um modo geral, me encontre melhor, não posso pensar em viagens. Chego até à Itália, mas imediatamente me vejo forçado a retroceder. Assim é que não conheço nem o lago de Como, nem o Maior. E há seis semanas que estou aqui! E certo que o tempo tem sido, até agora, muito pouco italiano. Não achei o menor vestígio de uma Primavera melhor do que a nossa Primavera alemã. As montanhas mais baixas dos arredores estão ainda cobertas de neve, e há duas semanas atrás tínhamo-la no jardim do hotel que, por sinal, é muito bonito. “Tempo anormal” - dizem-me. Triste consolação a que já me acostumei, na minha estada na Suíça!

Entre muitos dias de depressão espiritual, tenho gozado alguns de grande elevação. Isto há-de notar-se no meu escrito que já citei. Vivo num orgulhoso afastamento da Filologia. Tudo o que pudesse alcançar por esse lado - elogios, censuras, e até as mais altas glórias - me faz tremer de horror.

Vou introduzindo-me assim, pouco a pouco, no meu reino filosófico. E já creio em mim! Estou preparado para tudo. E não me causaria a mínima surpresa se viesse a tornar-me poeta. Não faço a menor ideia daquilo para que estou destinado. Sem dificuldades, recapitulando, encontro ecos tão harmoniosos, até agora dirigidos para um só fim ainda ignorado. Parece-me que um bom demónio me serve de guia.

Nunca imaginei que, não tendo uma clara visão dos seus fins, nem uma ambição por alcançar um lugar do Estado, alguém pudesse sentir-se tão sereno e lúcido como eu me encontro.

Que sensação a de vermos encher-se e arredondar-se o nosso

próprio mundo! Que belo despertar! Tão depressa vejo crescer pedaços de uma nova metafísica, como de uma nova estética ou de uma nova pedagogia que condenam todos os nossos ginásios e universidades. Tudo o que estudo passa a classificar-se entre o já sabido, e encontra sempre um bom lugar onde introduzir-se. Quando mais sinto o desenvolvimento deste meu próprio universo, é quando medito, não friamente, mas com calma, na História do mundo durante estes últimos dez meses, e a emprego como meio para bons fins, sem nenhum respeito exagerado. Orgulho e loucura são, na verdade, débeis palavras para exprimir a minha “insónia”, espiritual. Este estado permite-me considerar a minha posição universitária como qualquer coisa de secundário, e até a cátedra de Filosofia me preocupa exclusivamente por tua causa, pois a considero também como coisa provisória.

Ai, quanto desejo a saúde! Faça-se qualquer coisa que dure mais do que nós próprios e, então, daremos graças por cada noite bem dormida, por cada raio de sol, até por cada digestão normal! Mas, desgraçadamente, há em mim não sei que órgãos do estômago perturbados, que me produzem insónias, nervosismo, hemorróidas, sabor a sangue, etc. Faze-me o favor de não considerar estes achaques a causa do meu estado de espírito que antes descrevi! Tremeria, então, pela minha imortalidade, se bem que não tenha ouvido ainda que o flato provoque estados filosóficos!.. .

Basileia, 21 de Junho de 1871

Meu querido Amigo:

Por sorte minha, pudeste subsistir e voltaste inteiro 69 de entre formidáveis perigos. Finalmente, podes pensar em actividades e deveres pacíficos e considerar como um trágico sonho já desvanecido os tremendos episódios passados. Solicitam-te novas obrigações e, se algo nos deve ficar do selvagem jogo guerreiro, será o espírito heróico e reflexivo que, para surpresa minha, descobri, belo e inesperado achado!, no nosso exército forte e alegre, “o cheio da velha saúde germânica. Sobre isto, pode edificar-se, e podemos ter ainda esperança. A nossa missão alemã não terminou ainda! Sinto-me mais animado do que antes, ao ver que nem tudo naufragou sob a banalidade, a “elegância” franco-judaica, e a anelante agitação da “actualidade”. Existe ainda a coragem, e precisamente a coragem alemã, que é qualquer coisa muito diferente do “élan” dos nossos vizinhos, que são dignos de lástima.

Sobressaindo da luta das nações, assustou-nos a espantosa cabeça da vfbora internacional “1 que apareceu, de repente, como prenúncio de outras lutas muito diferentes. Se pudésse-

mos falar com tempo sobre isto, chegaríamos decerto a concordar que, precisamente nessa manifestação, a nossa vida moderna e, de um modo geral, toda a velha Europa cristã (e principalmente a civilização católica reinante agora por toda a parte), revelam a enorme doença que trazem consigo e que têm transmitido ao mundo. Estariamos também de acordo em que todos nós, com todo o nosso passado, somos culpados destes horrores que vêm agora à luz, e, por conseguinte, devemos ter a consciência suficiente para nos considerarmos, perante aqueles infelizes, como únicos responsáveis do crime de uma luta contra a “Civilização”. Quando me deram a notícia do incêndio de Paris, “2 fiquei, durante alguns dias, absolutamente deprimido e cheio de pesar e de dúvidas. Toda a existência científica e filosófico-artística parecia-me absurda, nos tempos em que ainda é possível que, num só dia, sejam destruídas as mais sublimes obras de arte e até períodos artísticos inteiros. Refugiei-me, com absoluta convicção, no valor metafísico da arte, pensando que esta não existe por e para os desgraçados homens, mas para cumprir missões mais altas. Todavia, nem mesmo no ; ; meio da minha maior dor, pude atirar pedras aos autores do sa-

A

crilégio, que para mim só foram portadores de uma culpa geral, culpa sobre a qual há muito que cismar.

Junto envio um tratado “3 Que revela as minhas ocupações filosóficas, maiores do que o título deixa supor. Lê-o com benevolência. Tenho muitos outros projectos e preparo-me para uma luta, e creio que os meus amigos também tomarão grande parte nela.

XXXI

AO BARÃO DE GERSDORFF

Basileia, 19 de Novembro de 1871

Perdoa, meu querido amigo, que não tenha já agradecido as tuas cartas, cada uma das quais me fez ver a intensidade do tra-

balho cultural que estás levando a cabo. Essa intensidade faz-me pensar que, no fundo, és ainda um soldado e aplicas o espírito militar à conquista da filosofia e da arte. Estás dentro do que é justo; neste nosso tempo, somente como combatentes temos o direito de existir; como primeiros combatentes por um soeculum vindouro, cuja formação pressagiamos dentro de nós próprios, naquelas nossas melhores horas em que nos sentimos absolutamente estranhos ao espírito do nosso tempo e vivemos numa pátria espiritual do porvir, que pressentimos obscuramente. Não teremos, acaso, entre as nossas recordações de Leipzig, a de algum destes momentos pertencentes a outro soeculum? Fiquemos, pois, em que se deve “viver resolutamente em tudo o que é bom e belo, . “4 Mas faz falta uma resolução forte, o que não é para toda a gente.

Fizeram-me, hoje, recordar a nossa existência leipzigiana e, em certo sentido, pude exclamar, como se diz no “lied”, que “enlacei o alegre final com o alegre princípio”. Hoje, precisamente hoje, por fim, respondeu Fritzsche, o excelente editor, à

minha visita de há anos. Os meus agradecimentos por isso. Tu e Rohde fostes os que me levaste até ele, em espírito e em corpo, coisa pela qual, até agora, só louvores tenho que vos render. Fritzscht não pôde evitar que a sua resposta tardasse tanto. Remeteu a minha obra “5 a um perito, para que lhe desse a sua opinião, e ele nada disse até 16 de Novembro. Tu sabes que o meu < lied” “6 < Amigo querido, recebe esta saudação como presente e como voto. . .” estava destinado a Krug, em tal data, a do seu aniversário; pois bem, nesse mesmo dia, Fritzscht escreveu-me, dizendo: “Não se atormente nem ofenda o desagrado. . . , E promete tê-lo pronto para o Natal. Decidimos, com respeito à forma do livro, tomar para modelo a do de Wagner, Definição da Ópera, e há lugar, na portada, para uma magnífica vinheta. Diz isto ao teu amigo, o artista, ““ e saúda-o com afecto, da minha parte. Vê a portada do folheto wagneriano e calcula as dimensões que podemos dar à obra da arte pictórica. Tudo depende do título. Tenho, até agora, a esperança de que o meu livro se venderá muitíssimo. Pode, portanto, o senhor da vinheta contar com o seu pedacito de imortalidade. Mais novidades: poderás imaginar em que rara forma ressurgiram aqueles confortantes dias da nossa reunião de férias?

o, d

Pois renasceram, em forma de composição e grande composição para piano a quatro mãos, em que se resume todo aquele Outono banhado de sol. Por ter sido inspirada nas recordações da minha juventude, leva por título o seguinte: < Ecos de uma , noite de S. Silvestre, com cânticos processionais, dança cam-` ; pestre e repique de sinos à meia-noite.” É um título divertido, que podia continuar, com a mesma razão que o anterior. . . <com brindes e felicitações do novo ano”. Tocámo-la, Overbeck e i i eu. Na noite de Natal, a senhora de Wagner será presenteada ! : com esta obra musical. Também sois vós, meus queridos amigos, os ignorados dei ex machina desta composição! Há seis anos que não compunha e este Outono estimulou-me a fazê-lo.

" ! ' A peça, bem executada, dura vinte minutos.

9g

Entrei, outra vez, em plena actividade filológica. Faço leituras sobre “Introdução ao estudo de Platão” e < Epigrafia latina”, e preparo, para depois do Ano Novo, seis conferências

públicas sobre “O futuro das nossas instituições culturais”.

XXXII

A ERWIN ROHDE

Basileia, 20 de Dezembro de 1871

Í., Meu querido Amigo:

Primeiro que tudo, a minha cordial saudação pelo Natal. Eu queria poder mandar-te o meu livro hoje mesmo; mas, ainda que não seja por culpa minha, surgiram alguns atrasos, devido aos quais, desta vez, o meu presente de Natal está ainda um pouco longe. A vinheta da portada causou-me várias contrariedades. O desenho de Rau, o amigo de Gersdorff, obteve todo o nosso aplauso, mas o gravador que Fritzsche escolheu fez obra tão tosca que a gravura resultou completamente inútil, e tive, um mês de a mandar fazer de novo ao melhor gravador de Berlim o artista académico Vogel.

Gersdorff conserva-se fielmente a meu lado, e distingue-se pela sua pronta ajuda, eficaz em todas as ocasiões.

A composição do meu livro é mais apertada que a do de Wagner; menor: 140 páginas aproximadamente. Oito folhas já estão terminadas, e só me fica por corrigir o prólogo e qualquer coisa do texto. Tu desconheces toda a última parte, e tenho a certeza de que te causará assombro. É muito ousada, mas posso dizer

a mim próprio, no mais amplo sentido: alma salvavi. Isto faz que eu pense na minha obra com grande satisfação. E não me inquieta que possa provocar escândalos ou que faça surgir de alguns lados "gritos de indignação".

Além disso, sinto-me maravilhosamente fortalecido nas minhas opiniões musicais e convencido em absoluto da sua verdade, pelo que, em Mannheim, durante esta semana, experimentei junto de Wagner. "Mas não terás podido estar connosco! Em que se comparam todas as nossas cordações e experiências artísticas anteriores com estas últi-

mas! Achava-me como aquele, que, por fim!, vê cumprido um pressentimento. Isto é música; o resto não! E a isto, e não a outra coisa, é precisamente ao que aludo com a palavra “música”, quando descrevo o dionisiaco! Quando penso que haverá homens, no futuro, embora sejam só uns centos, que obterão desta música o que eu obtive dela agora, tenho esperanças numa cultura completamente nova.

Tudo o mais, o que de modo algum pode relacionar-se com a música, causa-me repugnância e ódio. Ao voltar dos concertos de Mannheim, experimentei, durante toda a noite, um intenso estremecimento, ao pensar que devia recomeçar, no dia seguinte, a minha habitual actividade, e actividade que se me apresentava como um fantasma e não como uma realidade. Tenciono passar o Natal só, em Basileia, e recusei os amáveis convites que tive para ir a Tribschen. Preciso de tempo e de solidão para meditar com recolhimento nas minhas conferências sobre o Futuro dos estabelecimentos culturais. Dediquei à senhora de Wagner a minha Noite de S. Silvestre. Executar-se-á no dia 25 de Dezembro, dia do seu aniversário. Estou ansioso por saber a apreciação que merecerá, ali, o meu trabalho, que até agora não foi apreciado por ninguém competente. Quando to mandar, perceberás, creio que com emoção, o tom cálido, contemplativo e feliz que transparece através de todo ele, como recordação transfigurada dos dias felizes das minhas férias ou-

tonais. Isto é, pelo menos para mim, o que há na minha obra.

Passei uns belos dias com Jacobo Burckhardt, e falámos muito do helenismo. Creio que, sobre isto, se pode aprender agora muito em Basileia. Burckhardt leu com grande interesse a tua composição sobre Pitágoras, e disse que aquilo que tu escreveste sobre o desenvolvimento da representação pitagórica é o melhor que se tem escrito até agora sobre motivo tão sério. Com o teu trabalho, fizeste-me adquirir grande quantidade de opiniões fundamentais sobre Pitágoras, e creio que nós, conjuntamente, poderíamos aclarar muito e infundir calor à tão abandonada e mumificada história dos filósofos gregos. Não dêes todos os teus escritos às malfadadas revistas filológicas e espera a aparição das folhas buyrentianas. Estou encantado com o artigo que dizes que, sobre o meu livro, publicarás na revista de Zarncke, “9 e agradeço-te de antemão. Temos ainda de percorrer juntos uma grande parte da vida, meu querido amigo; conservemo-nos, pois, fléis!

Meu bom e querido Amigo:

Fui, há pouco, consultado por Susemhl sobre se aceitaria uma cátedra em Greifswald. Imediatamente a recusei em teu favor, recomendando-te para a ocupares. Seguiu este assunto o seu caminho? A minha negativa tornou-se pública e despertou uma grande simpatia por mim, entre os bons cidadãos de Basileia, ainda que eu tivesse feito constar que não se tratava de um oferecimento firme, mas somente de uma consulta preliminar. Os estudantes projectaram uma festa em minha honra, como prova de gratidão e, de um modo geral, como expressão do muito que se estimava e honrava a Universidade de Basileia com a minha actividade, festa que, a pedido meu, não se realizou. Fiz, agora, umas conferências sobre o “Futuro dos nossos estabelecimentos culturais”, e cheguei a causar “sensação” e, por vezes, até despertei entusiasmo, entre os meus ouvintes. Que pena já não estarmos juntos! O que, sobre o meu coração perpassa agora, e o que ele prepara para o futuro, não pode abordar-se em cartas, nem superficialmente. Fiz com Wagner um pacto de estreita aliança. Não podes imaginar quanto esta-

103

mos, agora, perto um do outro e o contacto que existe entre os nossos respectivos projectos. Tive de ouvir sobre o meu livro coisas incríveis, e por tal razão não te digo nada sobre elas. Que pensas tu de tudo isto? Qualquer coisa de grave me invade, ao ver o efeito que o meu livro causou. Adivinho, nos rumores que levantou, o futuro de tudo quanto me proponho fazer. Esta vida será ainda mais penosa.

Em Leipzig deve ainda reinar a indignação. Ninguém dali se dignou escrever-me uma única palavra. Nem Ritschl.

Meu bom amigo: é uma necessidade, uma santa necessidade, voltarmos algum dia a viver juntos. Vivo, de há tempo para cá, no meio de uma poderosa corrente; quase todos os dias me trazem algo de assombroso e os meus desígnios elevam-se e fortalecem-se. Em segredo, e rogando-te que o guardes, anuncio te que preparo, entre outras coisas, uma Memória sobre a Universidade de Estrasburgo, destinada a chegar às mãos de Bismarck, com carácter de interpelação ao Conselho Nacional. Quero demonstrar nela quão ignominiosamente se deixou passar uma ocasião magnífica para fundar um estabelecimento pedagógico, genuinamente alemão, que regenerasse o espírito germânico e destruísse o que, até hoje, se tem chamado “cultura”. É preciso lutar! Mesmo à navalhada! Ou a canhão!

XXXIV

A FREDERICO RITSCHL

Basileia, 28 de Janeiro de 1872

Mui respeitável Senhor Conselheiro Secreto:

Suponho que V. Exá não levará a mal a minha admiração por não ter recebido uma única palavra sua quanto ao meu livro recentemente publicado, nem a franqueza com que me disponho a exprimi-la. Uma vez que o meu livro é como que um manifesto, incita a tudo, menos ao silêncio. Talvez V. Exá se maravilhe, quando lhe disser a impressão que supunha ir causar-lhe a

si, meu respeitável mestre.

Pensava que a minha obra seria para V. Ex a mais cheia de esperanças que tem encontrado na sua vida. Plena de esperanças na nossa ciência da antiguidade e na essência alemã, ainda que, com a sua consecução, tivesse de ir ao fundo uma multidão de indivíduos. Creia V.Exá que eu, pelo menos, não renunciarei à aplicação prática das minhas opiniões. Isto de algum modo o provo a V. Exá, dizendo-lhe que estou a fazer uma série de conferências públicas sobre o futuro dos nossos centros pedagógicos. V. Exá sabe que me encontro livre de ambições e temores pessoais, e, deste modo, não procurando nada para mim, espero poder fazer alguma coisa para os outros.

Quero, antes de tudo, apoderar-me da jovem geração dos filósofos, e consideraria ignominioso para mim não o conseguir. Mas o silêncio de V. Exe inquieta-me. Não porque duvide do seu interesse por mim, interesse em que sempre confio; mas, precisamente por esta confiança, penso na possibilidade desse X X X V

mutismo significar temor por me ver no caminho que empreendi.

É para desvanecer esse temor que escrevo a V. Exá. so AO BARÃO DE GERSDORFF

Meu querido Amigo

Basileia, 4 de Fevereiro de 1872

Outra vez um par de linhas cheias do mais cordial agradecimento pelas notícias que me dás, que me libertaram ou, pelo menos, quase me libertaram, de graves preocupações. Um destes dias, recebi um telegrama de Wagner que diz: “Gersdorff, o Alexandrino, é-nos indispensável. , sl Palavras que entendi, se bem que não completamente. Haja o que houver, pensa sempre que tu e eu somos chamados a lutar e trabalhar entre os primeiros, para um movimento cultural que há-de comunicar-se à grande massa, na próxima geração ou talvez mais tarde. Seja isto o que nos orgulhe e dê coragem. Creio, além disso, que não nascemos para ser felizes, mas para cumprir o nosso dever, e considerar-nos-emos ditosos se conseguirmos saber qual é esse dever.

O meu livro encontra grandes dificuldades para difundir-se. Rohde tinha escrito sobre ele um excelente artigo para a Litterarische Zentralblan, mas foi recusado pela redacção. Esta era a última possibilidade de que uma voz séria comentasse o meu livro numa revista científica. Agora, já não espero ouvir senão

sandices ou maldades. . . Mas confio, e digo-te com a maior convicção, que a minha obra abrirá caminho, pausada e silenciosamente, através dos séculos. Dizem-se nela, pela primeira vez, certas coisas eternas, e isso tem de ter ressonância. Nada quero para mim, e muito menos o que se chama fazer carreira. Agora, trabalho tranquilamente, nos meus problemas pedagógicos. Têm-me pedido muito que, para as férias da Páscoa, empreenda uma viagem a Atenas, Naxos e Creta, em companhia de um catedrático residente na vizinha cidade de Freiburg (Baden). Que pensas disto? Ficarás assombrado, quando souberes quem é que me propõe acompanhá-lo: é o filho de Félix Mendelssohn Bartholdy. Ora bem: eu penso recusar. Sempre me sucedem coisas muito curiosas! Envio-te junto uma carta que, sobre o meu livro, recebi de um filólogo, professor da Universidade de Berna, que quase não conheço.

Basileia, 12 de Abril de 1872

Meu mais querido Amigo:

Para animar o teu estado de espírito com o mágico jogo da esperança, contar-te-ei, antes de tudo, a combinação em que fiz entrar, se bem que ainda só em pensamento, a tua pessoa e a tua profissão, aliás sustento. Projecto a maneira de entrares, em fins de Setembro, na posse de todos os louvores e emolumentos inerentes à minha cátedra de Basileia, na qualidade de meu absoluto sucessor. Penso partir para a pátria alemã, no próximo Inverno, convidado pelas Sociedades Wagnerianas das principais cidades, para fazer conferências sobre as representações nibelúngicas. Cada um tem de cumprir o seu dever e, em caso de colisão, o maior dos deveres. Uma vez que este Inverno me separo da Universidade, aproveito a solução de continuidade produzida para viajar pelo Sul, durante dois anos. Para poder converter este projecto em realidade, renunciarei à minha cátedra e tu poderás, então, suceder-me em todas as minhas actividades. Se a Universidade me quer bem, espero que conserve, como propriedade minha, o título e louvores de catedrático, ainda que, naturalmente, me retire o soldo. Tudo isto sem

r prejuízo da tua absoluta independência na cátedra. Agrada-te levar esta combinação até à prática? Considera-a, até agora, unicamente como um projecto a discutir aqui. Creio poder viver ainda um par de anos com o que resta da minha fortuna: uns dois mil táleres. O que sucederá depois, só Deus o sabe! Por enquanto, não tenho sombra de cuidados. Deve ser uma divina felicidade viajar pelo Sul, livremente, e não como um pensionista, com os olhos sempre voltados para um ministério imperial. Mas, primeiro, tenho de saber se, chegado o caso, estarás disposto a secundar-me. A resolução tem de estar assente até fins de Maio.

A tua carta a Wagner causou-me grande e cordial alegria. Não temos melhor patrono para os nossos mais belos e nobres "desejos e, de direito, pertence-lhe a ele, como oferta, tudo o " que cresça no nosso campo próprio. Por este mesmo motivo, , torna-se-me penosa a nossa separação. Juntos, tu e eu, devíamos, a seu lado, tomar o seu exemplo e avançar na compreensão das suas obras. "Os Nibelungos" aparecem cada vez com ! maior claridade, ante os meus olhos, como a consecução de w uma obra espantosamente gigantesca e incomparável. Pois bem: é difícil aproximarmo-nos de tais criações, e o que crê "; havê-las sentido e compreendido tem o dever de falar delas aos outros. Eis a razão dos meus planos de Inverno.

Desejo que a tua Missiva a Wagner obtenha um êxito feliz. Fixa a época em que fazes isto por ele. Mais tarde, demonstrarei até que ponto este é um dos momentos mais com licados e críticos, e como, para ele, toda a prova de compreensão e interesse constitui um bálsamo consolador.

Junto envio algumas cartas que recebi, referentes ao meu li- i ; vro. Entre elas, as de Von Baligand s3 (gentil-homem do rei " da Baviera), Francisco Liszt, Gustavo Krug, Hagen (catedrático ; co em Berna), Schuré, s4 condessa Krokow s5 e Matilde ' Meyer. s6 Recebi também cartas muito amáveis da mulher do ministro Von Schleinitz, de Berlim, e da senhora de Meysen- I10

ug. Hans Von Bülow, que ainda não conhecia, visitou-me e perguntou se podia dedicar-me uma tradução de Leopardi, fruto das suas horas de ócio na Itália. Está tão entusiasmado com o :tneu livro, que leva consigo uma grande quantidade de exemplares, para distribuir pelas pessoas da sua amizade. Breve-

mente sairá a segunda edição. No entanto, o meu livro não foi ainda anunciado publicamente em parte alguma. Nem sequer nos anúncios dos livreiros! É um êxito no seio da família. . . l)ohm, o redactor do Kladderadatsch, s” é também um “entusiasta”, da minha obra e quer escrever sobre ela no seu periódico. Nele, pois, se publicará o primeiro artigo sobre o meu livro, o que será ridículo e comovedor. Só os nossos loucos filólogos se calam.

Gersdorff permanece fiel, activo e complacente, como sempre. Mantém, agora, uma frutífera e continuada correspondência com Tribschen.

Não podemos deixar de estar em Bayreuth, em 22 de Maio próximo. É a ordem do destino! Se conseguir realizar os meus planos, no Outono serás catedrático. Vem, pois, mas escreve-me antes.

XXXVII

AO BARÃO DE GERSDORFF

Basileia, 1 de Maio de 1872

Meu querido e bom Amigo:

Não leves a mal que, de quando em quando, faça no meu comércio epistolar uma pausa comfermata, pois isto tem sempre os seus motivos, ainda que exteriores, unicamente, e sem relação alguma com a nossa amizade. Tenho tido muito que fazer e, além disso, há já algum tempo que me sinto muito desgostoso e inquieto. Era preciso vencer o Inverno e, durante ele, tomar muitas decisões importantes, que não te comunico porque brevemente poderemos falar delas. Falaremos em Bayreuth. Chegarei ali no sábado antes do Pentecostes; procura fazer a tua viagem nessa data. Hoje, escrevi a Muncker, o administrador, para prevenir sobre a questão do alojamento. A condessa Krokow, a senhora de Meysenbug e a senhora de Schleinitz anunciaram já a sua ida. Esta última escreveu-me uma carta muito amável, pelo que te rogo lhe exprimas os meus agradecimentos. Irá também Rohde, que me telegrafou de Kiel, participando-me a sua nomeação de catedrático. Não deixes de lhe enviar umas linhas de felicitação. Tem belos projectos de coisas que se referem a Wagner e a mim; mas ainda não

112

posso dizer nada.

Saiu o primeiro artigo sobre o meu livro. Mas aonde! Na italiana Rivista Europea. Enviei, há pouco, outro exemplar a Dohm. Já te falei do entusiasmo de B • low? E de que me anunciou a dedicatória de um livro seu. E também de que me disse que, muito em breve, seria necessária uma nova edição do meu? Segundo a opinião de Tribschen, as publicações da Sociedade Wagneriana de Estudantes são muito belas. Acho muito

feliz a ideia da dita Sociedade dedicar, primeiro que tudo, a sua Kagitação espiritual" ao esclarecimento do significado das próximas festas. Vai visitar Koerper, o presidente, e pede-lhe nos nemeta, a mim e a Rohde, únicos catedráticos wagnerianos, as publicações já impressas. Talvez também a E. Hartmann, cujo paradeiro gostaria de conhecer.

Comoveu-me muito o que me contas de teu pai. Respeito e venero essas coisas que comprovam a maravilhosa seriedade alemã, ou melhor, a prussiana, da qual se pode esperar tudo. Em troca, “a cultura alemã „ que flutua à superfície, parece-me extremamente suspeita.

Sábado passado foi o dia triste e profundamente comovedor da despedida de Tribschen. Tribschen morreu. Andámos em volta dele, como entre ruínas, e a comoção chegou a todos os lados, enchendo o ar e as nuvens. O cão negou-se a comer, os criados respondiam soluçando, a tudo o que se lhes dizia. Empacotámos tudo: cartas, livros, manuscritos. . . Que tristeza! Quanto significam para mim estes três anos vividos perto de Tribschen, e durante os quais ali fui vinte e três vezes! O que seria sem eles! Sinto-me feliz por ter podido perpetuar para mim, no meu livro, este mundo wagneriano de Tribschen. s9

Basileia, 8 de Junho de 1872

Vês, meu querido amigo, até que ponto somos motivo de escândalo? Breve chegaremos também a saber o quanto nos encontramos sós. Temos de resistir honrosamente no nosso posto. Agora, que te colocas a meu lado, empunhando a tua lança, como forte companheiro de armas, quero prevenir-te de que cedo se voltará também contra ti “da negra onda o amargo ímpeto”. 191 Se assim for, consolar-nos-emos mutuamente.

Eu abraço, desde já, com todo o meu carinho, tudo o que pensas realizar. Fielmente unidos, resistiremos, meu querido amigo, a calamidades mais graves que as presentes. A de agora é, unicamente, um imprudente ensaio feito por mão jovem e inexperiente, e para nós uma amostra do que nos há-de sair ao encontro, vindo das “altas esferas”.

Gersdorff informou-me mais ou menos do conteúdo do folheto, e conhecendo-o eu deste modo, isto é, seni perfeita exactidão, achava-me um pouco nervoso e excitado. Desde ontem que o tenho em meu poder, e estou absolutamente tranquilo. Não sou tão ignorante, nem tão pobre de amor à verdade, como o seu autor me apresenta. É preciso que amadureça mais a miserável erudição de que com tanta pompa faz gala, para

poder falar de semelhantes problemas. Só por meio das mais descaradas interpretações chega a conseguir o seu objectivo. Além disso, deve ter-me lido muito mal, pois não me compreende, nem no todo nem nos pormenores. Está muito pouco preparado para estas questões, e com certeza, foi estimulado por outros, aos quais serviu de instrumento. Tudo isto cheira a Berlim. Imagina que, durante o Outono passado, o autor do folheto foi visitar-me a Naumburg e expressou-me a sua veneração e respeito. Eu mesmo o aconselhei a que examinasse detidamente a minha obra, próxima a publicar-se, coisa que fez à

sua maneira.

De todos os modos, é preciso derrotá-lo, ainda que não seja mais do que um instrumento, pelo mau exemplo que representa um tal folheto cheio de mentiras e calúnias, e a enorme influência que pode ter. Em compensação de ter sido derrotado por ti, dar-lhe-ão uma cátedra qualquer. E será feliz.

Devemos, primeiro que tudo, meu querido amigo, tomar a coisa a nosso modo, grave e elevadamente, e considerar o seu critério unicamente como um tipo representativo. Alegro-me em extremo que persistas na intenção da tua Missiva a Wagner. O facto de estares, nesta questão, de acordo comigo, causará enorme sensação na colmeia filológica. Agradeço-te, por isso, de todo o coração.

Adeus, meu querido e fiel amigo.

Devemos permanecer animosos e elevados. Assim é o nosso dever!

Adeus, meu querido filólogo do futuro!

XXXIX

A ERWIN ROHDE 192)

Basileia, 25 de Outubro de 1872

Passou, por fim, meu mais querido amigo, a agitação que, causada pelo teu envio, chegou quase a produzir-me uma impossibilidade d digeri-lo. Seria lastimável, que me engasgasse e afogasse com uma prenda tão magnífica. 193) Não é certo? Agora, estou já cómoda e tranquilamente sentado no meu quarto acolhedor, e regozijo-me com a tua oferta, como um bebé, folheando-o e cheirando-o continuamente. O que hoje fizeste por mim não sei descrevê-lo com palavras. Eu era absolutamente incapaz de fazer qualquer coisa semelhante por mim próprio, e sei que só de ti poderia esperar um presente tão amigo.

Quanto terás tido que dominar-te, meu pobre e querido amigo, para conviver tanto tempo com tal homem! Compreendo melhor agora o repugnante e penoso do ataque, ao sentir o quanto com ele deves ter sofrido. Mas o teu folheto já se espalhou torrencialmente no espaço, arrastando atrás de si, o (...) velhaco. As consequências que do teu escrito deves esperar, podes deduzi-las das seguintes notícias que chegaram até mim, sem que eu, acredita-me!, as tenha procurado. Em Leipzig ressoa uma voz unânime sobre a minha obra. O que essa voz ex-

116

prime, deixou-o ver o honrado, e por mim muito respeitado, Usener, de Bona, dizendo aos seus discípulos que lhe perguntaram a sua opinião sobre ela: “É um puro disparate. Não pode tomar-se em linha de conta, e aquele que escreveu tal coisa está morto cientificamente. , E, como se eu tivesse cometido um crime, fez-se o silêncio sobre a minha obra durante dez meses, porque todos crêem estar tão acima dela que não vale a pena perder umas quantas palavras em julgá-la. Assim descreve

Overbeck a impressão em Leipzig. Todos os partidos são unânimes.

Quase me têm por um desequilibrado, consolo de que lançam mão os nosso “sãos”, quando não encontram outro aproveitável.

E agora, que espectáculo o do teu folheto, caindo no meio da turba cacarejante, cheio de magnanimidade e ousada camaradagem. Romundt e Overbeck, os únicos a quem se tem podido lê-lo até agora, estão fora de si pelo teu feliz êxito. Não se cansam de fazer ressaltar elogiosamente os pormenores e o todo, e qualificam a polémica de lessingiana. Tu sabes o que para os bons alemães significa tal predicado.

A mim, acima de tudo, compraz-me ouvir ressoar sempre nela o profundo tom dominante, atoador como o de uma forte catarata, no qual se consagra toda a polémica, causando impressão de grandeza - aquele tom em que soam juntos, carinho, confiança, coragem, dor, vitória e esperança. Querido amigo, comovi-me extraordinariamente ao ler as tuas palavras sobre a amizade e, durante algum tempo, não pude continuar.

Que magníficas experiências eu fiz este ano e como se abatem diante delas todas as divagações que, de outros lados, se precipitam sobre mim! Também me sinto orgulhoso e feliz por Wagner, pois a tua obra significa uma curiosa variante na sua posição com respeito aos círculos científicos alemães. Há pouco tempo, a Nationalzeitung foi tão descarada que me incluiu entre os “lacaio literários de Wagner”. . . Que surpresa reco-

nhecer-te como seu partidário! Não é verdade, meu velho amigo, que isto é ainda qualquer coisa mais importante do que o haver-te posto a meu lado? Isto faz que o dia de hoje seja para mim o mais feliz que, desde há muito, tenho vivido. Vejo hoje o que tu, com a tua amizade, tens feito por mim e por Wagner.

Quando Gersdorff ler o teu escrito, estou convencido de que fará duas ou três piruetas de alegria e de comoção. E quão maravilhosamente cumpriu a sua faina o bom Foitaichius! Apenas falta que se cuide com acerto da distribuição dos exemplares, e um pouco mais rapidamente que da sua aparição.

Conheces o último livro de Wagner, intitulado Dos Actores e dos Cantores? Nele se descobre um novo sector da Estética e aparecem utilmente applicadas algumas ideias do Nascimento da Tragédia. Lendo este livro, parece-me estar falando com Wagner, cuja presença tanta falta me faz.

Sejamos animosos, meu querido amigo! Continuo a crer com progressiva fé no nosso progresso para o bem, no nosso acréscimo de boas intenções e bons meios, na nossa caminhada para fins mais nobres e cada vez mais avançados. Oh, sim! Alcançá-los-emos, para outro fim mais longínquo ainda, numa ousada marcha para a frente! Não temos de nos importar que não sejam muitos, e que sejam poucos, os espectadores com olhos para ver e compreender a nossa jornada. Não temos de nos importar, uma vez que sabemos que estes poucos espectadores são também os únicos juizes no campo possível para nós. Pela minha parte, dou por um espectador como Wagner todas as coroas que possa oferecer-me o presente, e vê-lo satisfeito é para mim a maior consolação. É difícil satisfazê-lo; diz sempre, com sinceridade, o seu parecer favorável ou não, e constitui, assim, para mim, uma boa consciência que castiga e premeia. E, agora, que todos os bons espíritos estejam connosco, meu bom amigo! Vamos unidos com uma só fé e uma só esperança. E o que for teu, será meu, e tudo o que for bom e

justo nos será comum!

Obrigado, meu amigo! Obrigado!

XL

A MALWIDA VON MEYSENBUG

Basileia, 7 de Novembro de 1872

Distinta Senhora:

Finalmente, preparei o meu pequeno ramo para si, e, finalmente, vou dar-lhe notícias minhas, depois de um mutismo verdadeiramente sepulcral. Neste intervalo silencioso, estive uma vez muito próximo de si - em Bérgamo; mas uma enorme repugnância que, de súbito, senti para com a Itália fez-me retroceder a toda a pressa. Se não fosse isto, ter-nos-íamos visto pela quarta vez, neste ano. Pela quarta vez! Talvez uma mais do que convinha, seguindo a sentença de que todas as coisas boas só devem repetir-se até três vezes.

Concretizando: o Demónio fez-me retroceder e levou-me a Spl • gen, onde, no maior afastamento dos homens e da sociedade, fiz uma vida tranquila e meditativa, numa atmosfera forte e cortante. (A atmosfera italiana, abominável e efeminada!, actua sobre mim como as emanções de um quarto de banho.)

O amigo Gersdorff atravessará os Alpes, no próximo Janeiro, e já me perguntou se pode abrigar a esperança de a encontrar em Florença. Sente-se muito feliz por ter de mudar o rumo da sua vida. Em Dezembro, deixará a carreira jurídica e, depois

de viajar durante algum tempo, começará a preparar-se para o estudo da Agricultura. O próximo Verão, pensa passá-lo em Basileia, dedicado à química e, como ele diz, à “cultura” - o que não é, por certo, “agricultura”, mas cultura geral humana.

Para a terceira semana de Novembro, e pensando permanecer aqui oito dias, foi-me anunciada uma magnífica visita, “a visita em si”, Wagner, com a sua mulher. Estão fazendo uma grande viagem circular, na qual se propõem visitar todos os grandes teatros alemães. A Basileia vêm consultar um famoso dentista, ao qual devo estar muito agradecido, posto que no-los trouxe.

Já conhece o novo livro de Wagner Dos Actores e dos Cantores? O que V. ainda não conhecerá é a apologia escrita, com a pena e com a espada, pelo professor Rohde, de Kiel, que demonstrou grande superioridade sobre o seu adversário. O meu Nascimento da Tragédia converteu-me no filólogo mais escandaloso da actualidade. Toda a gente está de acordo contra mim, e será ousadia alguém colocar-se a meu lado. À parte a questão da polémica, com a qual não me atreveria a incomodá-la, o escrito de Rohde encerra muito de bom sobre os fundamentos filológicos do meu livro, e, por tal razão, poderá ter algum interesse para si. O meu único receio é que o generoso passo de Rohde o faça cair num ninho de invejas e de maldades. Já nos incluíram a ambos no Índice! E tudo isto é produto de um equívoco.

Eu não escrevi para os filólogos, ainda que estes - se fossem capazes - poderiam aprender também no meu livro algo de puramente filológico. Agora, voltam-se irritados contra mim, como se tivesse cometido um crime em não pensar neles antes de mais nada, e nas suas inteligências. É tão grande o abismo que me separa deles, que tão-pouco o acto de Rohde dará qualquer fruto. Sigo tranquilo o meu caminho e defendo-me de sentir a repugnância para que teria ocasião a cada passo.

V. passou, minha distinta amiga, por coisas análogas e ainda mais duras. Quem sabe até que ponto ainda a minha vida che-

120 121

g” a parecer-se com a sua! Até agora, não fez mais do que começar a realizar-se. Necessito ainda de muita coragem, fortes amizades e, antes de tudo, de bons e nobres exemplos, para não perder a respiração, no meio do meu discurso. Bons exemplos! Penso sempre em V. e alegro-me por tê-la encontrado no meu caminho, solitária combatente por todo o bom e o justo. Creia, de uma vez para sempre, na minha absoluta confiança em si, confiança que eu, neste mundo de inquietações e receios, só posso depositar nos meus mais próximos amigos. Desde o primeiro dia do nosso conhecimento, senti uma simpatia cordial para com V. e para com Olga. 94) Ambas podem contar comigo, em qualquer situação da vida. Espero ocasiões P a poder mostrá-lo.

Recebo de Florença, neste momento, a sua amistosa carta. Ela me demonstra como é diferente do que eu julgava, o meu

horri el silêncio. Porque não escrevi em tão longo tempo? Pergunto-me a mim próprio com assombro, e não encontro causa, ne desculpa. Já me tem sucedido que aqueles em quem mais penso sejam aqueles a quem com maior dificuldade me decido a escrever. Não percebo. Interprete-o V. o mais bondosamente possível e atire-o depois ao olvido.

Quero terminar com esta obscura sentença: junto receberá V. o folheto de Rohde e mais cinco conferências sobre o futuro das nossas instituições culturais. Leia-as, pensando que estão dedicadas a determinado público: ao de Basileia. Agora seria-me impossível imprimi-las e lançá-las. Não têm suficiente profundidade, e estão envoltas numa substância de pobre invenção.

XLI

A HUGO VON SENGER

Basileia, Novembro de 1872

A ande confiança que tão abertamente V. manifesta na sua carta, meu querido amigo, obrigou-me a responder-Lhe com igual franqueza e a dizer-lhe: primeiro, que sou filólogo, e, em disso, se V. quiser, algo filósofo. Filósofo, por certo, muito discutido; mas, como V. verá pelo folheto junto, 195) me defendido. Segundo, que não sou poeta nem músico, e o estou, por conseguinte, infelizmente, à altura de aconselhá-lo, nem de ser-lhe de alguma utilidade neste caso. 96) Em a, e pelo meu carácter de filósofo que considera o presente envolvimento da música em relação com uma vindoura cultura alcançar, possuo, se V. me quer permitir amavelmente, quantas ideias próprias sobre a composição dramática acceito. Sei muito bem que, nos jornais técnicos musicais, se situa isamente a importância de Wagner no facto de este ter des- o as antigas formas - de nota, sinfonia, quarteto, etc.- cipalmente em ter chegado com ele o fim da música pura- te instrumental. Mas que daqui se deduza que o compositor erno tem absoluta necessidade de passar-se para a música 1, temo que seja um equívoco e isso preocupa-me. Cada

deve falar da maneira que lhe é própria. E se o Titã se ex-
122 123

prime com trovões e terremotos, não quer isto dizer, decerto, que o simples mortal tem o direito, e muito menos o dever, de imitar tal forma de expressão. Quando se acham as mais altas formas artísticas é quando, no meu entender, são mais necessárias as pequenas, até as mínimas, porque assim poderão todos e cada um dos artistas exprimir-se segundo a sua maneira peculiar, sem constantemente nos atordoarem. A mais pura veneração que um artista criador pode demonstrar a Wagner é deixá-lo no seu campo, e tendo sempre o mais absoluto rigor consigo próprio e a energia de dar, em cada momento, o mais elevado que for possível, infundir vida e alma às menores formas de Arte. Por estas razões, alegro-me de que V. tenha o valor de tomar a sério a forma "cantata", tão mal vista na actualidade. E se, por exemplo, e levado por este "tomar a sério", em sentido wagneriano, quisesse V. compor para a Noite dos Salvos (?) goethiana, uma música melhor do que a de Mendelssohn, eu consideraria tal empresa como digna de um verdadeiro e forte lutador. Para uma cantata, ninguém poderia oferecer-lhe texto melhor, nem - se me é permitido dizê-lo - mais reformista.

XLII

A MALWIDA VON MEYSENBUG

Basileia, 20 de Dezembro de 1872

Minha distinta Amiga:

V. proporcionou-me uma grande alegria, pela qual já lhe teria exprimido o meu reconhecimento, se não houvesse sido necessário juntar à minha resposta, obedecendo aos seus desejos, um retrato meu que, na ocasião, não possuía. Agora, como V. verá, já tenho vários; mas todos me representam, como os antigos, sob um aspecto de bandoleiro. Perante esta fatalidade, vejo-me obrigado a aceitar a conclusão metafísica de que aquilo que uma vez por outra aparece nos meus retratos é o meu ca-

rácter “inteligível”, dado que é tão pouco o meu intelectual, que até hesitei em oferecer-lhe tal caricatura da minha pior metade. De tudo isto resulta que a minha resposta sofreu dois atrasos: um, por não ter nenhuma fotografia; o outro, precisamente por tê-la. . . Mas de que classe! Insisto mais sobre tal questão, porque o seu retrato pareceu-me inverosimilmente bom. A minha irmã está também encantada e agradecida por ter recebido o de Olga. Saio, hoje, para Naumburg, onde passarei duas semanas a festejar o Natal. Durante estes dias, tratarei de convencer a minha irmã de que se deixe “executar” fotograficamente. “Exe-

cutar” é a palavra que melhor exprime os sentimentos que se apoderam de mim, quando o cíclope monocular se alça diante da minha figura como deus ex machina. E, enquanto procuro fazer frente à perdição, o inevitável sucede e vejo-me eternizado de novo, como Loiaro, primeiro tenor pirata et hoc genus omene!

Terá, por acaso, lido as minhas conferências e ter-se-á assustado de ver como se interrompe, de repente, o seu conteúdo, depois de vários prelúdios, digressões e negações que aumentam cada vez mais a sede de novas ideias e projectos? Com tal leitura, seca-se a garganta de uma pessoa, e, por último, não encontra nada que beber. Pensando bem, o que eu tinha meditado para a última conferência não estava a propósito para o meu público de Basileia e, seguramente, foi muito acertado ficar-me com as palavras no corpo. Pedem-me muito que continue; mas decidi adiar por algum tempo o trabalho - um adiamento de três anos, coisa fácil na minha idade - e, portanto, duvido muito de que volte a ocupar-me de tal coisa. Toda a decoração do Reno, em que emolduro as minhas conferências, assim como tudo quanto nelas aparece de biográfico, são uma horrível m"ntira. Defender-me-ei muito bem de entreter ou não entreter os cidadãos de Basileia com as verdades da minha vida. Os arredores de Rolandseck, que descrevo, estão na minha memória vagos e imprecisos. A senhora de Wagner escreve-me que, durante a sua viagem pelo Reno, se recordou da minha descrição. O nosso encontro deu-se de um modo afortunado, não em Basileia mas sim em Estrasburgo. Depois de largo relampejar telegráfico entre Basileia e outros estados alemães do Sul, reconheceu-se a impossibilidade de estada naquela cidade, e eu, na quinta-feira, saí para Estrasburgo, onde passámos juntos e unidos dois dias e meio, sem outra orupação além de conversar, passear, fazer planos, e regozijarmo-nos do nosso completo acordo. Wagner estava muito satisfeito com a viagem. Tinha encontrado homens e vozes excelentes, e sentia-se

sereno e armado contra o inevitável. Pensa dedicar-se todo o Inverno ao mesmo. Depois do Natal, irá ao Nordeste da Alemanha e a Berlim, onde passará umas três semanas. Não é certo, mas sim provável, que vá também a Milão, para assistir às representações no Scalla.

Gersdorff virá a Basileia, na primeira metade de Janeiro, e

em seguida continuará a sua viagem até Florença e Roma. Esta viagem, projectada há tanto tempo, é-lhe agora, assim como a seu pai, duplamente necessária, pois o seu único irmão morreu há pouco, depois de uma larga reclusão cheia de dores, um manicómio de Illenan. É, portanto, Gersdorff, a última esperança da sua estirpe. Seus pais ficaram sós. A filha mais nova que, até agora, vivia com eles, acabou de casar-se com um conde de Rothkirch-Trach. Gersdorff escreve-me, muito entusiasmado pelas Memórias de V. e pelas de Herzen. 9” Pode V., portanto, na sua visita à Itália, ajudá-lo a entrar a fundo nelas. Principalmente em Florença.

Que questões filológicas são essas que tanto a preocupam, minha distinta amiga? Faça uma tentativa para resolvê-las, com a minha ajuda, se é que Wilamowitz não destruiu a sua fé na minha filologia. Ainda que, neste caso, estou à sua disposição, pois, chamaria o amigo Rohde, de cuja filologia ninguém se permite duvidar.

Que projectos tem V. para o próximo Verão, depois da sua dolorosa separação de Olga?

Quando se celebrará o casamento? Em Paris ou em Florença?

O livro de Monod 9s sobre Gregório de Tours é muito elogiado pelas revistas e considera-se, sob o mais rigoroso ponto de vista histórico, o melhor que se escreveu sobre tal personagem.

Saio, esta tarde, para Naumburg. Recebam, V. e Olga, uma cordial saudação de Natal e Ano Novo. Seja bendito este ano, por tudo o que nos trouxe; mas, sobretudo, pelas belas e esperançosas reuniões que tivemos nele. Tudo marcha por um úni-

co caminho. Mas para o homem valoroso, são igualmente bem-vindos o que é bom e o que é mau.

XLIII

A MALWIDA VON MEYSENBUG

Basileia, 6 de Abril de 1873

Minha ilustre Amiga:

Fiquei muito reconhecido pelo seu convite e com muito gosto passaria a Páscoa a seu lado. Ainda que não servisse para consolá-la, creio que, pelo menos, lograria distraí-la, de quando em quando, e fazer mudar o curso das suas meditações. Mas, por desgraça, estou tão ocupado que, na Páscoa, só poderei desfrutar de um núnimo prazo livre, oito ou dez dias, devido a que, além do meu cargo universitário, tenho o de professor de Grego no Pedagogium, e estou, portanto, sujeito ao aborrecido martírio dos exames escritos e orais. As minhas férias são demasiado curtas para uma viagem a Florença, coisa que infinitamente lamento, pois sinto a necessidade mais cordial de vê-la, a si, e de falar-lhe de muitas coisas, e teria ido a Florença unicamente por V. (e não para ver alguns quadros). Quando penso, também, que a sua saúde ainda não está completamente nestabelecida e que à plenitude da dor espiritual e das inquietações que V. sofre se junta, superfluamente, o martírio corporal, sinto em mim o desfalecimento de querer ajudá-la e não poder.

Esta noite, saio de Basileia. Adivinha V. para onde? . . . Acer-
128 129

tou! Para cumular a minha felicidade, ali encontrarei Rohde, o melhor dos meus amigos. Amanhã, à tarde, achar-me-ei completamente feliz, na casa da Dammallee. 99 Falaremos muito de V. e de Gersdorff, “o Cavaleiro Errante”, como Wagner lhe chama. O que V. me conta, de que Gersdorff tirou uma cópia das minhas conferências, é comovedor e inolvidável! Que bons amigos tenho! Sinto-me absolutamente confundido!

Espero fazer em Bayreuth provisão de coragem e serena alegria, e fortalecer em mim o bom e o justo. Sonhei, a noite passada, que mandara encadernar de novo, belamente, o Gradus ad Parnassum. Tal símbolo de encadernação é fácil de compreender, ainda que bastante insulso. Mas é verdade! De quando em quando, há que deixarmo-nos encadernar de novo, por meio do trato com homens bons e mais fortes do que nós; se não, perdemos algumas folhas e acabamos por desagregarmos com maior desanimação em cada dia. E que a nossa vida deve ser um Gradus ad Parnassum é também uma verdade que devemos repetir a nós próprios com frequência. O meu Parnassus do futuro é chegar a ser - esforçando-me muito e tendo alguma sorte e muito tempo - um regular escritor, mas, principalmente, “sábio no escrever”. De tempos a tempos, invade-me uma repugnância infantil pelo papel impresso, que então me parece apenas papel sujo. Imagino claramente uma futura época em que se leia pouco e escreva menos, mas que se pense muito e trabalhe mais. Tudo parece já aguardar a chegada do homem de acção que arranque de si próprio e dos outros os costumes seculares e dê um novo e melhor exemplo a imitar.

Anoitece, e tenho de pensar na minha partida. Abandono-a, minha compadecida amiga, para fazer a minha bagagem. Se a fizesse, ao menos, para ir a Florença!. . .

XLIV

A SUA MÃE

Basileia, 21 de Setembro de 1873

Minha querida e boa Mãe:

Já desapareceu, também, a nossa boa tia, deixando-nos ainda mais sós. Envelhecer e ir ficando só parece ser uma e a mesma coisa. Por fim, ficamos sós connosco próprios, e a nossa morte aumenta a solidão de outros.

Precisamente porque apenas conheci meu pai, e tenho de formar uma ideia dele pelo que dele me contam, eram, para mim, os seus mais próximos parentes algo mais do que em geral representam os que o são em tal grau.

Alegro-me pensar que todas as minhas tias mantiveram firmemente o seu carácter pessoal e originalíssimo até a mais avançada idade, e que tiveram força bastante para depender o menos possível das circunstâncias exteriores e da duvidosa benevolência dos homens. Alegro-me com isso, porque essa é a qualidade racial dos que se chamam Nietzsche, qualidade que eu também possuo.

Tal é a razão da grande simpatia que me dispensava a que me morreu. Sentia-se aparentada comigo no principal, na essência fundamental nietzschiana, e eu honro a sua memória desejando

do mais profundo do meu coração não abdicar de mim próprio,
isto é, do espírito de meus pais, quando chegar - se chegar!
- a velho.

XLV

AO BARÃO DE GERSDORFF

Basileia, I de Abril de 1874

132

Meu querido e fiel Amigo:

Não terás, acaso, demasiado boa opinião de mim? Chego até
a crer que virá um dia em que te desenganarás, e quero ser eu
mesmo quem comece a fazê-lo, confessando-te, hoje, meu
maior conhecimento de mim próprio, que não mereço em nada

os teus elogios. Se soubesses quão desanimada e melancolicamente penso em mim como criatura criadora! Procuro somente um pouco de liberdade, de verdadeira atmosfera vital, e defendo-me e revolto-me contra o muito, indizivelmente muito, que me aprisiona. Ninguém pode falar de uma produção verdadeira, enquanto não for mais livre, enquanto não se tiver libertado da aflição e do sofrimento. Penso e sinto-me oprimido. Cheguei a alcançar isto alguma vez? Dúvida sobre dúvida! O objectivo está demasiado longe e, quando alguém o atinge, consumiu já as próprias forças em grandes e lentas investigações. Alcança-se a liberdade, mas chega-se a ela esgotada, com uma efémera sensação de crepúsculo. Tal é o meu receio. É uma desdita ter tanta e tão profunda consciência da sua própria luta. E não posso opor a isto uma actividade, concreta, como o artista

ou o asceta. Que miserável e repugnante é, para mim, este inútil lamento de alcaravão! E quanto tédio me causa!

À parte isto, a minha saúde é, agora, excelente, e podes estar tranquilo a esse respeito. Mas estou muito descontente com a Natureza, que podia ter-me dado mais inteligência e mais coração. Falta-me sempre o melhor! Saber isto é o maior martírio do homem.

O trabalho regular de um determinado cargo tem a vantagem de produzir certo entorpecimento que mitiga as nossas dores. No Outono - ai, até ao Outono, não! - encontrar-nos-emos no concilium subalpinum sive Rhoeticum, loo) e então, todos unidos, surgirá em esboço um homem que não terá motivos para qualquer amargura. Juntos e unidos, formamos um ser que pode "beber alegria no seio da Natureza". lol)

Obrigado pelas indicações de erratas; falta, porém, a maior: Hölderlin por Hólderlin. Não é verdade que o meu livro oferece bom aspecto? llo2) Mas não haverá poucos que o entendam?

São, na realidade, tão obscuros e incompreensíveis os meus escritos? Eu pensava que, ao falar da dor, seria entendido pelos que sofrem. Isto é seguramente certo; mas onde estão os que sofrem?

Não esperes agora, de mim, nada de literário. Tenho muito que preparar para as minhas aulas de Verão, sobre Retórica. Desde o Natal, meditei e amadureci muitas coisas.

Se não tivesse amigos!. . . Resistiria ainda? Teria resistido, até hoje? Dubito!

Basileia, 28 de Abril de 1874

Esta randa carta tem por objectivo, meu muito querido doutor, demonstrar-lhe ad oculos o estado dos meus oculis, pelos quais tão interessadamente me pergunta, e, ao mesmo tempo, dizer-lhe, mais extensa e concretamente, o muito que neste último ano pensei em si, abrigando sentimentos alternados de esperança e de temor; mas sempre fiel à confiança e à fé na rara força que V. possui de bastar-se a si próprio. Com isto, fica também dito que naturezas como a sua não necessitam de ajuda alheia.

Não espere, pois, dos amigos, mais do que eles assistam cheios de interesse às suas lutas. Nunca espere conselhos, incitamentos ou aclamações, que não teriam qualquer utilidade, apesar de alguns se sentirem, frequentemente, tentados a estender-lhe, de longe, a mão auxiliadora. Recentemente, ocorreu-me, por exemplo, dizer-lhe: Porque não há ninguém que aconselhe o doutor Fuchs a reunir e publicar em livro todas as suas pequenas crónicas disseminadas, e publicadas de mais a mais aos pedaços, nas revista musicais que, por seu carácter, alcançam pouca difusão? Eu pensava que V. se alegraria em dar-nos, quanto antes, uma prova da sua plenitude de aptidões

filosóficas, teológicas, musicais e literárias. Tudo isso provisoriamente, sem dar-lhe grande importância, nem ter muito trabalho na sua redacção, e unicamente para sair do caminho das revistas musicais e animar-se a si próprio. Pensava nos seus artigos sobre Lotze, a favor e contra Schopenhauer, sobre Renan, Grillparzer e todo o resto que não conheço e que V. pode levar a cabo com os seus múltiplos conhecimentos e aptidões. Mas, como disse já: Que posso eu aconselhar-lhe? Porventura V. prescreveu-se já tal sangria, e as minhas palavras não farão mais do que mandar-lhe um pensamento já abrigado por si. É muito possível e quero crê-lo.

Além do mais, eu ficar-lhe-ia muito agradecido por uma tal compilação dos seus trabalhos. Aprendo sempre alguma coisa consigo; mas é-me penoso ter de ler um jornal de música, e causa-me amargura ver o seu nome e as suas ideias entre os artigos pobres e inábeis da Revista Musical. Mais tarde, talvez dentro de dois anos, quando contarmos com mais um par de nomes e não formos tão poucos como agora, poderemos pensar na fundação de um teatro público para a nossa "luta cultural".¹ Até então, cada um de nós tem de combater enérgica e isoladamente. Forjei, com as minhas Considerações Inactuais, uma arma que esgrimo sobre as cabeças dos indivíduos, até que produza algum efeito. Quisera eu que V. fizesse algo de parecido e arrojasse de si, por esses caminhos, tudo quanto de ódio, de negativo e de polémico haja na sua natureza, para depois alcançar tranquilamente e não se deixar levar à contradição. Assim, calculo eu, e consolo-me pensando numa época em que toda a luta, todo o gemido e todo o grasnido hajam terminado. Mas, entretanto, como disse da Reforma não sei que margrave brandeburguês: "Para diante, no duro combate! , Sofremos todos tão profunda e decorosamente, que só poderemos resistir combatendo com todo o vigor, de espada na mão. Como nada queremos para nós, podemos entrar com uma alegre e boa consciência na mais forte luta, exclamando: "O soldado é o

136

único homem livre." Aquele que queira ser, permanecer ou chegar a ser um homem livre, não pode escolher "Para diante, no duro combate!"

Passe V. bem e valorosamente, como companheiro de ar-

mas, de luta e de vitória. E recorde-se do seu fiel

Frederico IVietzsche.

XLVII

A ERWIN ROHDE

Basileia, 7 de Outubro de 1874

Ontem à noite, meu querido amigo, regressei da montanha, e esta manhã inauguro e consagro a minha vida invernal com uma carta para ti, celebrando o teu aniversário. Não me faltam coragem e confiança. Trouxe-as do silêncio das montanhas e do mar, onde depressa compreendi o que nos falta, ou antes, o que nos sobra. Sobra-nos egoísmo. Um egoísmo produzido pelo nosso eterno pensar em nós próprios, e pelo nosso contínuo sofrer por nós próprios, coisas que acabam por dar-nos a sensação de ter cem feridas mal curadas, de tal modo cada movimento nos causa uma dor aguda. Vou fazer trinta anos. Espero que se dê em mim uma mudança e que, de futuro, haja no meu espírito algo de mais viril, diferente das contínuas oscilações de elevação e depressão que, até agora, tenho sofrido.

Prosseguir na própria obra, pensando o menos possível em si mesmo; tal é, porventura, a cura de que necessitamos. Vejo agora quão ingrata e néscia era a minha tormentosa desesperança. Os últimos sete anos cumularam-me de dores e nunca poderei apreciar bastante o que possuo com os meus amigos. Só para vocês ainda vivo; sigo para diante, apoiando-me em vocês; pois dais-me a esperança que a minha débil e miserável

confiança em mim mesmo recusa. Sois, além disso, para mim, os melhores exemplos. Quer tu, quer Overbeck, suportais com menos queixas e maior dignidade o vosso destino, em muitos sentidos mais penoso do que o meu. E estais acima de mim, tanto em amor, como na faculdade de pensardes pouco em vós mesmos.

138 139

A MALWIDA VON MEYSENBURG

Basileia, 25 de Outubro de 1874

Finalmente, minha distinta amiga, volto a dar-lhe notícias minhas, enviando-lhe algo de novo. O conteúdo desta minha última produção (1105) mostrar-lhe-á muito do que experimentei, dentro de mim mesmo, neste intervalo, e far-lhe-á adivinhar também que, no transcurso do ano actual, atravessei estudos mais críticos e piores do que a leitura do meu livro permite deduzir.

Mas, in summa, verá que tudo marcha e marcha para diante. Se não me faltassem de tal maneira calor e claridade vitais, ver-me-ia obrigado a confessar que tudo caminhava o melhor possível, pois é certamente uma grande felicidade ir avançando, passo a passo, na própria obra, e eu já tenho terminadas três "Considerações" e a quarta vibra na minha cabeça. Que estado será o meu, quando estiver desembaraçado de todo o negativismo rebelde que em mim se esconde? Apesar de tudo, espero encontrar-me, talvez dentro de cinco anos, muito perto de tão desejado fim.

Sinto já, e com íntimo agradecimento, como vou aprendendo a ver, cada dia com mais claridade e penetração (espirituais, não físicas, por desgrça), e como vou podendo exprimir-me

140

cada vez com mais precisão e mais compreensivelmente. Tudo isto, se os outros não me fizerem errar ou se eu próprio não me inutilizar no mesmo caminho, tem de dar algum fruto. Penso que uma série de cinquenta escritos como os quatro que até agora produzi, obrigando-os a sair à luz do fundo da mais íntima experiência, não poderia deixar de produzir o seu efeito. Libertaria a língua de muitos e faria que se falasse de coisas que os homens não poderiam esquecer tão depressa e que jazem,

agora, sumidas na mais absoluta indiferença, como se não existissem. Que é que poderá estorvar o meu avanço em tal empresa? O que desejo é conseguir ver claro no embrulhado sistema de antagonismos que constitui o “mundo moderno”; e até o que contra mim se volta me ajuda, com frequência, a ver claro mais rapidamente do que o apoio dos que estão a meu lado. Felizmente, careço de toda a ambição política e social e, portanto, não tenho receio de que desse sector venha nenhum perigo, nem tenha de sofrer humilhação alguma de ver-me obrigado a fazer transacções ou a calar considerações de qualquer género. Posso dizer tudo o que penso, e quero provar até que ponto suportam os nossos contemporâneos, tão orgulhosos da liberdade de pensamento, os meus pensamentos livres. Não peço demasiado à vida; não lhe peço abundância supérflua; mas, em troca, espero que nos próximos anos viveremos algo que nos será invejado pelo passado e pelo futuro. Contra todo o meu merecimento, foi-me dado possuir excelentes amigos. Agora, aspiro unicamente, digo-o com confiança, a encontrar depressa uma boa esposa. Então, verei cumpridos todos os meus desejos da vida. O resto, levá-lo-ei comigo!

XLIX

AO BARÃO DE GERSDORFF

Steinabad, 21 de Julho de 1875

Adiantaste-te um pouco, mas muito pouco, a mim, meu querido amigo, pois em seguida a ter-te enviado a minha última carta ocorreu-me que talvez não pudesses dispor do tempo necessário e que terias razão para chamar-me imodesto por te pedir e quase obrigar a empreenderes a viagem, só porque “isso me apetecia”. Mas não; eu não pertenço a esses homens que querem sempre ter razão, e de facto a têm quase sempre, até na amizade. Só a minha distracção explica que te haja proposto uma coisa que devia saber não te ser possível por agora. Teria tido um grande prazer em falar contigo um pouco de Bayreuth, antes de Bayreuth, pois suspeito que vás lá, não só como Gersdorff, mas como Nietzsche; o meu mau estado de saúde não parece vir a permitir outra coisa.

A minha última carta far-te-ia saber como estou. Depois dela, variei muito de regime, mudança efectuada a meu pedido, visto que tomei horror pela carne. Por conseguinte, como agora muito menos.

Desde ontem, constitui a minha alegria uma magnífica piscina natatória, que descobri ao lado do jardim do hotel e que só eu utilizo, porque para os outros mortais está muito frio. De

manhã cedo, às seis, banho-me e, depois, antes do pequeno-almoço, dou um passeio de duas horas. Ontem, à tarde, andei a vaguear durante três horas pelos belíssimos bosques e escondidos vales destes contornos, pensando intensamente no futuro prenhe de esperanças. Havia algum tempo que não surpreendia um tão luminoso relâmpago de felicidade. Para que destinos estarei ainda reservado? Tenho uma boa quantidade de trabalho para os próximos sete anos, Clo6 e o meu espírito alegra-se pensando nisso. Devemos ainda utilizar a nossa juventude e aprender muito de bom. Pouco a pouca, vão-se formando uma

vida e um estudo em comum. De quando em quando, agrega-se um ao nosso grupo, como fez, este Verão, um discípulo muito apto e precocemente maduro (porque começou cedo a sofrer): o Slud, Jur, Clo” Brenner, de Basileia. Falaram-me também de um jovem que, ao partir para a Austrália, procurou todas as minhas obras. Hoje, tive de responder a uma livraria de Viena, dizendo-lhe que ainda não publiquei um livro sobre Homero pelo qual me perguntava (como já fizeram outras) em nome de um “fiel admirador”.

Passadas as férias, voltarei para a minha casa e começarão para mim uma vida e uma actividade tão razoavelmente medidas que espero ainda chegar a conseguir alguma coisa. Quero agora dedicar-me a preencher as lacunas deixadas em mim pela nossa educação - (penso, ao escrever isto, em Pforta, na Universidade e noutros lugares). Cada dia trará o seu pequeno labor além do maior de todos: a minha aula. Temos de subir devagar, mas sem descanso, um bom bocado de caminho, para conseguir uma livre visão da civilização antiga.

Devemos atravessar um campo de ciências muito penosas. Mas esta lenta ascensão é a nossa espécie de felicidade e eu, pela minha parte, não desejo muito mais. Creio que a literatura acabou já para mim, por muito tempo. Como gritos de alerta e de chamada, parecem-me deficientes os meus quatro escritos dirigidos aos jovens e aos seus juvenis anelos.

Leste O Drama Musical, de Schuré? Este enviou-mo, proporcionando-me grande alegria os dois volumes de que consta. O primeiro contém uma gravura que representa o teatro grego de Eggesta; o segundo, outra do de Bayreuth. Schuré compreendeu e sentiu o meu Nascimento, tão livre e profundamente que isso me causa grande prazer. Para mim, o francês é retórico em excesso, e um tanto ruidoso e vulgar, para tratar coisas como a música. Mas isto é falta do idioma e não de Schuré.

A MARIA BAUMGARTNER

Steinabad 2 de Agosto de 1875

Minha distinta Senhora:

Sempre tenho recebido as suas cartas com alegria, mas a última, referente à sua viagem a Bona, emocionou-me e estimei saber que o seu filho estava bem. Fiquei, além disso, firmemente convencido de que os perigos não têm poder sobre o

homem a quem protege e consola um tão grande carinho. Também eu escrevi a Adolfo. Não pode V. Exá imaginar com que luminoso resplendor de alegria e confiança se eleva na minha alma a imagem do Inverno que há-de começar dentro de alguns meses. Pela primeira vez, sinto-me seguro, protegido pelo rico aumento de carinho que vem a mim, los1 e menos abandonado, menos vulnerável que durante o meu longo desterro em Basileia.

Não deve V. Exá crer que estou mal acostuntado, por ter sido amimado durante a minha vida. Creio que V. Exá terá já notado o contrário, isto é, que, por não o haver sido nunca, existe em mim, desde a minha meninice, um pouco de resignação. Talvez seja porque nunca mereci mais. Agora, não há dúvida de que vou melhorar, e o meu assombro é maior que a minha alegria;

tão novo é tudo isto para mim! Sinto agora erguerem-se em mim muitas coisas e, de mês para mês, vou vendo cada vez com maior clareza muitos dos meus deveres na vida. Nunca tive a coragem de dizer isto a ninguém. Um tranquilo, mas decidido, caminhar de escalo em escalo, é que me permitirá chegar ainda bastante longe. Parece-me agora haver nascido para escalar montanhas. Já vê V. Exe quão orgulhosamente posso falar. A MALWIDA VON MEYSENBURG

A minha doença já não me preocupa e só me obrigará, mais tarde, a observar uma determinada maneira de viver que não constituirá, para mim, uma grave limitação. Estive um dia de cama, à antiga e má maneira de Basileia, e precisamente nos Steinabad-FlorestaNegra dias em que os meus amigos se reuniam em Bayreuth, indica- ll de Agosto de 1875 ção precisa de que não devia interromper o meu tratamento. Portanto, ficarei aqui ainda duas semanas. Conseguiu-se diminuir alguma coisa à minha dilatação de estômago; mas o doutor Minha distinta Amiga: Wiel pensa, como Smmermann, que sofro de uma afecção nervosa desse órgão, enfermidade cuja cura será demorada. Creia que não tem sido ingratidão, mas sim necessidade, o

que me fez emudecer durante tanto tempo. Nada há de melhor para mim do que pensar quão rico em carinho tenho chegado a ser, durante os últimos anos. E, ao pensá-lo, recordo sempre o seu nome e a sua fiel e profunda amizade. Mas, quando me falta ou julgo que me falta a possibilidade de dar alegria aos que me querem bem, encontro-me mais pobre e mais despojado do que nunca. Agora, passei por uma tal situação. Sentia-me, por causa da minha má saúde, tão deprimido que julguei ter de baixar a cabeça e desaparecer, como debaixo da carga e do afrontamento de um dia pesado e quente. Todos os meus planos se modificaram e tornara-se-me doloroso o pensamento de que os meus amigos haviam esperado algo de melhor de mim e tinham agora de abandonar as suas esperanças sem receber por elas qualquer prémio. Conhece este estado? Já se afastou outra vez de mim, mas não sei por quanto tempo. Volto a fazer projectos e mais projectos, e intento dar conexão à minha vida, nova-

mente. Tal é sempre a minha ocupação favorita, quando a ela posso dedicar-me, e isso constitui um verdadeiro barómetro da minha saúde. Nós, quer dizer, V. e eu, nunca sofremos só corporalmente; vai tudo misturado com crises espirituais, de tal modo que não posso conceber que se possa recuperar a saúde só com medicinas e regime. Mas creio que tudo isto sabe-o V. e acredita-o com tanta convicção como eu, e que é completamente desnecessário o que estou dizendo. AO BARÃO DE GERSDORFF

Para nós, o segredo de toda a possível cura consiste em adquirir uma determinada dureza de epiderme que diminua a nossa grande vulnerabilidade e a nossa capacidade de sofrimento íntimos. Não deve contrariar-nos nem combater-nos tão facilmente, o que nos venha do exterior. Pelo menos, a mim já não me atormenta, assim como não sofre com o fogo aquele que arde exterior e interiormente. O meu lar, preparado pela minha Ontem, chegou a tua carta, meu querido amigo, e, esta má-bona irmã, e no qual entrarei dentro de alguns dias, terá de ser nhã, princípio de uma semana cheia de trabalho, chegaram os para mim como uma nova pele forte e dura. Faz-me feliz o teus livros. Clo9 Tendo alguém tão carinhosos e amáveis ami-
“ver-me , já na minha casita de caracol, da qual estenderei com gos, bem pode sentir-se animoso! Admira-me verdadeiramente carinho os meus cornos para V. e para poucos mais. Perdoe- o belo instinto da tua amizade - espero que a expressão não te -me a animalidade da expressão! pareça demasiado zoológica - que te levou a mandar-me tais sentenças indostânicas, na ocasião precisa em que eu, sobretudo nos últimos meses, voltava a minha vista para a Índia com uma espécie de sede crescente. Pedi emprestado a Widemann, o amigo de Schneitzner, a tradução inglesa de Sutta Nipata e qualquer coisa dos livros sagrados budistas, e já adquiri, para s uso doméstico, um dos mais firmes finais de uma Sutta: “E assim, caminho solitário como o rinoceronte. , Cllo bceca-me com tal força em certas ocasiões, e sobretudo quando estou enfermo, a convicção de falta de valor da vida e da mentira de todos os fins, que, nesses instantes, desejo ouvir ou ler um pouco sobre as referidas coisas, mas não amalgamado com as formas de expressão judaico-cristãs, que me repugnam de tal maneira que, às vezes, tenho de fazer um grande esfonço para não cair em injustiças.

O que a vida é podes deduzi-lo, também, da inclusa carta do nosso amigo Rohde (tão experimentado pelo sofrimento) se, como parece bem claro, não devemos pôr nela todo o coração. Onde há-de agarrar-se uma pessoa, quando real e verdadeiramente não quer nada já? Creio que o Querer conhecer é a última região do querer viver, espécie de reino intermediário entre o querer e o já não querer; um pedaço de purgatório, do qual se olha para trás, até à vida, com desprezo e descontentamento; um pedaço de Nirvana, porque a alma se acercou assim do estado de pura contemplação. Exercito-me em despojar-me da ânsia de conhecer, de que padecem todos os eruditos e que os faz perder o sossegado e magnífico domínio do conhecimento já conquistado. Eu permaneci forte, mas demasiadamente jungido aos deveres do meu cargo, para não cair também, com demasiada frequência, e bem contra o meu desejo, na tal ânsia de conhecer. Mas, pouco a pouco, irei entrando no bom caminho. Um modesto lar, uma vida absolutamente ordenada, com um plano perfeitamente determinado para cada dia, nenhum desejo de honras nem de sociedade, a vida na companhia da minha irmã, cuja presença torna tão pacífico e tão nietzschiano tudo o que me rodeia, a consciência de ter excelentes e carinhosos amigos, a posse de quarenta bons livros de todas as idades e países (e outros tantos não absolutamente maus), a imutável felicidade de ter encontrado educadores em Schopenhauer e Wagner, e nos gregos - objecto do meu trabalho quotidiano - a fé em que não hão-de faltar-me, de futuro, bons discípulos, tudo isto constitui a minha vida actual. Desgraçadamente, há que juntar a isto o tormento crónico que se apodera de mim dois dias inteiros em cada quinze. Esperemos que se extinga alguma vez.

Mais tarde, quando tenhas fundado o teu lar segura e meditadamente, poderás contar comigo, nas férias, como hóspede. Refresca o meu espírito imaginar a tua futura vida, e creio que ainda poderei ser-te útil em teus filhos. Muitas coisas nos foram comuns, meu velho e fiel amigo: um bom pedaço de juventude, experiência, educação, inclinações, ódios, anelos e esperanças. Sabemos que só de sentir-se juntos, hão-de regozijar-se os nossos corações, e não necessitamos de fazer promessas para o futuro, porque as supre a nossa fé recíproca e a nossa confiança. Sei, por experiência, que hás-de sempre ajudar-me no que possas. Eu, pela minha parte, sempre que en-

contro alegria nalguma coisa, penso: “Como se alegrará Gersdorff”; pois tens, deixa-me dizer-te, a capacidade magnífica de partilhar as alegrias alheias, capacidade para mim mais rara e nobre do que a de compadecer-se.

Agora, adeus! Passa bem e conserva-te, no novo ano, tal como foste no que morre. Assim, conquistaste os teus amigos, e, se ainda há mulheres de juízo, não continuarás muito tempo a “caminhar solitário como o rinoceronte”.

AO DOUTOR HENRIQUE ROMUNDT

Basileia, 14 de Abril de 1876

Até que enfim, meu querido amigo, sabes directamente qualquer coisa de mim. No silencioso intervalo, juntaram-se as ondas sobre a minha cabeça e o Inverno tomou para mim um carácter verdadeiramente horrível, temeroso. Agora, já consegui voltar a encontrar-me, ao cabo de quatro semanas de errante peregrinação debaixo de chuva, neve, sol e vendavais, pelos arredores de Genebra e nas cercanias do Castelo de Chillon. Voltei a mim, isto é, voltei a encontrar a confiança nos meus fins, a consciência do meu trabalho e o valor da saúde. Sigamos, pois, nadando contra a corrente; em tal esforço, fatiga-se, por vezes, a alma, e então as ondas, arrojando o nosso corpo para um lado, fazem ranger todos os nossos ossos. Nunca sei qual é a minha enfermidade, nem se realmente estou enfermo como sinto. E sinto-o como máquina e como maquinista.

Estive ultimamente uma semana em Genebra, onde encontrei em Hugo von Senger, director da orquestra daquela cidade, um verdadeiro amigo, em todo o grave peso da palavra, e fiz outras importantes descobertas. Ao voltar, encontrei o teu programa; nele vi a extensão da tua actividade científica e a importância que vai tomando a tua posição pedagógica. C111) Vi claramente

que essa cidade é o teu Chillon e a tua Genebra, e espero de todo o coração que nela adquiras, como lucro máximo, a saúde espiritual.

Quando me devolvo a mim próprio, venero, em todos os dias e a todos os momentos, uma única coisa: a libertação moral e a insubordinação e o ódio para tudo o que seja cair na debilidade e no cepticismo. Elevar-se e elevar os outros, por meio da dor quotidiana e com a ideia de pureza sempre diante dos olhos, como meu Excelsior, C112) é o que desejo seja a minha vida e a dos meus amigos.

152 153

LIV

AO BARÃO DE GERSDORFF

Basileia, IS de Abril de 1876

Meu mais querido Amigo

Na noite de Quinta-Feira Santa, regressei de Genebra, onde passei seis dias cheios de motivos que enriquecem a minha experiência. A semana anterior à minha viagem, durante a qual (e depois da tua partida) fui o único hóspede do Printanière 1113) aproveitei-a para recolher-me em mim mesmo e proceder a uma limpeza interior, conseguindo, por fim, dominar totalmente o enfermiço, imaginativo e desalentado ser que em mim havia, e pude colocar novamente os meus fins ante meus olhos e contemplá-los de novo com interesse complacente. Perdi a propensão para ser injusto comigo, tendência com que também te martirizei, e voltei a encontrar a boa “consciência” de ter feito, até agora, o possível para a minha libertação e, com isso, haver prestado, igualmente, aos outros homens, um verdadeiro serviço. Sigo outra vez por esse caminho fora e já não me permitirei dirigir olhares de desespero para o passado, nem para o futuro. Tenho muito de que estar grato ao livro C114) da nossa excelente amiga Meysenbug e nunca esquecerei o dia inteiro que passei com ela, ao ar livre, na maior intimidade moral. A

minha estada em Genebra veio no momento próprio e como corroboração e afirmação para o solitário decidido. Encontrei ali, para enriquecimento da nossa comunidade, um verdadeiro amigo em Henvon Senger. Não poderei dizer em poucas palavras quanto ganhei com esta amizade. Sabê-lo-ás; entretanto, calo-me a esse respeito.

Cheguei a uma importantíssima conclusão: a única coisa que

os homens reconhecem e admitem, a única ante a qual se inclinam, é a acção elevada e magnânima. Não há que dar, pois, por nada do mundo, qualquer passo para uma acomodação ou aceitação. Só permanecendo fiel a nós próprios podemos alcançar o “grande êxito”. Inteiro-me agora da grande influência que sobre muitos exerço. E vejo que, portanto, caindo em fraqueza ou cepticismo, não só me prejudicaria ou destruiria, mas também arruinaria aqueles cuja vida espiritual se desenvolve e cresce a par da minha.

Tudo isto pode aplicar-se a ti, meu querido amigo. Rogo-te encarecidamente que não dêes importância ao muito do que, sobre o teu casamento, eu te disse em horas de fraqueza. Não te entregues, por nenhum preço, a um matrimónio de conveniência, como são todos os de que me falaste, e os que te foram propostos. Não deixemos que, neste ponto, vacile a nossa pureza de carácter. É mil vezes melhor ficar só para sempre; este é, agora, o meu conselho.

De novo te agradeço de todo o coração, por me teres sacrificado as tuas férias, e pelos teus fiéis serviços de amigo, sobre cujo valor, para mim, não deves abrigar nenhum pensamento que te apoquente. Noutra ocasião, irá tudo mais serena e alegremente do que nesta. Eu estou totalmente enfermo, isto é, também moralmente. Não se devia falar tanto da maldade do mundo, e da luta pelo bom e pelo justo e suas consequências.

Em silêncio, perdemos toda a morosidade, e cada músculo contrai-se mais vigorosamente para o esforço.

LV

A ERWIN ROHDE

Rosenlazibad, 28 de Agosto de 1877

Meu muito querido Amigo:

Sempre que penso em ti, assalta-me a comoção, e quando, há pouco, alguém me escreveu, dizendo - "A juvenil esposa de Rohde é uma criatura extremamente amável, cuja nobreza de alma ilumina suas feições" -, as lágrimas assomaram aos meus olhos. Não te sei dar, disso, uma razão admissível. Perguntaremos aos psicólogos e pode ser que, depois de largas meditações, acabem por dizer que o que eu sinto é inveja da tua felicidade, ou despeito, por me terem arrebatado o meu amigo e o terem escondido em Paris, junto ao Reno, sabe Deus onde, sem quererem devolver-mo. Quando, há pouco, eu cantava para mim próprio o meu Hino d Solidão, C115) ocorreu-me de repente que tal música te repugnaria e que pedirias um cântico à Solidão de Dois. Naquela noite, improvisei um, ao piano, o melhor que pude, e saiu tão bem que todos os anjinhos teriam desejado ouvi-lo, principalmente os anjinhos humanos. . . Mas isto sucedeu numa escura e solitária habitação. Ninguém o ouviu, e tive de reprimir a minha felicidade. E bebi em silêncio as minhas lágrimas.

156 157

Deverei falar-te um pouco de mim? Deverei dizer-te como, duas horas antes de o Sol iluminar as montanhas, já estou a caminho, e assim me surpreendem as dilatadas sombras do anoitecer? Tenho meditado muito, e encontro-me cheio de coisas desde que, por fim, me foi permitido despojar-me da velha capa de musgo acumulada sobre mim pelo quotidiano dever de pensar e ensinar. Mas a vida que aqui levo não é mais do que suportável, porque as minhas dores me seguiram até estas alturas. Felizmente, nos intervalos Que a dor me concede, experimento felizes exaltações do pensamento e da sensibilidade.

Há pouco, tive, graças aó Prometeu Desagrilhado, C116) um verdadeiro dia sagrado. Não sei o que possa ser a palavra “génio”, se não for aplicável a tal poeta. É maravilhosa a sua obra, e pareceu-me, ao lê-la, encontrar nela o meu Eu, elevado e divinizado. Inclino-me profundamente perante um homem que pôde criar tal coisa, dentro de si mesmo, e em seguida exprimi-la.

Daqui a três dias regressarei a Basileia. Minha irmã já ali está, entregue à tarefa de preparar a nossa instalação.

O meu fiel amigo Peter Gast muda-se para minha casa, e quer ocupar nela o posto de utilíssimo escrivão.

O próximo Inverno inspira-me algum temor, pois a minha vida terá de experimentar, então, algumas variantes. O que diariamente dispõe de pouco tempo para o essencial, por ter de dedicá-lo quase todo, e quase todas as suas energias, a um labor profissional que outros poderiam levar a cabo tão bem como ele, termina por adoecer por causa da falta de harmonia que em si produz este desacordo consigo mesmo. A influência que exerço sobre a juventude devo-a unicamente aos meus livros e às horas roubadas à minha profissão, ou conquistadas para mim pelas minhas doenças. Enfim, agora tudo há-de mudar: si male nunc, non olim sic erit. C11)

Entretanto, cresça e floresça a felicidade dos meus amigos.

Faz-me sempre bem pensar em ti, meu querido amigo.

158

(Agora visiono-te na margem de um lago, rodeado de rosas, enquanto um belo e branco cisne se dirige para ti.)

dos meus últimos dez anos. E agora, que um ano de recolhimento espiritual aclarou e precisou tudo ante os meus olhos (nem posso exprimir-lhe a plenitude e a alegria de criar que, apesar das minhas dores, sinto quando me deixam só), agora LVI posso dizer-lhe com pleno conhecimento que não regresso a Basileia para lá ficar. Ainda não sei como, mas conquistarei a minha absoluta liberdade. Se as condições exteriores dessa liberdade forem as mais modestas possíveis, isso será o menos.

Rosenlazibad, 30 de Agosto de 1877

Eis aqui, minha querida e distinta senhora, uma pequena carta, não como resposta à sua (tão cheia de bondade e de alma como todas), mas na qualidade de anúncio da minha chegada a Basileia. Ainda nos momentos em que me afligia a ideia da escuridão da minha vida naquela cidade, durante o último Inverno, recordei sempre com saudade a sua casa e o seu cordial acolhimento. “Deves renunciar, tens de renunciar!” Soa isto, por todos os lados, na vida de todos os homens. Permaneçamos, pois, bem unidos, nós, os bons amigos, para que, ao menos, haja no mundo um pequeno lugar abrigado onde não possa penetrar a desolação da renúncia.

Vou vendo, cada vez mais nitidamente, que a verdadeira e única razão da minha enfermidade foi a enorme violência que, em Basileia, tive de exercer sobre mim próprio. Por fim, esgotou-se a minha capacidade de resistência. Sei e sinto que, para mim, há um destino mais elevado do que a minha posição naquela cidade, por muito considerável que ela seja, e também que sou qualquer coisa mais do que um filólogo, por muito que empregue a filologia para a consecução de outros fins mais elevados. “Estou sedento de mim mesmo”, tal era o contínuo tema

AO BARÃO DE SEYDLITZ

Basileia, 4 de Janeiro de 1878

Mostra-se-me muito bondoso, meu muito querido amigo, com seus desejos e promessas. Eu, em troca, sou tão pobre. . . Cada uma das suas cartas oferece-me um belo pedaço de alegria vital; mas eu não posso corresponder, seja com o que for, a tal presente. De novo, passei, durante as férias do Natal, dias e semanas muito ruins. Veremos o que o novo ano nos traz. Reunir-nos-á? Ouso esperá-lo.

Ontem, recebi o Parsifal, que me foi enviado por Wagner. As minhas impressões, à primeira leitura, foram as seguintes: toda a obra está cheia do espírito da Contra-Reforma, e nela há muito mais de Liszt do que de Wagner. Além disso, acostumado ao grego e ao geralmente humano, acho a produção wagneriana limitada em excesso, dentro do cristianismo e do tempo. Sobretudo, há no Parsifal uma absoluta falta de carne e, em troca, demasiado sangue (na cena, é já uma verdadeira pletora dele). Por último, dir-lhe-ei que não me agradam as mulheres histéricas. Muito do que é suportável para a visão interna, já o não é em cena. Pense V. nos nossos autores, e imagine-os em êxtase, rezando e tremendo. . . Muito menos creio que o interior do templo produza efeito cénico, principalmente o cisne ferido.

Todas estas belas invenções pertencem ao epos e são, como já disse, para a visão interior. A linguagem soa como tradução de um idioma estrangeiro. Em compensação, as situações e a sua sucessão são da mais elevada poesia e do mais alto que se pode alcançar em música.

162 163

LVIII

AO BARÃO DE SEYDLITZ

Basileia, 13 de Maio de 1878

Meu Querido Amigo:

Há três semanas que estou de novo em plena actividade académica - e muito satisfeito com isso. Pouco tempo me sobra! Por hoje, unicamente lhe dou um sinal de vida, que o amigo, sem dúvida, compreenderá.

Se V. imaginar o incomparável sentimento que se apodera do homem que fez pela primeira vez profissão pública do seu ideal e dos seus fins, Clls) ideal e fins que ninguém, além disso, possui, que quase ninguém compreende e que bastam para preencher uma pobre vida humana, compreenderá porque penso em procurar, este ano, a solidão, sempre que os meus deveres o permitam. Rogo-lhe aceite isto sem discussão.

164

LIX

A PETER GAST

Basileia, 31 de Maio de 1878

Meu querido Amigo:

No dia do centenário de Voltaire, recebi dois presentes, ambos comovedores: a sua carta e uma remessa anónima, procedente de Paris, contendo um busto de Voltaire, e um cartão com as seguintes palavras: “A alma de Voltaire apresenta os seus cumprimentos a Frederico Nietzsche.” C119)

Juntando à sua as outras duas pessoas que mostraram verdadeira alegria pela publicação do meu livro, ou sejam, Rée e Burckhardt (o qual, repetidas vezes, denominou a minha obra de “livro soberano”), poderei formar uma ideia de como deveria ser a condição dos homens para que o meu livro pudesse produzir um rápido efeito. Mas isto não pode ser e não o será, por muito que o sinta pelo meu excelente editor. Em Bayreuth, exerceu-se a censura sobre o meu livro, e parece que também se trata de deixar cair a grande excomunhão sobre o seu autor. Sem dúvida, pretendem conservar os meus amigos, já que me perdem a mim, e, deste modo, me certifico do que sucede e se planeia, nas minhas costas. Wagner perdeu uma grande ocasião de mostrar a sua magnanimidade. C120) Isso não há-de induzir-

165

-me em erro, na opinião que dele tenho, nem na que tenho de mim próprio.

Se todos quisessem dedicar ao meu livro tanto tempo e tão penetrante estudo como os que a bondade de V. o levou a consagrar-lhe, por certo que conseguiriam alguma coisa, isto é, novos pensamentos e sentimentos e o mais vigoroso estado espiritual, como se tivessem entrado na atmosfera, mais ligeira e pura, das alturas. Réé diz que só noutro livro, as Conversações, de Eckermann, encontrou um análogo parecer frutífero. Uma multidão de reflexões foram-lhe sugeridas por mim.

Isto é o melhor que eu poderia esperar da minha obra; que active a produção de outros e que, como disse Jacobo Burckhardt, "coadjuve o aumento da independência no mundo".

A minha saúde melhora. Sou infatigável no meu constante passear e meditar. Contemplo a Primavera com alegria e estou tranquilo, como alguém a quem já não é fácil afastar do seu caminho. Se me fosse permitido viver assim, até ao fim! . . .

LX

A ERWIN ROHDE

Basileia, Junho de 1878

Isto é belo e justo, meu querido amigo! A nossa união não repousa num pedestal de barro que possa ser destruído por um livro.

Desta vez, espero com tranquilidade que, pouco a pouco, serenem as ondas entre as quais se debatem os meus pobres amigos. A vida deles não corre perigo com isso, sei-o por experiência, e, se aqui e além a amizade pudesse corrê-lo, devíamos continuar servindo fielmente a verdade, e dizer: "Amámos até agora, um no outro, apenas uma sombra. , Muito se poderia dizer, e muito, e muito mais infável, pensar sobre os efeitos do meu livro. Posso ousar, de brincadeira, comparar-me a um homem que tivesse preparado uma grande refeição, e que, vendo fugir os seus convidados ante os ricos manjares que Lhes

oferecia, se sentisse feliz de que algum se deixasse tentar por um bocado (como se passou contigo, meu querido e bom amigo, com os gregos, aos quais fizeste uma grande honra).

Não subtilizes, procurando a origem do meu livro. Continua aproveitando o que de bom encontrarás nele. Oxalá chegue, depois, a hora em que, com a tua bela fantasia construtiva, contemples o todo como tal e possas tomar parte na maior feli-

cidade de que eu, até agora, gozei.

Procura-me sempre no meu livro, e não ao amigo Rée. Orgulho-me de ter descoberto as suas magníficas qualidades e intenções; mas ele não teve a menor influência na concepção da minha *Philosophia in nuce* que estava terminada e, em grande parte, confiada ao papel, quando, em 1876, travei íntimo conhecimento com ele. Encontrando-nos à mesma altura, o prazer das nossas conversações foi ilimitado, e grande o proveito, decerto, para ambos. (Tanto que Rée, com carinhoso exagero, me dedicou o seu livro *Sensações Morais*, com as palavras: “Ao pai deste livro, a mãe agradecida.,)

Isto, porventura, far-me-á parecer, perante ti, ainda mais extraordinário e incompreensível. Se sentisses o que eu agora sinto, desde que finalmente se ergue o ideal da minha vida - a pura e fresca atmosfera das alturas e um túbio calor à minha volta - alegrar-te-ias por mim e comigo. Mas esse dia há-de chegar!

Basileia, fns do Verão de 1878

De modo que também V., meu querido doutor, está sofrendo uma crise a respeito de Wagner! Portanto, já somos dois. E os primeiros. Ainda que, para terror de todos os wagnerianos, possa basear a verdade que defendo em mais de vinte sólidos pontos de apoio, tenho observado, por agora, no meu livro, a maior indulgência. Tudo acabará por vir à superfície; mas rogo-lhe que não se precipite e que deixe passar a efervescência do primeiro fermento, para que, também destas coisas, possa brotar no dia próprio um vinho nobre e transparente. Não escreva por agora nada sobre Wagner.

Com o tempo, acabará por descobrir ainda muitas coisas. Por sorte, está em completa independência, com respeito a Bayreuth e outras "orientações", e o que de si possam pensar Wagner e a sua esposa deve ser-lhe completamente indiferente. Wagner é já velho e não pode esperar uma nova Primavera; a verdade, em troca, não envelhece nunca, e sabe que em todas as coisas há-de chegar a sua hora. A combinação única de aptidões e conhecimentos l121) dá-Lhe o direito de fazer o que creio não se fez ainda: uma descrição do característico do estilo de todos e de cada um dos grandes mestres. Faça esta obra em forma de tese ou em aforismos, isto é, do modo mais preciso e

sintético possível, e com expressão incisiva e subtil. Meio mi-lhar de frases e observações, que encerrem a quinta-essência da sua experiência musical, dar-lhe-ão nome e posição. Sobretudo, deve evitar a publicação de pequenos artigos nas revistas. Que V. possa mostrar-se ao público em toda a sua plenitude de talentos. Perdoe se o meu desejo de o ver tomado em consideração por aqueles que podem outorgá-la me faz parecer importuno com os meus conselhos. O meu plano de publicar os Anais dos Amigos não poderá ser realizado antes de dois ou mais anos. A impaciência de Schursitznes não há-de levar-me a cair no que considero um erro. (Tudo isto privatíssima.) Nada mais longe do meu pensamento do que entabular uma competência com um papelinho tão digno de consideração como as “Folhas bayreuthianas, , e em geral com qualquer coisa que venha dali.

LXII

AO BARÃO SEYDLITZ

Basileia, 18 de Novembro de 1878

Benditos sejam V., meu querido amigo, e a sua cordial alma bondosa! Tal como o digo, desejo-lho sempre que em si penso. Já não posso escrever cartas; nem os meus mais antigos amigos devem esperá-las de mim. Tenho de viver para os deveres do meu cargo e para o labor da minha vida - um dono e uma deusa amada - e isto já é muito para as minhas débeis forças e a minha quebrantada saúde. A minha vida, contemplada de fora, é a de um ancião e um solitário: abstenção absoluta de trato com os homens, até com os meus amigos. Mas, apesar de tudo, conservo o meu valor. Adiante! Excelsior!

Os meus sentimentos sobre Wagner são já completamente livres. Tudo tinha de passar como passou. Ele fez-me bem, e agora contemplo a minha emancipação de Wagner como um progresso espiritual. Alguém me disse: “O caricaturista de Bayreuth é um desagradecido e um louco. , Eu respondi-lhe:

“Homens destinados a tão altas coisas devem ser apreciados, relativamente à virtude burguesa da gratidão, com medida proporcional ao seu destino.” Além disso, talvez eu não seja muito mais agradecido do que Wagner. . . E pelo que se refere à “loucura”, . . .

170 171

Mas, naturalmente, já disse demasiado, e o wagneriano indigna-se em V. e procura pedras. . .

Não, meu querido amigo, já sei que V. não as atirá contra mim. Dê-me também a honra de nunca me defender. A minha posição é demasiado orgulhosa para consenti-lo. Perdão! Ainda creio que os meus amigos também podem sentir-se orgulhosos comigo.

LXIII

A PETER GAST

Saint Moritz, 11 de Setembro de 1879

Meu querido Amigo:

Quando V. tiver lido estas linhas, já estará em seu poder o meu manuscrito. C122) peça ele mesmo o pedido que eu não me atrevo a dirigir. Ao lê-lo, participará V. comigo de alguns momentos da felicidade que me produz a ideia de haver levado já até ao fim a minha obra na vida. Encontro-me no fim dos meus trinta e cinco anos. Ou, como se dizia alguns séculos antes da nossa época: "A meio caminho da vida." C123) Dante teve então a sua visão, e di-lo nas primeiras palavras da sua obra. Mas eu, nesta metade da vida, estou já tão "próximo da morte" (124) que ela me pode surpreender a cada instante. O carácter do meu sofrimento faz-me esperar uma morte súbita. Eu preferia morrer lentamente, com clara inteligência e podendo falar com os meus amigos, ainda que morrer assim fosse mil vezes mais doloroso. O pensamento de que a morte me poderá surpreender a cada instante iguala-me ao homem mais velho. Para isso, contribui também o sentimento de haver já levado até ao fim a obra da minha vida. Sei que dei já a minha boa gota de azeite e que isto fará que não me esqueçam.

I 72 173

Fiz a prova da minha concepção do Universo; outros a provarão no futuro. Os meus prolongados e penosos sofrimentos não conseguiram ainda deprimir o meu espírito e, pelo contrário, julgo sentir-me agora mais sereno e cheio de benevolência do que nunca, na minha vida. A quem hei-de atribuir a causa deste meu estado mais forte e mais perfeito? Aos homens? Certamente, não; pois, excepto muito poucos, todos viram em mim “motivo de escândalo” e não se coibiram de mo darem a saber. Ao ler este meu último manuscrito, seja V., meu querido amigo, se pode encontrar-Lhe vestígios de sofrimento e de depressão. Creio que não há-de encontrá-los e esta crença é já um sinal de que, nas minhas doutrinas, se escondem forças e não desfalecimentos e fadiga, que é aquilo que nelas buscarão aqueles que me são adversos. Não estarei absolutamente tranquilo sem que se possa enviar ao editor (Chemnitz), uma vez revista por mim, a cópia do meu manuscrito feita pelo mais bondoso amigo. Não o irei ver, apesar do muito que Overbeck e minha irmã mo aconselham; há estados nos quais o melhor que se pode fazer é refugiarmo-nos na nossa pátria, junto a uma mãe e rodeados das recordações da infância. Mas V. não tome isto como última e irrevogável decisão; um doente tem de construir e modificar os seus planos, segundo se erguem ou descem as suas esperanças. Acabei completamente o programa estival que me havia prescrito: três semanas de altitude média em Wiesen, e três meses na Engadina, o último dele em St. Moritz, fazendo a minha cura de águas, cujo efeito espero que só será sentido no próximo Inverno. O ter conseguido realizar o meu programa integralmente fez-me muito bem. Não era nacia fácil, pois consistia numa privação absoluta de tudo. Nem amigos, nem convívio de qualquer espécie, e longe dos livros e de toda a manifestação arástica. Uma cela com uma cama por único mobiliário, e uma comida ascética (que, por certo, me livrou, durante todo o Verão, da moléstia estomacal). A privação era absoluta, até um determinado ponto: a actividade do meu

pensamento. Mas que lhe havia de fazer! Não sei como havia de evitá-lo, se bem que estou convencido de que essa actividade é o que mais prejudica a minha cabeça. O meu programa deste Inverno é curar-me de mim próprio e impor absoluto descanso ao meu cérebro = descanso que não conheço há muitos anos. Talvez em Naumburg consiga ordenar a minha

vida quotidiana, de modo que me seja possível repousar.-
Mas, primeiro que tudo: O Viandante e a sua Sombra. - A sua
ultima carta tão cheia de ideias, deu-nos, a Overbeck e a mim,
tamanha alegria que o autorizei a levá-la a Zurique, e a lê-la às
senhoras. Perdão por isto! E por coisas maiores!

A PETER GAST

Naurnburg, 5 de Outubro de 1879

Ontem, pela manhã, seguiu a minha carta para si, meu querido amigo, e três horas depois tinha nas minhas mãos novas provas da sua infatigável bondade para comigo. Oxalá me fosse possível corresponder aos seus desejos! Mas “o pensamento está demasiadamente longe”. V. não pode imaginar quão fielmente tenho seguido, até agora, o meu programa de absoluto repouso cerebral. Tenho razão para permanecer fiel a esta disciplina, pois “por detrás do pensamento, está o Diabo . . . de um acesso honivelmente doloroso da minha enfermidade.

O manuscrito que lhe enviei de St. Moritz paguei-o tão cara e penosamente que ninguém que o pudesse editar o teria escrito por um tal preço. Estremeço ao lê-lo, porque, sobretudo nos grandes parágrafos, vem-me à memória a recordação dos sofrimentos que me produziram. Todo o manuscrito, exceptuando poucas linhas, foi meditado durante os meus passeios e anotado a lápis, em pequenos cadernos. Ao tratar, depois, de dar forma às anotações, sempre a dor me acometia. Tive de deixar soltos os pensamentos, infelizmente muito essenciais, por nunca dispor de tempo suficiente para decifrá-los e tirá-los de entre o embrulhado e ininteligível hieróglifo dos meus

176

apontamentos, coisa que já me aconteceu no Verão passado.

Além disso, perco na memória a relação sucessiva dos meus pensamentos, pois tenho de aproveitar os instantes a que V. chama de “energia cerebral”, roubando-os a um cérebro doente. Às vezes, chega a parecer-me que nunca mais voltarei a achá-la. Leio a sua cópia do manuscrito e acho difícil compreender-me a mim próprio; tão fatigada está a minha cabeça. O manuscrito sorrentino C125) foi-se para o diabo; a minha mu-

dança e a minha saída de Basileia despojaram-me de muitas coisas. Para mim foi uma sorte, pois estes velhos manuscritos olhavam-me com expressões de credores.

Estou, meu querido amigo, na impossibilidade absoluta de dizer conscientemente qualquer coisa que exprima veneração por Lutero. Isto é consequência da leitura de uma considerável coleção de dados sobre ele, que Jacobo Burckhardt me recomendou.

Refiro-me ao segundo tomo da História do Povo Alemão, de Janssen, que apareceu este ano, e no qual não há nada da falsa construção histórico-protestante que nos têm ensinado a acreditar. Pelo visto, o caso de havermos preferido Lutero a Inácio de Loyola, foi unicamente motivado pela diferença entre o gosto nacional nortenho e o meridional. Repugna-me a horrenda e orgulhosa natureza diabólica de Lutero, o qual, cheio de inveja biliosa, só se sente satisfeito quando, colérico, pode cuspir sobre alguém. Certamente que V. tem razão, dizendo que Lutero impulsionou a democratização europeia; mas, com certeza ele, tão cruel inimigo dos camponeses que aconselhava exterminá-los como cães raivosos - e gritava aos príncipes que se podia ganhar o Céu afogando e assassinando o "gado popular" - foi um dos que mais involuntariamente contribuiu para tal democratização. Além de tudo, a posição de V. em relação a ele é razoável. Dê-me tempo! Agradeço-lhe muito a sua indicação sobre as soluções de continuidade que observou na sucessão dos meus pensamentos; mas, ai!, com um agradecimento impoten-

te. Recordo aqui o “desejo dos meus desejos”. Pensava, há pouco, no amigo Gast, e não precisamente como escritor. Há tantos meios, sobretudo para V., artista, de exprimir os estados íntimos, a maturidade e a saúde espirituais! Atrás de um Ésquilo vem um Sófocles! Não queria dizer mais claramente o que espero. Devo dizer-lhe algumas palavras sinceras acerca do que penso do seu grau de inteligência e do seu grande coração. Que grandes vantagens sobre mim, sem contar os anos e o que eles trazem consigo! Tenho-o a V. por mais e melhor dotado do que eu e, portanto, ainda mais obrigado. Na sua idade, eu dedicava-me apaixonada e zelosamente a investigações destinadas à formação de um léxico do século XI depois de Jesus Cristo e sobre as fontes de Diógenes Laertius, e não tinha o menor conceito sobre mim mesmo, nem se possuía o direito de ter e de exprimir ideias gerais e propícias. Ainda me sobressalta a ideia de tão lamentável noviciado. A minha solidão e a minha enfermidade acostumaram-me à “desvergonha” do meu modo de escrever. Outros levarão melhor a cabo a minha vida e as minhas ideias. Mas, a tudo isto, não quero que V. responda.

LXV

A MALWIDA VON MEYSENBUG

Naumburg, 14 de Janeiro de 1880

Ainda que, para mim, escrever pertença ao mais proibido dos frutos, eis uma carta para si, a quem amo e venero como uma irmã mais velha. Talvez seja a última! O horrendo e quase contínuo martírio da minha vida faz-me ansiar pelo meu fim, e, segundo muitos sinais, está bastante perto o ataque cerebral que há-de confirmar a minha esperança. A minha vida, nestes últimos anos, pode comparar-se, quanto a torturas e privações, com a de qualquer asceta de qualquer época. Apesar disso, consegui neste tempo suavizar e purificar de tal forma a minha alma que já não necessito, para isso, nem da religião nem da arte. Observará V. que me sinto orgulhoso disso. Com efeito,

o completo abandono levou-me a descobrir em mim próprio as fontes que haviam de prestar-me ajuda. Julgo haver realizado a obra que a vida me tinha reservado, se bem que levando-a a cabo como aquele a quem para isso não dão tempo, mas sei que, para muitos, verti uma boa gota de azeite, e que muitos receberam de mim um impulso para conseguirem a própria elevação, um espírito justo e uma inclinação pacífica.

Digo-lhe agora tudo isto, se bem que a verdadeira ocasião de o dizer fosse, porventura, quando a minha “parte humana” ti-

178 179

vesse desaparecido. Nenhuma dor pôde conseguir, nem conseguirá nunca, que eu dê da vida um testemunho falso ou contrário àquele com que se apresenta ante os meus olhos.

A quem, senão a V., poderia eu dizer todas estas coisas?

Creio, ainda que talvez seja imodéstia, que os nossos caracteres são muito parecidos. Ambos somos corajosos e nem a necessidade nem o menosprezo podem apartar-nos daquilo que nós sabemos ser o caminho direito. Ambos, também, temos experimentado muitas coisas dentro e fora de nós próprios, e só muito poucos entre os que nos rodeavam se aperceberam do resplendor; temos esperança com respeito à humanidade e oferecemo-nos em holocausto, como modestas vítimas. Não é certo?

Tem boas notícias de Wagner? Há três anos que não sei nada dele. Também ele me abandonou! Muito tempo antes que tal coisa sucedesse, sabia eu que Wagner se separaria de mim, desde que percebera o abismo existente entre as nossas aspirações. Disseram-me que escreve contra mim! Pode continuar a fazê-lo; a verdade há-de vir à luz, de qualquer maneira! Penso nele com vivo agradecimento, pois devo-lhe uma das mais fortes excitações que tenho experimentado até à liberdade espiritual. A senhora de Wagner, já V. o sabe, é uma das mulheres mais simpáticas que tenho encontrado na minha vida. Mas eu já não sirvo em nada para novas amizades, nem sequer para reatar as antigas. É demasiado tarde!

Para V., minha querida, fraternal e venerada amiga, a saudação de um jovem ancião que não odeia a vida, ainda que deseje atingir o final da sua.

Marienbad, 18 de Julho de 1880

Meu querido Amigo:

Ainda recordo, várias vezes quotidianamente, os agradáveis dias de mimo e abandono que passei em Veneza, e o ainda mais agradável companheiro durante eles, e penso que essas doçuras não devem prolongar-se muito, e que está bem que eu volte, agora, a ser eremita e, como tal, passeie dez horas por dia, beba águas desagradáveis e espere que elas produzam em mim o seu efeito. Ao mesmo tempo, mergulho na minha ruína moral 126 e apareço-me a mim próprio completamente subterrâneo. Creio ter encontrado já a galeria que há-de conduzir-me a uma saída; mas esta crença necessita ser cem vezes admitida e cem repelida. De quando em quando, soa no meu interior um eco de música chopiniana; V. conseguiu que, sempre que ouço tal eco, pense em si e me perca em cismas sobre possibilidades. A minha confiança aumenta muito; V. está mais fortemente constituído do que me parecia e, salvo a prejudicial influência que, às vezes, exerceu sobre V. o Sr. Nietzsche, possui, em todos os sentidos, boas condições. Cante cum censio, a montanha e os bosques são melhores do que as cidades, e Paris melhor do que

Viena. Mas isto não tem importância.

Na minha viagem, tive ocasião de tratar com uma elevada personagem da Igreja, que parecia pertencer aos primeiros entre os impulsionadores da velha música sagrada, pois respondia muito documentadamente às mais minuciosas perguntas sobre o particular. Achei-o muito apaixonado pelos trabalhos de Wagner sobre Palestrina. 12” Disse-me que o recitativo dramático (na liturgia) era o germe da música sagrada, e, portanto, que todo o recitativo devia exprimir-se o mais dramaticamente possível. Disse, também, que Rosemburg, durante a Semana Santa, era o único sítio em todo o Mundo onde podia estudar-se, mas, principalmente, ouvir a antiga música religiosa.

Leu a notícia do incêndio da casa de Malmmsen? 12s Nele arderam os seus Extractos, a mais formidável preparação que foi levada a cabo por um erudito contemporâneo! Malmmsen arrojou-se repetidamente para entre as chamas do incêndio, até que, já coberto de queimaduras, o sujeitaram à força. Obras como a sua devem ser muito raras, pois são necessárias para executá-las uma formidável memória e uma perspicácia equivalente, para a escolha e ordenação do tremendo material que exige. Estas duas condições vêm-se poucas vezes juntas e, geralmente, sucede que uma delas anula a outra. Quando me contaram o incêndio o meu coração estremeceu no peito, e ainda hoje sofro fisicamente ao recordá-lo. Compaixão, acaso? Talvez! Que me importa a mim, Malmmsen? Nem tenho por ele grande estima.

Aqui, no solitário “Ermitze”, cujo eremita sou, reina desde ontem grande aflição. Não sei, na realidade, o que se passou, mas sobre a casa pesa a sombra de um delito. Alguém enterrou alguma coisa que outros descobriram; ouviram-se terríveis gemidos, os guardas chegaram e fizeram uma busca; durante a noite, alguém, desoladamente atormentado, soluçava no quarto vizinho do meu e tirou-me o sono. Parece-me que, era noite escura, se voltou a intentar ocultar alguma coisa, enterrando-a

182

no bosque. Surpreendida a tarefa, houve, de novo, lágrimas e lamentos. Um empregado disse-me que se tratava de uma história de “notas do Brasil”; mas eu não sou bastante curioso para saber a estas horas tanto como sabem certamente os que me

rodeiam. Enfim, a solidão florestal tornou-se suspeita. Li uma novela de Mérimée, o Vaso Etrusco, na qual, dizem, pinta o carácter de Henry Beyle 129 - que deve ser o St. Clair do livro. A novela é irónica, distinta e de uma profunda melancolia.

Por último, uma reflexão: uma pessoa deixa de amar-se a si própria quando deixa de ter amor para com as demais. Portanto, não deve nunca deixar-se de praticar esse amor pelo semelhante. Digo-o por experiência própria.

Na sua conduta para com o desertor, veria Schopenhauer uma prova de invariabilidade do carácter. E equivocar-se-ia, como quase sempre.

LXVII

A PETER GAST

Marienbad, 20 de Agosto de 1880

Amigo Gast:

No meio do meu ambiente espiritual de reconciliação, de festa de reconciliação, ressoa a sua carta, ainda que algo sombria, tão bem e vigorosamente, que hoje, como sempre, termino e apaziguo a minha meditação sobre V., com as palavras do coral:

“O que faz Gast, bem feito está! Seja feita a sua vontade! Ámen. ,

V. é de mais forte madeira do que eu. E pode formar para si mais elevados ideais. Eu, pela minha parte, sofro homvelmente, quando vejo diminuir o meu caudal de simpatias; nada poderá compensar, por exemplo, o ter perdido, nestes últimos anos, a de Wagner. Sonho frequentemente com ele, e a época em que me aparece é sempre a da nossa antiga e íntima união. Nunca houve, nem mesmo em sonhos, uma má palavra entre nós, mas sim muitas atentadoras e serenas. Com ninguém ri

tanto como com ele. Mas tudo passou! E que me importa ter em muitas coisas, razão contra ele? Isso não pode apagar da minha memória a simpatia perdida. Sofri coisas parecidas antes desta, e é possível que ainda tenha de sofrê-las. E elas têm sido os maiores sacrifícios que, no decurso do meu caminho, através do pensamento e da vida, me foram exigidos. Ainda agora, depois de uma conversação simpática com homens para mim estranhos em absoluto, sinto vacilar toda a minha filosofia e parece-me insensato querer ter razão, se for em troca de não poder amar ninguém nem despertar nenhuma simpatia. Hinc

mea lacrimae.

Ainda estou em Marienbad. O “tempo austríaco, prende-me com força. Desde 24 de Julho tem chovido diariamente e, às vezes, dias inteiros. Céu chuvoso e ar húmido; mas bons caminhos pelo bosque e pela montanha. A minha saúde retrocedeu de novo, por causa do mau tempo; mas, em geral, estou contente com Veneza e com Marienbad. Certamente, nunca, desde Goethe, foram estes lugares testemunhas de tanta meditação. Creio que mesmo Goethe não deixaria girar na sua cabeça coisas tão essenciais. Em certas ocasiões, acho-me completamente fora de mim, isto é, muito acima de mim mesmo. Uma vez, no bosque, ficou-se, olhando-me fixa e penetrantemente, alguém que se cruzava comigo. Naquele momento, percebi que devia ter-se reflectido, na minha fisionomia, a mais radiante felicidade e que essa devia ser a minha expressão enquanto vagueava pelo campo havia duas horas.

Vivo incógnito, como o mais modesto dos aquistas. Na lista de hóspedes, figuro como o Senhor Professor Nietzsche.

Aqui, há muitos polacos e, coisa maravilhosa, todos me julgam um compatriota; dirigem-me saudações no seu idioma e não me acreditam, quando me dou a conhecer como cidadão suíço. “É de raça polaca; mas sabe Deus para onde terá voltado o coração , - disse um, todo perturbado, ao despedir-se.

Tem os Homens do Século XVIII, C130) de Sainte-Beuve?
Há nesse livro magníficos retratos, e Sainte-Beuve é um grande pintor. Mas eu vejo em cada figura uma curva que ele não vê, vantagens que sobre ele me dá a minha filosofia. A minha filosofia!?. . . Que o diabo me leve! E a ela, que a leve Deus, que se regozija com hóspedes de toda a espécie.

LXVIII

A GUSTAVO KRUG

Génova, 16 de Novembro de 1880

Aqui, em Génova, meu querido amigo, encontrei a notícia da tua desgraça, e imediatamente me ponho a escrever-te um par de linhas - carta de viajante. É mais um sinal do meu sentimento do que uma justa expressão dele. Além disso, o calendário diz-me que hoje é o dia do teu aniversário. Com que amarga dor olharás hoje para o teu passado! Envelhecemos e vamos ficando cada dia mais sós. Abandonámos precisamente aquele caminho que amávamos como por uma inconsciente necessidade - não pelas nossas qualidades, antes, com frequência, apesar delas. O nosso passado fecha-se, ao morrer a nossa mãe, e então toda a nossa infância, toda a nossa juventude, ficam logo convertidas em recordação. E depois isto continua: os amigos de juventude, os mestres, os ideais daqueles tempos, tudo, enfim, vai desaparecendo e tornando cada vez maior a nossa solidão, e mais frio o ar que nos circunda. Fizeste bem, meu querido amigo, em plantar um novo jardim de amor à tua roda! Creio que hoje em dia estarás mais do que nunca agradecido ao teu destino. Permaneceste fiel à tua Arte. Tudo o que dela me contas produziu-me íntimo contentamento, e espero chegar a uma idade mais favorável ao meu corpo do que a actual, e na

qual possamos tornar a reunirmo-nos para, juntos, ver surgir o nosso passado das tuas notas, como naqueles tempos em que a nossa música juvenil nos fazia a ambos sonhar com o nosso futuro.

Não posso dizer mais; a minha doença, que ainda, como sempre, tem cada dia a sua história própria, põe sobre mim a sua mão dominadora. Quando pensares em mim (como neste meu último aniversário, de que eu próprio estava esquecido), crê que não me faltam paciência e coragem e que, seja qual for o meu estado, não careço de bons e elevados propósitos. Crê, também, que sou e serei sempre teu cordial amigo.

LXIX

A PETER GAST (postal)

Génova, 8 de Janeiro de 1881

Meu querido Amigo:

Nada tenho que dizer-lhe, mas, há pouco, pensei muito em si. Achava-me à beira-mar, gozando do Sol como um esquilo, e vendo como sobre os cumes longínquos brilhava a neve pela primeira vez neste Inverno. A sua carta, boa como é bom tudo o que vem de si, mostra-me de novo que V. necessita de mim mais do que eu queria. Suportemos a ausência, junta e silenciosamente! Mais tarde, quando tivermos crescido um ao lado do outro, como duas velhas árvores fiéis, riremos outra vez sobre a juventude da nossa amizade. Conserve-se V. para mim, na década que começa. Temo chegar ao seu fim, ainda mais solitário do que agora. Temo-o e já me sinto orgulhoso! Mas V. tem de conservar-se para mim, como eu para V.

LXX

A ERWIN ROHDE

Génova, 24 de Março de 1881

Corre a vida sem parar e os melhores amigos não sabem nada um do outro. Não é pequena habilidade viver sem que me deixe dominar pela melancolia. Frequentemente, atravesso estados nos quais quisera contrair um empréstimo com o meu velho, forte, florescente e valoroso amigo Rohde, estados em que necessitaria de uma transfusão de sangue - de sangue de leão e não de cordeiro! - e encontro-me perante o impossível pois o meu amigo está em Tubinga, casado e rodeado de livros, isto é, inacessível para mim, por todos os motivos. Vejo, então - ai, amigo meu! - que tenho de continuar vivendo à custa das minhas próprias "reservas", ou seja (como sabem todos quantos hajam pretendido fazer idêntica experiência) bebendo o meu próprio sangue. Quando isto acontece, é preciso cuidar de não perder a sede de si mesmo, mas também de não esgotar por completo o rubro licor vital.

Confesso-te que estou assombrado da grande quantidade de fontes que o homem pode descobrir e deixar fluir em si próprio, ainda que, como sucede no meu caso, não seja dos mais ricos. Creio que, se possuísse todas as qualidades que tu me atribuis, chegaria a ser insuportavelmente vaidoso. Ainda agora

tenho momentos em que vagueio pelas alturas que dominam Génova, com olhares e sensações como os que, porventura, daqui mesmo lançou o bem-aventurado Colombo, sobre o mar e sobre o porvir.

Com tais instantes de coragem (ou talvez de loucura), tenho de procurar estabelecer o equilíbrio da nau da minha vida. Não sabes quantos dias e ainda quantas horas de ódios suportáveis tenho de esforçar-me por vencer. Faço tudo o que se pode fazer no meu caso, e chego até onde se pode chegar para mitigar e aligeirar um precário estado de saúde por meio da "sabedoria",

Não estou para isso desprovido de ideias, nem de invenções;
mas não desejo a ninguém um destino como aquele a que co-
meço já a acostumar-me, por começar a compreender que estou
à sua altura.

LXXI

A OVERBECK

Sils Maria, 23 de Junho de 1881

Apraz-me sobremaneira, meu querido amigo, verificar que a nossa amizade tem resistido, também nesta ocasião, e até ainda mais se tenha afirmado. C131) penso sempre em todas as provas de fogo e de frio a que se vêm expostos pela minha "sinceridade" os homens que me são mais queridos. - Pelo que respeita ao cristianismo, suponho que me acreditarás, ao afirmar-te que nunca alberguei no meu coração preconceito algum contra ele, e que, desde pequeno, tenho procurado, muitas vezes, assimilar os seus ideais, mas tropeçando sempre no mesmo resultado: a mais absoluta impossibilidade. - Também aqui sofro muito, pois, este ano, o Verão é, por desgraça minha, mais quente e carregado de electricidade que de costume. Apesar de tudo, não há outro sítio mais adequado à minha natureza do que este pedaço da Alta Engadina. C132) A senhora Baumgartner escreveu-me, muito bondosa e cordialmente. Ainda não tenho nenhum exemplar do meu livro. Obrigado pelo de Hellwald, que é um compêndio de certas opiniões.

192

LXXII

A SUA MÃE

Sils Maria, Julho de 1881

A nossa perda comum causou-me grande pena. Era o nosso Teobaldo, C133) um homem cheio de honradez e doçura para consigo próprio, mas nada fanático. Pensaremos sempre nele com comoção.

Agora, e para tranquilizá-la, duas palavras a meu respeito. Reprovo a minha torpeza de mandar-lhe somente uma curtas linhas sobre o meu estado de saúde, e nada mais, coisa que lhe daria de mim uma falsa impressão.

Nenhum homem merece menos do que eu que o julguem “deprimido”. Aqueles que, entre os meus amigos, adivinham mais do labor da minha vida e da sua ininterrupta marcha, pensam que, se não o mais feliz, sou o mais corajoso dos homens. Trago sobre mim algo que pesa mais do que a minha falta de saúde e, apesar de tudo, consigo conter-me. Além disso, o meu aspecto é agora excelente. A minha musculatura, desenvolvida por contínuas caminhadas, é quase a de um soldado; o meu sistema nervoso causa-me admiração e, apesar da enorme actividade a que se vê submetido, é maravilhosamente frio e forte. Nem as largas e penosas dolências, nem uma actividade inapropriada, nem o mais equivocado tratamento, conseguiram

danificá-lo essencialmente e, pelo contrário, vigorizou-se tanto, nestes últimos anos, que, graças à sua força, consegui escrever um dos livros mais valentes, mais elevados e mais judiciosos (134) que nasceram de um cérebro e de um coração humanos.

Mesmo que, em Recoaro, a vida me tivesse fugido, teria momdo ali um dos homens mais independentes e superiores, e não um desesperado. O género da minha dolência cerebral é muito difícil de precisar, e eu vou estando cada dia mais senhor da matéria científica necessária para defini-lo por mim mesmo. Ofende-me, pois, no meu orgulho científico, que me indiquem novos métodos curativos e acreditem que “deixo correr a minha enfermidade”. Tenha, também nisto, um pouco mais de confiança em mim.

Até agora, e já há dois anos que estou submetido ao meu próprio tratamento, se cometi algum erro, foi sempre por ter cedido a conselhos apaixonados e ter levado a cabo planos curativos que outros me prescreviam. Entre esses erros, podem contar-se as minhas estadas em Naumburg, Marienbad, etc. Os médicos mais entendidos dizem-me que me curarei, mas dentro de muitos anos. Perante isto, tenho de neutralizar os maus efeitos dos diversos tratamentos errados a que me submeti durante tanto tempo.

Não se enfade comigo, se pareço ferir os seus carinhos e interesse, nesta ocasião. Quero ser, de aqui por diante, o meu próprio médico, e os homens hão-de dizer que o fui bom e não unicamente para mim. Sei que caminho para grandes épocas de sofrimento, e peço-lhe de todo o coração que não se impaciente. A sua impaciência ateia mais a minha do que as próprias dores, pois mostra-me a pouca fé que em mim depositam até os meus parentes mais próximos.

Aquele que, escondido, pudesse ver o bem que se enlaçam os cuidados pela minha saúde com o progresso nos meus grandes deveres, não seria pequena honra a que me concederia. Vivo não só corajosa mas muito razoavelmente, e apoiado

por preciosos conhecimentos médicos, com atenção e investigação infatigáveis.

Escreva-me boas palavras para aqui, onde medito sobre o futuro da Humanidade, e deixemos em silêncio as pequenas dores e preocupações pessoais.

194 195

acessos da minha enfermidade, cada um deles com dois ou três dias de duração.

LXXIII

A OVERBECK

Sils Maria, 30 de Julho de 1881

Estou assombrado e encantado! Tenho um precursor. E de que género! Quase não conhecia Espinosa e o que me trouxe

agora desejos de lê-lo foi qualquer coisa realmente instintiva. Achei que não só a sua tendência principal é igual à minha- “faça do conhecimento a paixão mais poderosa.” - se não que coincido com ele em cinco pontos essenciais da sua doutrina, nos quais aquele original e solitário pensador se aproxima grandemente de mim, e que são: a negação do livre arbítrio, da intuição, da ordem moral universal, do inegoísta e do mau. Ainda que seja certo que a diferença entre nós seja enorme, ela depende, principalmente, da diferença da época, da cultura e da ciência. Enfim: no isolamento que, como a altura nas elevadas montanhas, me cortava por vezes a respiração, encontro agora um companheiro. É maravilhoso!

O meu estado físico não corresponde às minhas esperanças. Também aqui temos um tempo anormal, com constantes mudanças atmosféricas. Isto far-me-á, finalmente, sair da Europa. Para que a minha saúde melhore, necessito de gozar de um céu límpido, durante meses inteiros. Sofri já seis horríveis

A PETER GAST

Sils Maria, 14 de Agosto de 1881

Eu te saúdo, meu bom e Querido amigo! Já o sol de Agosto nos ilumina; o ano caminha para o fim, e tudo nas montanhas e nos bosques se torna mais tranquilo e silencioso. No meu horizonte surgem ideias jamais concebidas; mas delas não quero deixar perceber seja o que for, e prefiro conservar-me numa indestrutível tranquilidade. C135) No entanto tenho de viver ainda alguns anos! Quando tais ideias surgem no meu cérebro, meu querido amigo, lembro-me também de que vivo uma existência muito perigosa, e de que pertenço ao número daquelas máquinas que facilmente se escangalham. A minha sensibilidade intensa produz-me, simultaneamente, espanto e riso. Já, durante alguns dias, me considerei impossibilitado de sair do meu quarto, pelo ridículo motivo de ter os olhos inflamados. E tudo porquê? Porque, no dia anterior, havia chorado muitas lágrimas - que não eram sentimentais, mas de júbilo - durante os meus solitários passeios, em que vou cantando, chorando e delirando, ao mesmo tempo, cheio de uma nova visão que advinho, antes de qualquer outro homem.

Onde estaria eu agora, que seria de mim, se de mim mesmo não derivasse a minha própria força e tivesse de esperar excita-
198

ção ou consolação estranhas! Houve, na minha vida, épocas inteiras (por exemplo, o ano de 1878) durante as quais teria escolhido como supremo consolo um grito que me infundisse coragem, ou um simples aperto de mão aprovativo; precisamente nessa altura, abandonaram-me todos aqueles em quem conflava e que teriam podido entregar-me o bem que eu pretendia. Agora, já nada espero de ninguém, e apenas sinto assombro quando, por exemplo, penso em cartas como as que acabo de receber. Tudo o que dizem é insignificante; ninguém faz

uma ideia daquilo que eu sou. Dizem-me frases de consolação e benevolência. . . mas todos tão distantes de mim! Também o nosso querido amigo Jacobo Burckardt me escreveu uma dessas cartas, desanimada e incolor.

LXXV

A PETER GAST

Génova, 28 de Novembro de 1881

Saúde, amigo! Novamente tive o prazer de travar conhecimento com uma coisa excelente: Carmen, uma ópera de Georges Bizet (?), que nos deixa uma impressão de engenho, força e comoção, como uma novela de Mérimée. Bizet é um talento nitidamente francês na ópera-cômica, não desorientado por Wagner. Pelo contrário, é um verdadeiro discípulo de Heitor Berlioz.

Qualquer coisa deste género, já eu tinha pressenddo! Parece-me que os franceses vão por melhor caminho, na música dramática. De resto, têm uma grande vantagem sobre os alemães: nas suas obras, a paixão nunca é tão rebuscada como nas obras wagnerianas.

Sinto-me hoje adoentado, não por causa da música, mas pelo mau tempo. Talvez estivesse pior, se a não tivesse ouvido. Tudo o que é bom constitui, para mim, um remédio. Por isso, o meu carinho por si.

200

LXXVI

A SUA IRMÃ

Génova, 22 de Janeiro de 1882

Minha querida:

Vou contar-te com precisão qual é o meu estado de saúde, já que as minhas breves notícias anteriores te não satisfizeram. Com a tua carta no bolso, dei um longo passeio, ao mesmo tempo que pensava nela. Raramente nos apercebemos do verdadeiro sentido de um período da nossa vida, enquanto nele estamos; todavia, hoje; divagando com um tempo esplêndido, pelas alturas que dominam Génova, e dirigindo os meus olhos para a cidade e para o mar, desenhou-se-me bem claramente a minha vida, durante estes dois últimos anos, com os seus sofrimentos e o seu lento progresso para uma melhoria geral; senti então uma sensação rara: a bem-aventurança de quem caminha para a saúde. Recordo-me da melancolia com que vagueava por estas ruas e ruelas, inteiramente estranho a toda esta ruidosa humanidade cheia da impaciência do desejo e do gozo! Era então uma sombra entre os que viviam. Porém, agora distingo, no meio da algazarra, qualquer coisa que reboa também na minha alma.

Sim, minha irmã; voltei a conquistar força, coragem e saúde.

Não aquela saúde de ferro que, noutro tempo, me permitiu escrever a minha tese de latim em três dias e duas noites, sem experimentar nenhum incômodo, mas uma saúde mais subtil, que necessita de ser conquistada quotidianamente e a que todavia falta segurança, visto que ficará sempre vulnerável, como dizia de si própria a tia Frederica. Isto é, pelo menos uma vez por mês, sofrerei de qualquer mal. Mas, durante os intervalos, estou cheio de força e de coragem vitais: às vezes, sinto a soberba, como alguém que por felicidade acaba de escapar à morte.

Ficará entre nós isto que hoje te escrevo, como um prémio à tua bondade infatigável. Rogo-te que sejas prudente com o Overbeck. Ele parece acreditar que a pensão dada por Basileia deve ser para continuar doente e não para curar-me, não deixando às vezes de fazer-me recomendações para procurar uma colocação, o que me faria perder tudo quanto alcancei até agora. Ao Overbeck, só escrevo nos meus dias aborrecidos, assim como aos outros, e por isso se podem ler sempre nas minhas cartas muitas lamentações. Nos meus dias bons, não perco tempo a escrever cartas. Abri hoje uma excepção. Estás contente?

LXXVII

A SUA IRMÃ

Génova, 3 de Fevereiro de 1882

Apenas algumas linhas, minha querida irmã, para agradecer as tuas notícias sobre Bayreuth e Wagner. Foram decerto os mais belos dias da minha vida aqueles que passei com Wagner em Tribschen, e depois em Bayreuth. (Em 1872 e não em 76.) Separou-nos o tremendo rigor da nossa missão na vida, e agora já não poderemos unir-nos de novo; afastámo-nos demasiado um do outro. Quando conheci Wagner, senti-me extraordinariamente feliz. Durante muito tempo, procurei um homem que fosse superior a mim e pudesse olhar-me de alto; julguei en-

contrá-lo em Wagner. Estava em erro. Agora, nem sequer posso comparar-me com ele. Estou colocado num outro plano. Tive de pagar muito caro o fanatismo pela sua pessoa. Não contribuiu acaso a sua música, tão perturbadora para os nervos, para perder a minha saúde? O meu desapontamento e a nossa separação não puseram em perigo a minha vida? Não foram precisos cerca de seis anos, para recompor-me desse desgosto? Bayreuth é, portanto, para mim, um local inacessível. Foi brincadeira o que há pouco escrevi sobre este assunto. Mas tu não deves deixar de ir. Tenho nisso um grande empenho.

Na tua música ressoa para mim muito do passado e também algo do futuro.

Obrigado de todo o coração.

LXXVIII

A GUSTAVO KRUG

Génova, Fevereiro de 1882

Querido Amigo:

É curioso o que me sucedeu com os teus lieder! Uma bela tarde, lembrei-me da tua música e da tua musicalidade. Perguntei a mim próprio: Porque será que ele não publica nada? Ao mesmo tempo, ressoavam nos meus ouvidos as notas do Jung Niklas.

Na manhã seguinte, chegou o amigo Rée a Génova; entregou-me o teu primeiro caderno de lieder e, ao abri-lo, saltou-me à vista o Jung Niklas. Que boa história para os senhores espiritistas! A tua música tem virtudes actualmente muito novas. Noto em toda a música nova um desprezo crescente pelo sentido melódico. A melodia, a última e mais sublime arte entre as artes, tem leis lógicas de que os nossos anarquistas quiseram libertar-se, gritando: “Escravidão!” Mas fizeram-no, estou certo, por não poderem alcançar esses frutos, os mais doces e maduros. Eu aconselharia tais compositores a que se entregassem durante algum tempo a um ascetismo amável, isto é, que considerassem a harmonia como ainda não inventada e se dedicassem às melodias puras, como as de Beethoven e Chopin.

205

204

LXXIX

A ERWIN ROHDE

Tautemburgo, 15 de Julho de 1882

Meu querido e velho Amigo:

Devo preparar-te hoje para algo de inevitável, um novo livro meu, que receberás, o mais tardar, dentro de quatro semanas. Tal é, por conseguinte, o prazo de tranquilidade que te resta. Como circunstância atenuante, dir-te-ei que será este o último que escreverei durante muitos anos, pois que, no Outono, irei para a Universidade de Viena, começar uma nova vida de estudante, que espero me dará melhor resultado que a antiga, em que me deitei a perder por me ter dedicado, demasiado exclusivamente, à Filologia. Tenho agora um plano de estudos próprio, por detrás do qual se escondem secretos desígnios, a cuja realização dedicarei no futuro a minha vida.

É para mim muito difícil viver - meu velho camarada - se não fizer “em grande estilo”. Sem um fim que eu considero de uma inexprimível importância, não me é e não teria sido possível manter-me à superfície, sob a luz e sobre as negras ondas. Tal é, realmente, a minha única desculpa para o género de literatura que faço desde 1876: ela constitui o meu meio curativo contra o cansaço da vida. Como foram penosos para

mim estes últimos anos! Cheio de dores contínuas, de perturbações íntimas, de resoluções e abandonos. Quem teria sofrido tanto como eu? Leopardi, não, certamente. E, se agora consegui vencer tudo e elevar-me muito acima do passado, cheio da alegria própria de um vencedor, com novos e importantes planos e preparado para resistir a novas, mais graves e mais íntimas dores e tragédias (que sei que hão-de deparar-se-me) não creio que ninguém censure o bem que penso do meu processo medicinal. O meu perpétuo lema é *Mei ipsi scripsi* (136) e a minha moral, a única moral que ainda me resta, é que cada um

deve fazer a seu modo o melhor que puder por si próprio. Se a minha saúde física começa a afirmar-se, a quem o devo? Fui em tudo o meu próprio médico, e como alguém em quem tudo caminha unido, alma, espírito e corpo, tudo recebeu simultaneamente o mesmo tratamento. Concedo que os mesmos meios por mim usados podem fazer com que outros pereçam; por isso, desde já previno com afã a outra gente, para que tenha cuidado comigo. O meu último livro, que tem por título, A Alegre Ciência, fará que muitos fujam de mim, assustados. Talvez tu também, velho e querido amigo, pois sei haver nele uma imagem minha que não é decerto a que tens gravada no teu coração.

Tem, pois, paciência, mesmo que seja só em consideração de que - no que a mim se refere - o *Aut mori aut itavivere* é insubstituível.

LXXX

A PETER GAST

Tautemburgo, 20 de Agosto de 1882

Meu querido Amigo:

A Alegre Ciência apareceu à luz. Remeto imediatamente um exemplar. Alguma coisa lhe encontrará de novo. Na minha última correcção, modifiquei aqui e acolá, e suponho ter melhorado algumas passagens. Leia V., por exemplo, o final dos capítulos segundo e terceiro. Defini, também, a minha posição em relação a Schopenhauer. Não voltarei provavelmente a referir-me a ele, nem a Wagner; mas agora quis deixar definitivamente assente a minha actual posição, quanto às opiniões que sobre eles manifestava antigamente. Sou catedrático e tenho a obrigação de declarar aquilo em que continuo a manter as mesmas opiniões e aquilo em que as modifiquei. Faça-me também, querido amigo, todas as observações que o meu livro lhe sugerir e dê-me a sua opinião sobre todo ele e a sua orientação geral.

Sanctus Januarii s parece-lhe realmente compreensível? A minha dúvida, depois de tudo o que experimentei desde que voltei a estar entre os homens, é na verdade enorme. Não julgava possível que a incompreensão e a indiferença em relação

ao que para mim é mais importante (incluindo a minha própria pessoa) chegassem até ao grau que atingiram. Mas nisto se igualam todos os “amigos”. Há alguém que sinta mais carinho por mim do que a boa Meysenbug? Pois, apesar disso, acaba de me escrever que, “quando alcançar a minha máxima altura, voltarei a Wagner e a Schopenhauer”. E Schmeitzner expressou-se, a respeito de Zaratustra, do seguinte modo: “Pelo que vejo no final do seu último livro, podemos felicitar o editor por receber de V. novamente “livros para o público”, coisa que apréssará a venda dos antigos.”

Sinto compaixão e asco!

Mas, como já disse, isto não é excepcional; é a regra geral que me tem sido dada a conhecer da mais cruel das maneiras. Enfim! Deixemos isto, que não é para se escrever nem sequer para se falar.

Consolo-me em ser bastante forte para resistir a tudo isto e não perder a minha coragem nesta vida entre fantasmas. É curioso! Sou um homem da maior sensibilidade; mas, no que respeita às opiniões dos outros sobre mim, tudo aguento como pacífico burro.

Como é isto possível?

Pouco importa. Não tomemos ódio à vida; procuremos afirmarmo-nos sempre cada vez mais naquilo que somos: os homens da “alegre sabedoria”.

LXXXI

A HENRIQUE VON STEIN

Santa Margherita, Dezembro de 1882

Meu querido Doutor:

Não podia V. responder melhor à minha carta, do que enviando-me, como fez, os planos da sua obra. 13” Sim, V. é um poeta! Senti-o no seu livro, em que tanto as paixões e os seus acidentes, como o aparato cénico que os enquadra, são eficazes e verosímeis, condições de que tudo depende.

Sobre o que se refere à linguagem, em breve falaremos, quando nos virmos, pois não é coisa para se tratar em cartas. O que lhe posso dizer desde já é que certamente lê demasiados livros e sobretudo livros alemães. Como é possível ler um livro alemão! Perdão! Acabo de ler um que me fez verter lágrimas.

Wagner, uma vez, disse que eu escrevia em latim e não em alemão, o que é verdadeiro e até soa muito bem aos meus ouvidos. Eu não posso ter por qualquer alemão mais que um certo interesse exterior, visto que, se V. considerar o meu nome, verá nele, sem dúvida, a minha origem polaca. Com efeito: os meus antepassados eram nobres dessa nacionalidade e até a mãe do meu avô pertencia a ela. Fiz do meu semigermanismo uma virtude e esforço-me por dominar a arte do idioma germânico mais do que é possível a um alemão.

Até à vista, pois!

Não penso tanto bem do “herói” como o meu amigo. Concedo, todavia, que é a forma mais admirável do ser humano quando, como agora sucede, não existe outra que lhe seja superior. Vamos tomando carinho por alguém e, ao chegarmos a amá-lo verdadeiramente a fundo, o tirano que em nós se esconde e que com gosto chamaríamos “o nosso mais alto eu” surge e diz-nos: “Esse que tanto amas é precisamente aquele que tens de sacrificar-me.” E sacrificamo-lo; mas tanta concessão martiriza-nos e consome-nos a fogo lento.

Quase todos os problemas tratados por si são problemas de crueldade; ser-lhe-á isso vantajoso? Sinceramente lhe direi que eu também albergo em mim demasiado de tal “compleição trágica” para não a maldizer constantemente. Tudo o que me sucede, grande ou pequeno, toma, em mim próprio, o mesmo curso, e os acontecimentos obrigam-me quase sempre a elevar-me a um altura tal que, por baixo de mim, queda o trágico problema. Quisera despojar a vida do seu carácter descoroçoador e cruel. . . Mas basta! Para poder continuar neste assunto, seria necessário revelar-lhe coisas que a ninguém ainda disse. Seria preciso descobrir-lhe o trabalho que tenho ante mim, o trabalho da minha vida. Mas não; estamos tão distanciados, que disto não devemos falar, nem sequer calarmo-nos juntos.

LXXXII

A HANS VON BŠLOW

Santa Margherita (Génova), Dezembro de 1882

Prezado Senhor:

Graças a uma favorável casualidade, apercebi-me de que não chegaria a esquecer-me, apesar da solidão a que estou condenado desde 1876, solidão que justifica, em relação a mim, toda a espécie de esquecimentos e afastamentos. Isso causa-me uma alegria difícil de exprimir; umas vezes, parece-me um presente e outras como algo que eu esperava e em que nunca deixei de acreditar. Sempre que me recordo do seu nome, o meu coração sente alegria e confiança, e quando alguma coisa ouço a seu respeito, julgo sempre compreendê-lo e aprová-lo.

Poucos terão sido os homens a quem, como a você, eu tenha elogiado através da minha vida. Mas, perdão! Que direito tenho eu de elogiá-lo?

Entretanto, tenho vivido largos anos perto da morte e, pior ainda, do sofrimento. A minha natureza está habituada a deixar-se atormentar continuamente, a consumir-se a fogo lento, e nem sequer exhibi a prudente sabedoria de esse motivo perder a razão.

Nada lhe direi sobre os perigos das minhas paixões; mas

212

quero informá-lo sobre a modificação da minha maneira de pensar e de sentir, há cerca de seis anos, assinalada nos meus escritos. Pois foi ela que me conservou a existência e quase me restituiu a saúde. Que me importa que os meus amigos julguem que este meu “livre pensamento” actual é uma decisão excêntrica da minha vontade, que não seria conforme com a minha natureza e para cuja adopção seria necessário torcer e forçar as minhas inclinações pessoais? É possível que a minha

actual maneira de ser seja uma “segunda natureza”. Mas já demonstrei que foi com ela que entrei na completa e verdadeira posse da minha primeira natureza.

Isto penso de mim próprio, e fora disto quase toda a gente se equivoca nas ideias que sobre mim se revelam. A minha viagem, este Verão, pela Alemanha - uma pausa na mais profunda solidão - instruiu-me e assustou-me. Fui encontrar a pacífica besta alemã furiosa contra mim. Não sou para ela “suficientemente moral”.

Agora, volto a estar mais solitário do que nunca e, por consequência, medito algo de novo. Creio que a prenhez intelectual é o único estado que, quando a vida nos cansa, volta sempre a reconciliar-nos com ela.

LXXXIII

A PETER GAST

Rapallo, 1 de Fevereiro de 1883

Meu querido Amigo:

Há muito tempo que não lhe escrevo. E julgo ter procedido bem. Neste intervalo, a minha saúde sofreu transtornos que julgava desaparecidos para sempre. Passei por um grande tormento físico e espiritual, tormento de que o actual mau tempo na Europa não teve pouca culpa.

Entretanto, tem havido dias serenos e puros e neles tenho voltado a ser o dono de mim próprio. Apesar de tudo, é uma felicidade poder permanecer, como eu, isolado e sozinho comigo mesmo. Quantos há, que ligados aos homens, vêm aumentar a sua miséria por terem de lidar forçosamente com eles.

Tenho sentido mais frio do que nunca e comido pior que nunca, nestes últimos tempos. Necessito de mudar de residência. Voltaria a alugar em Génova o meu quarto do Inverno passado; mas as últimas notícias dizem-me que o locatário actual mudou de parecer, e já não pensa abandoná-lo.

A minha velha e boa amiga Meysenbug convidou-me a ir até Roma, incitando-me a isso com a notícia de que há ali quem esteja disposto a escrever o que eu ditar, duas horas por dia. E

como me é da maior necessidade alguém a quem possa ditar e que copie, depois, as minhas notas, penso mudar-me para Roma, embora aquela cidade não seja, como V. sabe, a que eu teria preferido, noutras condições.

A pessoa que se presta a ser “escrevente”, é a menina Ceclia Horner, parente de Brenner, a quem nunca vi.

Talvez V. goste de saber o que eu tenho preparado para copiar e mandar imprimir. Trata-se de um livro muito pequenocem páginas, o máximo. Mas é o melhor dos meus livros e com ele me libertei de uma pedra que pesava grandemente na

minha alma. É o mais sério dos meus livros e, ao mesmo tempo, o mais alegre. Desejo de todo o coração que esta tonalidade - que não necessita ser uma mescla - vá sendo cada vez mais a minha cor natural. O livro chama-se: "Assim Falava Zaratus-tra. Um livro para todos e para ninguém."

Com este livro, entrei num novo "círculo" e serei apontado para o futuro, na Alemanha, como um "louco". É uma maravilhosa série de "sermões morais".

A minha estada naquele país levou-me por completo a um ponto de vista análogo ao seu, isto é, que nem V. nem eu estamos ali no nosso lugar, nem no nosso ambiente. Agora, depois do meu Zaratus-tra, acontecer-me-á o mesmo que a V. Esta certeza, e a posição que tomei perante ela, deram-me coragem.

Qual é agora o nosso lugar? Devemo-nos sentir felizes por poder fazer semelhante pergunta.

O que conosco se passou foi quase o mesmo. Mas V. tem um temperamento melhor, um melhor passado mais silencioso e mais solitário e, sobretudo, melhor saúde. Eu estou quase asfixiado!

zem-me que até um membro do Reichstag (e partidário de Bismarck) mostrou o seu desgosto por eu viver em Santa Margherita e não em Berlim (!).

Perdoe-me este discurso todo; V. sabe bem o que actualmente se passa na minha cabeça e no meu coração. Estive alguns dias muito doente, chegando a inspirar sérios cuidados aos que me hospedam. Agora, vou melhorando e julgo que a morte de Wagner constituiu o mais essencial alívio que me podia ser concedido. C139) Foi muito doloroso, durante seis anos, ser adversário daquele a quem mais venerei. Eu não sou constituído bastante grosseiramente para isso. Ultimamente, tive de Rapallo, 19 de Fevereiro de 1883 defender-me de um Wagner envelhecido e senil. Pelo que diz respeito ao verdadeiro Wagner, quero ser, em muitas coisas, o seu herdeiro, como várias vezes tenho dito a Querido Amigo: Malwida. Durante a minha viagem, no Verão passado, vi que Wagner me tinha arrebatado todos os homens com os quais te- Cada uma das suas últimas cartas foi para mim um bem; ria podido pensar em influir na Alemanha, e que começava a agradecer-lho de todo o coração. Neste Inverno, o pior da minha vida, posso considerar-me uma vítima das perturbações da natureza, escrevi a Cosima. Natureza. A velha Europa diluviana conseguirá acabar comigo. A única coisa que, em todo o caso, posso esperar, é que venha alguém em meu auxílio e me arraste para a meseta mexicana. (138) Eu não posso pensar em empreender sozinho tal viagem. Impedem-me os meus olhos e outras razões de ordem física. O enorme peso que sobre mim fez sentir a crueldade do tempo (até o velho Etna se mostra irritado), transformou-se, no meu íntimo, em ideias e sentimentos, cuja pressão era terrível. E da minha repentina libertação de tal carga, mercê de dez alegres e puros dias de Janeiro, surgiu o meu Zarathustra - a mais desarticulada das minhas criações. Eu mesmo fiz a cópia para a impressão, e já Teubner está a trabalhar na sua publicação. Schmeitzner anuncia-me que, no ano passado, os meus livros se venderam melhor, e de todos os lados me chegam sintomas de um crescente interesse. Di-

LXXXV

A PETER GAST

Génova, 6 de Abril de 1883

Meu querido Amigo:

A leitura da sua carta fez-me estremecer, ao pensar que, se era certo e justo o que me dizia, não podia já considerar fracassada a minha vida, e menos que nunca, agora, quando precisamente mais o acreditava. Cl4o) por outro lado, a sua carta dá-me a impressão de que não me resta muito tempo de vida. Não importa! Você não pode imaginar por quantas dores tenho passado, desde a minha mais longínqua infância. Mas sou um soldado, e este soldado chegou a ser o pai de Zaratustra. Esta paternidade era a sua esperança. Creio que V. compreenderá agora o sentido dos versos a Sanctus Januarius: lt41) iCom uma lança de fogo, rasgaste o céu da minha alma - lançando-a estremecida - para o mar das mais altas esperanças. “ E também o sentido do título: Ir cipit trag dia. l142)

E basta destas coisas. Talvez não tenha sentido na minha vida maior alegria do que aquela que a sua carta me produziu.

Agora, dê-me um conselho: Overbeck preocupa-se muito comigo (inspire-lhe, também, um pouco de confiança em Zaratustra) e fez-me recentemente a proposta de voltar a Basileia,

para ocupar um posto, não na Universidade, mas no Pädagogium, na qualidade de professor de alemão. Esta proposta é tão boa e tão finalmente sentida que quase logrou convencer-me; e minhas razões em contrário fundamentam-se apenas no clima, no ambiente, etc. Overbeck diz-me que, no caso de eu ser da sua opinião, não faltariam meios de renovar o meu trabalho em Basileia. Recordam-se de mim com prazer e, para falar verdade, não fui dos seus piores professores. Tomar-se-ia em consideração para regular a duração do meu trabalho, o estado

dos meus olhos e a minha pouca força de resistência. A presença de Jacobo Burckhardt, um dos poucos homens ao lado de quem gosto de me sentir, incita-me também a aceitar a proposta de Overbeck. Durante este Verão, quero escrever alguns prólogos para as novas edições das minhas primeiras obras, não porque se vão reeditar esses livros, mas para ter tudo pronto, a tempo de o fazer, se for preciso. Queria também aclarar e purificar o estilo das minhas velhas obras; mas isto só é possível até certos limites.

Repuga-me que Zaratustra entre no mundo como um livro para entretenimento. Quem é bastante “sério” para ele! Se eu tivesse a autoridade do “velho Wagner”, seria melhor. Mas, agora, ninguém pode evitar que eu seja atirado aos “literatos”. . .

LXXXVI

A CARLOS KILLEBRAND

Roma, 24 de Maio de 1883

Muito ilustre Senhor:

Decorreram vários anos, durante os quais o meu silêncio para com V.Exá foi absoluto; anos escuros, de vigorosa autodisciplina, e dos quais, como de entre as negras ondas do mar, surjo agora à superfície, e não como afogado, mas, pelo menos assim creio, mais do que nunca cheio de vida.

O pequeno livro que lhe envio recomendo-o à sua bondade. Foi um inesperado trabalho repentino, obra de dez claros dias deste Inverno, de todos o mais melancólico. Agora, que é quando vou conhecendo o meu livro - pois durante a sua criação faltou-me o tempo para dar-me conta dele, e depois estive doente - a sua leitura comove-me profundamente e cada uma das suas páginas faz saltar as lágrimas dos meus olhos. Nele estão todas as minhas meditações, sofrimentos e esperanças, e de tal maneira exprimidos que constitui uma completa justificação da minha vida. Além disso, fez-me envergonhar de mim próprio, pois com ele estendi a minha mão até às mais altas coroas que a Humanidade pode conferir.

Quem possui bastante ciência e humanidade para dizer a um

220

louco, como agora sou, o que ele com maior gosto pode ouvir: a verdade, cada verdade?

Só sei haver, entre os vivos, duas pessoas que podem fazer-me tal serviço: Jacobo Burckhardt e V. Exá. Faça-o, pois! Rogo-lho de todo o coração.

LXXXVII

A MARIA BAUMGARTNER

Roma, 28 de Maio de 1883

Já deve ter chegado o meu Zaratustra às suas mãos, minha querida amiga. Do que, no ano passado, V. me disse, sobre as últimas linhas de A Alegr e Ciência (linhas que são, ao mesmo tempo, as primeiras daquele) posso deduzir quase com segurança que o meu melhor e mais querido filho não se sentirá estranho na sua casa. Encontro-me agora no alto mar e demandando o mais alto de mim e para mim. Uma decisão que, desde há anos, vem e, finalmente, voltou (agora!) encontrou-me bastante amadurecido e forte para a levar a cabo. Tal decisão é a de desaparecer, durante um par de anos.

V. pensou, talvez, minha venerada amiga, que já estive bastante tempo “desaparecido”, não? A sua última carta, extremamente bondosa, parece-me exprimir o desejo de me ver sair novamente “à superfície”, surgindo dentre as negras águas do isolamento.

Interrogue, a respeito destas coisas, meu filho Zaratustra, e, se houver necessidade de penitenciar-me de alguma “culpa”, ele o fará, certamente. Não me assusta pensar que a minha vida há-de ser sempre mais dura do que a de qualquer outro homem, pois debaixo do enorme peso de uma existência penosa adquirei

222

a “boa consciência”, de possuir algo que famosos homens têm ou tiveram: Asas! - para continuar falando em sentido metafísico.

Continue V. querendo-me bem por agora, e também quando eu tiver “desaparecido” ou “voado”.

LXXXVIII

AO BARÃO DE GERSDORFF

Sils Maria. 28 de Junho de 1883

Meu querido e velho Amigo:

Chegou aos meus ouvidos a notícia de qualquer coisa de muito dolorosa para ti: a morte de tua mãe. Ao inteirar-me da tua desgraça, foi para mim uma grande consolação saber que não estavas só na vida e recordar as cordiais palavras de agradecimento que para a tua companheira havia na tua última carta. A nossa juventude foi, por diferentes motivos, bastante penosa; seria belamente equitativo que, na nossa idade viril, encontrássemos algo de suave e consolador que fortificasse o nosso coração.

Eu tenho já atrás de mim um largo e rigoroso ascetismo do espírito, ascetismo que professei voluntariamente e que nem todos os homens puderam exigir de si próprios. Os últimos dois anos constituíram o período de maior autodisciplina, e aquele em que mais tive de dominar-me, à parte do muito que tive de vencer no que respeita à minha saúde, ao meu isolamento e à incompreensão dos outros. Mas basta; superei este escalão da minha vida, e o que dela me resta (pouco, segundo creio), deve estar destinado a exprimir as causas de ter suportado até agora a existência. O tempo do calor passou. O meu Zaratustra, que te enviarei esta semana, revelar-te-á a elevação do voo da minha vontade. Não te deixes enganar pela forma legendária do meu livro. Atrás das suas simples e estranhas palavras, está a minha mais profunda seriedade e toda a minha filosofia. É uma forma de me dar a conhecer e nada mais. Sei muito bem que não existe ninguém capaz de fazer qualquer coisa semelhante ao meu Zaratustra.

Estou, pela terceira vez, na Alta Engadina, e de novo sinto que esta comarca é a minha verdadeira pátria e o lugar apropriado às minhas meditações. Existem, escondidas em mim,

muitas coisas que pretendem chegar a ser palavra e forma. Mas não há sítio bastante silencioso, elevado e solitário, onde eu possa ouvir as minhas vozes mais íntimas.

Quisera possuir o dinheiro suficiente para construir aqui uma espécie de choça ideal: uma casa de madeira, dividida em dois compartimentos; e construí-la numa península que avançasse no lago de Sils, sobre o qual existiu um castelo romano. Para viver à vontade, é-me impossível continuar, como até agora, em casas de camponeses. Os quartos são pequenos, de tectos baixos. Em casas como estas, há sempre incómodos ruídos que me roubam a tranquilidade. A parte tudo isto, gosto de aqui estar, pois os moradores de Sils Maria querem-me bem, e eu estimo-os.

Tomo as minhas refeições numa excelente pousada, o hotel Edelweiss. Estou só, e por um preço que não é completamente incompatível com os meus poucos meios. Trouxe um grande cesto cheio de livros. E penso demorar-me três meses. Vivem aqui as minhas musas. Já em *O Viandante e a sua Sombra*, (143) disse que esta terra ficará ligada a mim por vínculos de sangue e também por laços ainda mais fortes.

LXXXIX

A GOTTFRIED KELLER

Roma, Junho de 1883

Mui ilustre Senhor:

Como resposta à sua bondosa carta e, ao mesmo tempo, como confirmação da ideia nela expressa, segundo a qual uma grande dor torna os homens mais eloquentes do que o são, em geral, permito-me enviar-lhe o livro intitulado: Assim Falai a Zaratirstra.

É estranho! De um único e repentino esforço, levantei-me e saí do verdadeiro abismo de sensações, no qual me havia precipitado no Inverno passado, o mais perigoso da minha vida. E, durante dez dias, vivi como debaixo do mais claro céu e sobre as mais alterosas montanhas.

O fruto daqueles dias é o livro que ofereço a V. Exá. Possa ele ser bastante doce e sazonado e possa fazer bem a V. Exe, morador do reino da razão e da doçura!

XC

A PETER GAST

Sils Maria, 26 de Agosto de 1883

Quanto bem me fez a sua carta, meu amigo veneziano! Isso é fazer uma conferência sobre cultura grega a alguém que dela necessita, e não a estudantes leipziguanos et hoc genus omne! Têm-me assediado, durante todo um ano, para que demonstre certa espécie de sentimentos, dos quais abjurei há tempos da

melhor vontade e que julgava ter dominado absolutamente: sentimentos de vingança e de rancor.

A ideia de realizar umas conferências em Leipzig era ponto basilar do meu desespero. Queria procurar distracção num intenso trabalho quotidiano, sem precisar recorrer aos meus antigos trabalhos universitários. Mas tive já de renunciar a tal ideia. Keinze, o reitor actual da Universidade, esfriou os meus entusiasmos, dizendo-me com toda a clareza que a minha solicitude seria inútil, na dita Universidade, como possivelmente em todas as da Alemanha. A Faculdade não ousaria propor o meu nome ao ministério, por causa da minha posição com respeito ao cristianismo e ao conceito de Deus. Bravo! Este ponto de vista encorajou-me novamente.

Também me deu o primeiro artigo publicado sobre Zaratus-tra, escrito por um cristão anti-semita, que nasceu, por maneira

estranha, num cárcere. Este artigo encoraja-me, porque se encontra nele perfeitamente compreendido aquilo que de mim se pode compreender à primeira vista - a minha posição popular, isto é, a minha posição com respeito ao cristianismo: Aut Christus, aut Zarathustra, o que é o mesmo - trata-se do velho e tão anunciado Anticristo. Isto é o que os leitores vêem no XCI meu livro. Os defensores da "nossa doutrina do Salvador do Mundo" preparam-se gostosamente ("cinge-os a espada do Espírito Santo") contra Zarathustra. A batalha começou e o seu A PETER GAST final é: "Se lograis vencer Zarathustra, ele será dos vossos, e vos será flel, pois nele não há falsidade. Se vencer ele, tereis perdido a vossa fé. Tal é a pena que tereis de pagar ao vencedor." Sils Maria, segunda feira, 3 de Setembro de 1883

Aqui, meu querido amigo, e ainda que a si lhe pareça risível, ouvi pela primeira vez o que há muito tempo sabia intimamente: sou um dos mais ternveis inimigos do cristianismo. E encontrei Meu querido Amigo: um modo de atacar do qual nem Voltaire teve a menor ideia. Mas isto, "graças a Deus", não lhe importa a si. Já chego, também por esta vez, o fim da minha estada na

Engadina. Na quarta-feira, sairei para a Alemanha, onde tenho muito que fazer e desfazer. Se me escrever, dirija as suas cartas para Naumburg, onde penso repousar e refazer-me no seio dos mais naturais afectos e, além disso, comer muita e formosa fruta. A música será a única coisa que ali, tal como em todas as partes, me continuará a faltar.

Penso que, assim como V. sente as minhas criações mais forte e asperamente que ninguém, têm as suas que ser para mim mais suaves e balsâmicas que para qualquer outro. Tal é a singular relação que nos une, relação que talvez seja a dos poetas trágicos com os poetas cómicos (já lhe disse que Wagner via em mim um poeta trágico disfarçado?). A verdade é que esta relação é para mim muito mais "epicúrea", do que para si. Assim é a "lei das coisas"! O poeta cómico pertence à estípe mais elevada e tem, quer queira quer não, de fazer melhor que nenhum outro.

Esta Engadina é a pátria do meu Zarathustra. Acabo de encontrar

trar a primeira nota em que se manifestou a sua ideia. Abaixo dela há as seguintes palavras: “Princípios de Agosto de 1881, em Sils Maria, a 6000 pés acima do nível do mar, e muito mais alto que todas as coisas humanas.”

É singular o modo como os tormentos e as perplexidades do meu espírito actuaram sobre o colorido das duas primeiras partes do meu livro. (Sobre o colorido unicamente, pois ideias e orientações eram anteriores.) Quero dizer que, apesar das circunstâncias que presidiram ao seu nascimento, Zaratustra resultou muito mais alegre do que resultaria noutra qualquer época da minha vida. Afirmo isto com a maior seriedade e quase poderia demonstrá-lo rigorosamente.

Para mais: não teria sofrido, nem sofreria tão violentamente, se nos últimos dois anos não me tivesse empenhado em levar cinquenta vezes à prática pontos das minhas teorias de solitário e não tivesse sido levado pelas más e até espantosas consequências de tal “prática”, a duvidar em absoluto de mim próprio. Desta maneira, Zaratustra divertiu-se à minha custa e eu entristeci-me à sua.

Agora, devo anunciar-Lhe, e não sem amargura, que, na terceira parte, Zaratustra se tornou sombrio, e tanto, que Schopenhauer e Leopardi apareceram, ante o seu “pessimismo”, como principiantes e noviços. Assim o exige o plano. Mas, para terminar esta parte, necessito, antes de mais nada, de uma profunda e divina alegria, pois só com este jogo conseguirei alcançar o patético mais elevado. (Finalmente, tudo se ilumina e aclara.)

Entretanto, talvez trabalhe em qualquer coisa de teórico. As minhas notas para isso intitulam-se: “A inocência do futuro-Indicações para uma libertação da Moral.”

XCII

A SUA MÃE E IRMÃ

Génova, Novembro de 1883

Minhas queridas:

Amanhã, sairei daqui. Quero experimentar algo de novo-Nice! - pois Génova, desta vez, não me tem agradado. Além de que já era aqui demasiado conhecido e não podia viver completamente a meu gosto. Génova foi para mim uma excelente escola da vida simples e dura. Agora, sei muito bem que posso viver como um trabalhador ou um monge. Assim vivi durante os anos que passei aqui, sem privações e conquistando com isso a minha saúde.

Génova está hoje, como para despedida, comovedoramente bela, no seu luminoso esplendor outonal. É a cidade dos homens do tempo de Colombo. Assim o foi sempre para mim. Descobri um novo mundo, acreditai. Logo que me decida por Nice, escreverei.

XCIII

A OVERBECK

Nice, 8 de Dezembro de 1883

Meu querido Amigo:

Continua a ter paciência para comigo, tal como até agora! Considerando só as minhas boas horas e minutos - na verdade, raros! - sou, e agora mais do que nunca, um dos mortais mais dignos de inveja. Entre tais momentos, há muitos outros que tocam o desespero, e nesses é que mais necessito de estar certo da tua paciência. Mas, nas minhas boas horas, sei que não tenho feito em vão, durante largos anos, a mais solitária das travessias. Sei que descobri o meu "novo mundo", até agora ignorado de todos. Mas, resta-me ainda conquistá-lo palmo a palmo.

De todas as boas coisas que descobri, a que menos desejaria perder é a "alegria do conhecimento", coisa que talvez tu tenhas já começado a suspeitar. Mas agora tenho de elevar-me, em união com meu filho Zarathustra, até uma alegria muito mais alta do que a significada, até esta altura, pelas minhas palavras. A felicidade que testemunhava A Alegre Ciência era essencialmente a de um homem que começava por fim a sentir-se sazornado para um grande labor, e a sentir-se livre de dúvidas,

quanto ao seu direito a empreendê-lo. Li novamente a página 194 e a página seguinte. Em geral, todo o livro está cheio de parágrafos, que dizem: "Chegou a hora! Celebremos ainda uma pequena festa, com cânticos e danças. ,

O que, na realidade, fez a minha desgraça, durante os dois Invernos passados, foi ter julgado encontrar um homem cujo trabalho era igual ao meu. Sem essa crença precipitada, não me teria feito, nem me faria sofrer tanto a sensação do meu isolamento e tudo o que com ele se relaciona (desprezo e incompreensão), pois estava preparado para empreender sozinho a

minha travessia e chegar assim ao fim das minhas descobertas. Mas enquanto sonhei não estar só, o perigo aumentou. Mesmo agora, há momentos em que não sei suportar-me a mim próprio.

A minha outra desdita foi o mau tempo extraordinário que me deprimiu durante todo o Verão e o Inverno passados. Sou feito para a luz. E ela é a única coisa que não me pode faltar nem ser-me substituída. Necessito da plenitude luminosa de um céu alegre. Nisto não foi acertada a minha permanência em Génova. Li numa estatística que esta cidade goza, todo um ano, de tantos dias puros como Nice durante um só Inverno. Imediatamente preparei a minha viagem.

Logo que domine o espanhol, talvez no próximo Inverno, conánuarei a minha peregrinação por Valência. Um homem tão modesto em alimentação e vestuário como o teu amigo Nietzsche, viverá bem e barato em toda a parte.

XCIV

A MALWIDA VON MEYSENBUG

Nice, Fevereiro de 1884

Minha distinta Amiga:

No meio do mais intenso trabalho, disponho-me a dirigir-lhe algumas linhas. Com as palavras anteriores ficam, no fundo, desculpados o meu silêncio, a minha ausência e toda outra qualquer “falta” que para consigo eu haja cometido e pese sobre o meu coração.

Nice é, e de modo extraordinário, o primeiro sítio favorável à minha cabeça e até aos meus olhos, e apenas lamento ter levado tanto tempo a descobri-lo. O que mais necessito é, primeiro do que tudo, um céu sereno, com sol e sem a menor nuvem. Além disto, absoluta ausência do siroco, meu terrível inimigo. Nice, durante o ano, goza aproximadamente, de duzentos e vinte dias deste género. Sob um céu assim, poderei levar adiante a obra da minha vida, a mais dura e cheia de renúncias que pode ter pesado sobre qualquer mortal. Não sei de ninguém suficientemente forte para me ajudar. Tanto mais que guardo sempre o maior silêncio sobre os meus últimos propósitos, porque isto, além de ser coisa que a prudência e o instinto de conservação me aconselham, é a minha maneira de ser pessoal. Quem não

fugiria de mim, quando descobrisse os deveres que nascem das minhas ideologias! Também V. fugiria, minha distinta amiga! Sim! Também V.! Uns ficariam quebrantados, outros perdidos. . . Deixe-me V., pois, na minha solidão!

Compreendo agora que procedi como um asno, ao introduzir-me “entre os homens”. Devia saber o que me sucederia. Mas o principal é que tenho sobre a minha alma coisas cem vezes mais difíceis de suportar do que la bêtise humaine. É muito possível que eu seja uma “fatalidade”, - a “Fatalidade”, para os homens do futuro e, portanto, é também muito provável que

algum dia me cale. Emudecerei, por amor da Humanidade! ! !

Nestes dias, tenho folheado Schopenhauer. Ai, que farto estou desta bêtise allemande! Estraga todas as grandes coisas. Até o pessimismo!

Chegou-lhe a notícia de que o meu Zaratustra está já acabado? Consta de três partes, a primeira das quais é sua conhecida. É um pórtico da minha filosofia, construído por mim para me dar valor. Mas calemo-nos.

Ai, quanto necessito agora de música! Lamento infinitamente que não se encontre aqui a condessa D nhoff.

Terá existido algum homem com tanta sede de música como eu sinto agora?

XCV

A ERWIN ROHDE

Nice, 22 de Fevereiro de 1884

Meu velho e querido Amigo:

Não sei explicar-te como foi, mas, ao ler a tua carta, e principalmente ao ver o encantador retrato de menino que me mandavas, pareceu-me que estreitavas a minha mão, olhando-me com melancolia e como se quisesses dizer-me: “Como é possível que tenhamos agora tão poucas coisas connosco e que vivamos como que em mundos diferentes! Houve uma época. . . >

Isto mesmo, meu amigo, sucede com todos os homens que me são queridos. Tudo passou. Fala-se ainda, escreve-se ainda, mas somente para não emudecer. A verdade porém surge do olhar, e nos olhos de todos leio claramente estas palavras: “Amigo Nietzsche, já estás completamente só.,>

Até a isto consegui chegar!

Mas sigo o meu caminho, ou melhor, a minha travessia, e não foi em vão que vivi largos anos na cidade de Colombo.

Os três actos do meu Zaratustra estão já terminados. O primeiro já o tens nas tuas mãos; espero poder mandar-te os restantes dentro de quatro ou seis semanas. É uma espécie de abismo do futuro, algo de tenível dentro da sua felicidade. To-

236

do ele é absolutamente meu. Não há exemplo, comparação ou precedente. Quem chegar a viver o meu livro, voltará ao mundo com um diferente aspecto. Mas disto não deve falar-se. A ti, como homo litteratus, quero fazer uma confissão: creio ter levado, com o meu Zaratustra, o idioma alemão à sua perfeição máxima. Depois de Lutero e de Goethe, ficara ainda por dar um terceiro passo. Repara bem e diz-me se alguma vez viste tão unidos no nosso idioma, a força, a flexibilidade e a musicalidade. Lê Goethe, depois de uma página do meu livro, e senti-

rás que aquele ondulatório que Goethe atava como um desenhador, não Lhe era estranho, tampouco como escultor do idioma. Venço-o, na viril severidade das linhas, ainda que sem cair, como Lutero, na aridez e na secura.

O meu estilo é uma doença, um jogo de simetrias de todas as espécies, e um saltar e zombar destas mesmas simetrias. Chega até à escolha de vogais.

Perdão! Acautelar-me-ei de fazer esta confissão a qualquer outro. Mas tu disseste-me uma vez, e creio que foste o único a fazê-lo, o prazer que encontravas na minha linguagem.

Além de que sou poeta até aos mais longínquos limites de tal conceito. Poeta, ainda que me tenham tiranizado com tudo o que há de mais oposto à poesia.

Ai, meu amigo; que vida tão louca e silenciosa a minha! Tão só! Tão <sem filhos,>!

XCVI

A SUA IRMÃ

Veneza, Junho de 1884

Minha querida Irmã:

A nossa mãe diz-me que estás extraordinariamente satisfeita com a terceira parte do Zaratustra, e que não encontras palavras para me exprimires o teu agradecimento pelo meu presente, o qual deveria ter chegado muito antes às tuas mãos, se o editor tivesse cumprido com fidelidade a minha encomenda.

Quem sabe quantas gerações terão de passar para que nasçam alguns homens que sintam em toda a sua profundidade o que eu levei a cabo! Penso, com temor, que quando isso chegar haverá também muitos que, sem direito e sem causa alguma, se escudem com a minha autoridade. Mas tal é o tormento de todos os grandes mestres da Humanidade; saber que, por diversas circunstâncias, tanto posso ser uma fatalidade para os homens como uma benção.

Eu quero fazer todo o possível para, pelo menos, não dar ocasião a nenhum erro grosseiro e agora, depois de ter construído este pórtico da minha filosofia, não quero deixar o trabalho incompleto nem dele sentir-me fatigado até que a obra principal fique terminada aos meus olhos. Aqueles homens que

238

só compreendem a linguagem da ambição podem dizer de mim que estendo as minhas mãos para a maia alta coroa que a Humanidade pode conferir. Avante!

Portanto, este Verão ficará levantado o andaime da minha obra principal, isto é, ficará desenhado o esquema da minha filosofia e o plano para os próximos seis anos. Oxalá que a minha saúde me permita acabá-lo.

XCVII

A OVERBECK

Sils Maria, 14 de Setembro de 1884

Querido Amigo:

Recebe, antes de tudo, a expressão do meu mais cordial agradecimento.

Tudo tem progredido em mim durante este Verão e consegui alcançar o meu fim principal, ainda que o alcançasse à custa da minha saúde, pois os meus olhos nublaram-se repentinamente, e de tal maneira que me vi obrigado a escrever a Schiex. 1)

Em troca, desapareceu um pouco a depressão geral que, desgraçadamente, sofria aquando da nossa estada em Basileia.

Julgo agora ter-me preocupado demasiadamente com o excesso das minhas transigências familiares. Bastou a minha proposta de uma entrevista com a minha irmã, para que o sornso voltasse a todos os semblantes. O meu eterno erro consiste em julgar sempre a dor dos outros muito maior do que na realidade é.

Desde a minha meninice, a frase “Na compaixão estão os meus maiores perigos , 1145) demonstrou-se sempre em mim. (Será uma má consequência da extraordinária natureza de meu pai, a quem todos os que o conheceram classificaram mais entre os “anjos , que entre os “homens”.) Os maus resultados que me

deu a compaixão levaram-me a uma interessante inversão do valor de tal sentimento.

O mais notável facto deste ano foi a visita do barão de Stein, que veio a Sils directamente da Alemanha, e partiu, directamente também, daqui para casa de seu pai, maravilhosa maneira de acentuar a visita. Stein é um magnífico exemplar humano, muito simpático e compreensível para mim, pelo seu carácter heróico. Finalmente! Finalmente um homem novo, que é dos meus e sente por mim uma instintiva veneração. Ainda que esteja um pouco “wagnerizado”, a educação racional que junto a

D • briug recebeu preparou-o muito para mim. A seu lado percebi, imediatamente e muito penetrantemente, qual será a tarefa prática que há-de corresponder ao labor da minha vida, quando a meu lado possua alguns homens jovens de uma determinada qualidade. Mas, por agora, não é possível a ninguém falar disso, e, com efeito, não se falou disso ainda a nenhum homem. Que extraordinário destino o meu, ter chegado aos quarenta anos e conservar ainda comigo, secretas e escondidas, as minhas mais essenciais ideias, tanto teóricas como práticas! Stein disse-me, com toda a sinceridade, que de Zaratustra só tinha chegado a compreender uma dezena de frases, coisa que me encheu de orgulho, por caracterizar a indecifrabilidade e a originalidade dos meus problemas e luzes. (Repetidas vezes tenho ouvido, este Verão, igual testemunho com respeito a Aurora e A Alegre Ciência, os livros “mais estranhos que existem. .) É, em troca, Stein suficientemente poeta para que o “outro canto de baile” C146) o tenha comovido profundamente. Aprendi-o de memória. Aquele que com a alegria de Zaratustra não verte lágrimas, está ainda muito longe de mim e do meu universo.

Stein prometeu-me ir a Nice comigo, quando morrer seu pai, única razão de que ele continue no Norte e numa Universidade alemã.

Daniela von K • low encarregou-o de dizer-me que rompeu o

seu casamento e que, para fortificar-se, lê agora o meu “Schopenhauer como educador”.

Preocupa-me muito a sorte de K selitz. A sua antiga independência parece ter terminado. A tinturaria de seu pai vai muito mal e não poderá abandoná-la até conseguir endireitar a marcha do negócio. Não creio que o wagnerianismo dominante prejudique K selitz de qualquer forma. Mais ainda, servir-lhe-á bem, como a mim, de preparação. Nunca, antes de Wagner, resplandeceram tanto os mais ternos e sublimes sentimentos. E agora, que por ele se abriram os olhos a tais cores, é quando pode saber-se onde quer e tem de chegar a arte do nosso mestre veneziano. A oposição que a sua música encontra não é causada pela escola wagneriana, mas sim pelo sentimentalismo e o obscurantismo alemães, conscientes, que Brahms, por exemplo, representa, e, em suma, pela mediocridade do espírito burguês alemão, que se revolta receoso contra tudo o que é meridional, dispondo-se a encontrar-lhe “frivolidade”. Tal é também a oposição que começa a encontrar a minha filosofia. Em mim e na música de K selitz, odeia-se “o claro céu”.

Dizia-me, há pouco, um italiano: “Em comparação com aquilo a que nós chamamos céu, o céu alemão é uma caricatura.”

Bravo! Aí está toda a minha filosofia!

XCVIII

A SUA IRMÃ

Veieza, 20 de Maio de 1885

Minha querida Chama:

Quero fazer uma espécie de resumo da minha vida, de ajuste de contas, para o dia em que o teu destino se decide, 14” dia em que ninguém te desejaria mais felicidade, melhores propósitos e mais animosa coragem que eu.

Desde hoje, e isso parece-me justo e razoável, estarão perto

do teu coração e da tua cabeça coisas que não serão já as minhas. Também é lei da Natureza que, daqui em diante, vás participando cada dia mais da maneira de pensar de teu marido que, ainda que a respeite e a estime, não é absolutamente a minha própria. 14s Para que no futuro tenhas uma orientação a respeito da prudência e quiçá também da indulgência necessárias para julgar teu irmão, dir-te-ei hoje, como prova da minha maior cordialidade, em que consiste o mau e penoso da minha situação. Não encontrei nunca, desde a minha meninice até agora, ninguém que tivesse no seu coração e na sua consciência a mesma “necessidade” que eu. Isto obriga-me, ainda agora, como sempre, a apresentar-me disfarçado ante toda a gente, para minha máxima contrariedade, debaixo do as-

242 243

pecto de um qualquer dos tipos humanos actualmente permitidos e compreendidos. Tenho absoluta crença de que só entre homens de iguais aspirações e vontade se pode florescer e até alimentar-se e progredir fisicamente. O facto de não ter falado disto, é a minha desdita. A minha vida universitária foi uma duradoura tentativa de aclimação a um falso meio, e o mesmo, ainda que numa direcção contrária, foi a minha aproximação de Wagner. Quase todas as minhas relações humanas nasceram de acessos da sensação do meu isolamento.

Nasceu a minha amizade por Overbeck, Rée e Malwida. Era ridiculamente feliz, quando encontrava, ou julgava encontrar, alguém com quem me era comum um espaço pequeno, um reduzido ângulo. A minha memória está cheia de vergonhosas recordações de tais debilidades, durante as quais sentia uma solidão difícil de suportar. Devo atribuir a isto as minhas contínuas dolências, que me levam ao mais espantoso desencorajamento. Tenho estado doente, e estou ainda muito perturbado e melancólico, não apenas por não ter encontrado nunca, como a és te disse, ambiente que me fosse apropriado, nem ter achado nunca descanso entre os homens, mas em especial pela violência de ter de estar entre eles como comediante. Mas não me considero por isso homem desconfiado, oculto e emboscado. Se o fosse, não sofreria tanto. Não está na mão de cada um dividir a sua vida, ainda que isso se deseje com toda a alma; há

antes que encontrar alguém com quem esta relação não seja impossível em absoluto. O maior grau de compensação que achei até agora foi o de reconhecerem haver em mim algo de muito estranho e longínquo, que as minhas palavras têm cor diferente das palavras dos outros homens e que, na minha obra, há um matizado “primeiro fim”, que encobre o que existe por detrás. Tudo o que tenho escrito até hoje é “primeiro fim”). Agora, começa para mim próprio o principal desenho ideológico. Manejo coisas das mais perigosas e, se recomendo aos alemães tão depressa Schopenhauer como Wagner, ou dou vida a Zarathustra,

isso constitui não só um repouso para mim, mas também, e isto é o principal, um esconderijo detrás do qual posso permanecer

algum tempo.

Não me tenhas na conta de um louco por causa de tudo isto,
e perdoa-me que não assista à tua boda. Um filósofo “enfermi-
ço”, seria um detestável padrinho!

XCIX

A OVERBECK

Nice, Primavera de 1886

Meu querido Amigo:

dos que acreditam na minha alegria! A boa Malwida, que com a sua rosada superficialidade se tem mantido, através de uma penosa existência, sem se afundar, escreveu-me uma vez, dizendo, para meu grande prazer, que de Zaratustra via já surgir o “alegre templo” que me dispunha a edificar sobre ele, como fundamento. Isto é, sem dúvida, para morrer de riso! Mas eu dou-me por satisfeito com o facto de se não ver nem descobrir a espécie de “templo” que estou construindo.

O caderno vermelho que, anteontenz, te enviei, demonstrar-te-á que, na mesma ocasião em que tu me escrevias, estavam os meus pensamentos contigo, em Basileia. Quão belo seria poder discutir, rir, e até enfadarmo-nos juntos com as coisas contidas em tal caderno! Mas a minha ditosa saúde mantém-me longe dos meus amigos. As notícias que, sobre a tua própria e em especial sobre o estado dos teus olhos, incluístes nas tuas cartas últimas, fazem-me admirar a maneira corajosa como seres gues o teu caminho aí em Basileia. É bem verdade que a tua si-

tuação é cem vezes melhor do que a minha; tens a teu lado tua mulher e ambos formaram o vosso ninho, ao passo que eu na-

da mais possuo que um coval. Dizem-me aqui que, durante to-
' do o Inverno, e apesar de todas as dores, tenho estado sempre

“do mais radiante bom humox ,; mas eu sei que tenho estado
profondément triste, torturado dia e noite pelos meus proble-
mas, e vivendo mais num inferno do que numa cova e buscan-
do, algumas vezes, o trato dos homens só como festa em que
me liberte e esqueça de mim próprio. Tem sido o grande erro

246 247

A JACOBO BURCKHARDT

Sils Maria, 22 de Setembro de 1886

Meu muito respeitado Senhor Professor:

Penaliza-me não o ter visto, nem lhe ter falado, desde há tanto tempo. Com quem poderia eu falar, quando já não fosse possível fazê-lo consigo? O silentium domina à minha volta.

Espero que Naumann terá cumprido o seu dever e feito chegar às suas mãos o meu último livro: Mais Além do Bem e do Mal. Rogo-lhe que o leia, pois ainda que nele se contenham as mesmas coisas que no meu Zarathustra, estão ditas de maneira muito diferente. Não conheço ninguém com quem me sejam comuns tantas hipóteses como consigo. Parece-me que viu os mesmos problemas que eu e labora neles de maneira análoga, ainda que, talvez, com maior força e profundidade, visto que V. é mais silencioso. Eu, em troca, sou mais novo. .

Ambos vimos o desfavorável ambiente que existe para tudo o que seja crescimento da civilização, a relação extremamente suspeita entre o que se chama “melhoramento” dos homens (o “humanizamento”) e o engrandecimento do tipo “homem”, e, principalmente, a contradição entre todo o conceito moral e todo o conceito científico da vida. Mas basta; este último problema é de tal natureza que não devemos compartilhá-lo, nem com muitos entre os vivos, nem entre os mortos. Lamentá-lo é, talvez, a mais perigosa ousadia existente, não no que respeita a quem lamenta, mas por aqueles a quem dele se fala. O meu consolo é que, por agora, ainda não existem ouvidos para as minhas grandes novidades. Só os seus as escutam, meu querido amigo, e para eles não são, de nenhum modo, “coisas novas”.

248 249

CI

AO BARÃO DE SEYDLITZ

Nice - Pension de Genève, St. Étienne,
26 de Outubro de 1886

Meu querido Amigo:

Muito obrigado! Não quero aceitar o convite para ir ao Paraguai. Mas talvez vá a Munique, no caso de voltar a sentir-me mais alegre e “filantrópico”, do que agora.

Que melancólico Outono! Em todas as partes, um peso de chumbo sobre mim; ninguém que me ilumine; à minha volta estão só os meus velhos problemas, os meus velhos problemas negros como corvos! Penetraste no meu Mais além? E uma espécie de comentário ao meu Zaratustra. Mas que bem teriam de me entender, para que compreendessem até que ponto esse livro é o comentário de que falo!? É um livro para os homens de uma extensa cultura, como Jacobo Burckhardt e Hipólito Taine, aos quais considero, por agora, como os meus únicos leitores, e talvez nem para eles, pois não têm a mesma “necessidade”, nem a mesma “vontade”, que eu. Tal é o meu isolamento. Não tenho ninguém com quem sejam comuns o meu “sim”, e o meu “não”.

Suspendi a minha viagem à Córsega, C149) porque quem ia
250

acompanhar-me tornou-se-me repulsivo, quando tratado de perto. A minha quase cegueira obrigou-me a abandonar todas as experiências pessoais e a refugiar-me a toda a pressa em Nice, que os meus olhos conhecem “de memória”. Por certo, há aqui mais luz do que em Munique! Até agora, não conheço mais do que dois sítios onde os meus olhos possam trabalhar um par de horas diárias: Nice e Engadina. Mas até isto é provável que me não seja possível dentro em breve.

Tem paciência; um dia irei a Munique. Talvez haja aí uma

alegre criatura feminina com quem possa rir. Tenho de voltar a aprender o que é o riso.

CII

A PETER GAST

Nice, 28 de Janeiro de 1887

Meu querido Amigo

Alivia-me e tranquiliza-me, em grande parte, saber que V. está de novo em Veneza. Quanto bem me fez a sua carta! Foi para mim como que uma promessa de que também o meu estado melhorará, isto é, tornar-se-á mais claro, mais alegre, menos preocupado e, creio, menos “literário”. A revisão que da minha velha literatura levei a cabo, para pô-la de novo em cena, indispôs-me horivelmente e fez-me “personalizar” demasiado. Não sirvo para “ruminar” a vida. Agora, recomponho-me e regozijo-me com a mais fria razão - disciplina que gela os dedos e, naturalmente, tira a vontade de escrever. Disso resultará um “ataque geral” contra a causalidade da filosofia, ou talvez ainda pior do que isto.

Ouvi recentemente, em Monte-Carlo, e pela primeira vez, o prelúdio de Parsifal. Quando nos virmos, dir-lhe-ei com maior clareza o que me sugeriu. Deixando de parte perguntas imperti-
252

nentes como as de “para que pode servir esta música? Para que deve servir?” e limitando-nos à questão estética, podemos perguntar: Wagner fez alguma coisa melhor? Neste prelúdio, encontramos a mais alta consciência e precisão psicológica, a respeito do que nele se tem de dizer, exprimir e comunicar, e tudo isto foi conseguido da forma mais sintética e directa. Todo o matiz do sentimento está levado até ao epigramático. A claridade desta música, como arte descritiva, é tão grande, que faz pensar num escudo belamente cinzelado, e no fundo dela existe

uma sublime e extraordinária sensibilidade, algo muito cheio de alma, o que dá a Wagner a maior honra. Consegue-se em tal música uma síntese perfeita de estados que a muitos homens (também aos “elevados”) teriam parecido inconcebíveis, tudo isto unido a um vigoroso ajuste, a uma “elevação” (no mais ternvel sentido da palavra) e uma penetração tais, que cortam a alma como com uma navalha, levando-nos logo a admitir o que ali se vê e o que ali se forja. Só em Dante se encontra coisa equivalente. Acaso á algum pintor apresentou um quadro de amor tão melancólico como aquele que Wagner descreve nas últimas notas do seu prelúdio?

CIII

A SUA IRMÃ

Nice, 23 de Março de 1887

Minha querida Chama:

Agora é muito difícil ajudar-me. Quando se conseguiu conquistar, como me foi necessário fazê-lo, uma absoluta independência, há que suportar também os inconvenientes que consigo traz esta situação. Não se pode ter uma coisa sem a outra. A esses inconvenientes pertence o de que ninguém adivinha, o que nos pode faltar. Desejaria ter mais dinheiro, somente para poder dispor eu mesmo a minha alimentação, no interesse da minha saúde, e não ter de estar sujeito à da hospedaria, que me faz cometer mil transgressões no regime alimentício a que devo submeter-me. Há também, em mim, o desejo de ser mais rico, espécie de orgulho. Quisera também levar uma vida mais conforme com a minha pessoa e que não se parecesse tanto como esta actual vida de “erudito em viagem”. Mas até as cinco condições realmente modestas, que poderiam tornar-me a vida suportável, parecem impossíveis de concretizar. Essas condições são: 1.ª - Alguém que vigiasse a minha alimentação. 2.ª - Alguém que, cheio de alegria, pudesse rir comigo. 3.ª - Alguém que, orgulhoso do meu convívio, soubesse manter “os outros” em justo respeito para comigo. 4.ª - Alguém que, sem me “entontecer”, lesse para eu ouvir. Há ainda uma quinta condição de que não quero falar.

Casar-me seria, agora, sensivelmente uma loucura que me privaria da minha independência tão cruelmente conquistada. Teria de fazer-me novamente cidadão de qualquer estado europeu e, ao escolher, pesar muito bem as condições da mulher, da sua família e das pessoas com quem devêssemos conviver. Teria, além disso, de prender a língua, o que seria a minha perdição. Prefiro viver miseravelmente, em qualquer canto, doente e temido, a ter de encaixilhar-me na moderna mediocri-

dade. Não me faltam, nem bom humor, nem ânimo corajoso. Ambas as coisas me restam, porque não tenho na consciência nenhuma cobardia, nem nenhum falso compromisso.

De resto, não encontrei ainda uma mulher apta para lidar comigo e cuja proximidade não me aborrecesse ou excitasse os meus nervos. (A Chama era uma boa companheira, para a qual não encontro substituição; mas quis dar emprego à sua energia e sacrificar-se. E por quem? Por uma ingrata e lamentável humanidade estranha, e não por mim, que teria sido um alegre animal agradecido. Podes vir ainda? Creio que cedo me esquecerás, entre esses homens endurecidos.) Conheço, além disso, o que é a mulher na Europa Central, e sempre que tenho podido observar a influência das mulheres sobre os maridos, tenho notado, como consequência, um lento rebaixamento. Isto não é muito animador. Não é verdade? No princípio do mês que vem, deixarei Nice, para procurar um silencioso retiro, junto do lago Maggiore, onde há bosques e sombra e não este branco e contínuo sol da Primavera de Nice, que me tortura os olhos.

CIII

A SUA IRMÃ

Nice, 23 de Março de 1887

Minha querida Chama:

Agora é muito difícil ajudar-me. Quando se conseguiu conquistar, como me foi necessário fazê-lo, uma absoluta independência, há que suportar também os inconvenientes que consigo traz esta situação. Não se pode ter uma coisa sem a outra. A esses inconvenientes pertence o de que ninguém adivinha, o que nos pode faltar. Desejaria ter mais dinheiro, somente para poder dispor eu mesmo a minha alimentação, no interesse da minha saúde, e não ter de estar sujeito à da hospedaria, que me faz cometer mil transgressões no regime alimentício a que devo submeter-me. Há também, em mim, o desejo de ser mais rico, espécie de orgulho. Quisera também levar uma vida mais conforme com a minha pessoa e que não se parecesse tanto como esta actual vida de “erudito em viagem”. Mas até as cinco condições realmente modestas, que poderiam tornar-me a vida suportável, parecem impossíveis de concretizar. Essas condições são: 1.ª - Alguém que vigiasse a minha alimentação. 2.ª - Alguém que, cheio de alegria, pudesse rir comigo. 3.ª - Alguém que, orgulhoso do meu convívio, soubesse manter “os outros” em justo respeito para comigo. 4.ª - Alguém que, sem me “entontecer”, lesse para eu ouvir. Há ainda uma quinta condição de que não quero falar.

Casar-me seria, agora, sensivelmente uma loucura que me privaria da minha independência tão cruelmente conquistada. Teria de fazer-me novamente cidadão de qualquer estado europeu e, ao escolher, pesar muito bem as condições da mulher, da sua família e das pessoas com quem devêssemos conviver. Teria, além disso, de prender a língua, o que seria a minha perdição. Prefiro viver miseravelmente, em qualquer canto, doente e temido, a ter de encaixilhar-me na moderna mediocri-

dade. Não me faltam, nem bom humor, nem ânimo corajoso. Ambas as coisas me restam, porque não tenho na consciência nenhuma cobardia, nem nenhum falso compromisso.

De resto, não encontrei ainda uma mulher apta para lidar comigo e cuja proximidade não me aborrecesse ou excitasse os meus nervos. (A Chama era uma boa companheira, para a qual não encontro substituição; mas quis dar emprego à sua energia e sacrificar-se. E por quem? Por uma ingrata e lamentável humanidade estranha, e não por mim, que teria sido um alegre animal agradecido. Podes vir ainda? Creio que cedo me esquecerás, entre esses homens endurecidos.) Conheço, além disso, o que é a mulher na Europa Central, e sempre que tenho podido observar a influência das m lheres sobre os maridos, tenho notado, como consequência, um lento rebaixamento. Isto não é muito animador. Não é verdade? No princípio do mês que vem, deixarei Nice, para procurar um silencioso retiro, junto do lago Maggiore, onde há bosques e sombra e não este branco e contínuo sol da Primavera de Nice, que me tortura os olhos.

CIV

A MALWIDA VON MEYSENBURG

Chur (Suiça), 12 de Maio de 1887

Minha ilustre Amiga:

Que estranha coincidência! A observação que V., com a sua grande bondade me fez ultimamente, de que talvez fosse consolador e frutífero para ambos reunir de novo as nossas duas solidões numa cordial companhia, é coisa que tem vindo ao meu pensamento com bastante frequência, nestes últimos meses. O passar outro Inverno com V., cuidados e atendidos ambos pela solicitude de Tina, constitui uma tentadora perspectiva, pela qual lhe exprimo a minha mais cordial gratidão. Se isso se realizasse, desejaria que fosse novamente em Sorrento ("coisas boas, duas e três vezes" dizem os gregos) e, não sendo isto possível, em Capri, onde voltaria a fazer música - e melhor - para V., ou em Amalfi ou Castellamare. Se nada disto fosse possível, sempre nos ficaria Roma, ainda que a minha desconfiança acerca do seu clima, e até das grandes cidades em geral, se baseie, como V. sabe, em razões difíceis de destruir. A solidão, no meio da mais solitária natureza, tem sido, até agora, o meu meio curativo; as modernas cidades populosas, como Roma e também Zurique, que acabo de abandonar, convertem-me inevitavelmente num ser excitável, triste, inseguro, doente e incapaz de produzir. Recordo a minha tranquila estada a seu lado, em Itália, com uma espécie de crença supersticiosa, como se nalguns momentos, por exemplo na nossa primeira viagem de Nápoles ao Posélio, tivesse conseguido respirar mais profundamente do que em qualquer outra época da minha vida. V. é a única pessoa em quem posso pensar, quando a minha vontade se vê assaltada pelo desejo de renovar esses instantes. Exceptuando-a a si, estou condenado sem apelação a permanecer encerrado no meu castelo solitário. O meu invulgar e penoso trabalho, que ainda me faz viver, obriga-me também a afastar-me de "os homens", e a não me ligar a nin-

guém, levando-me, além disso, a uma tão extrema pureza que talvez seja a causa da minha repugnância perante todo o “homem”, e especialmente perante os “jovens”, que, importunos e desajeitados como cãesitos, me incomodam com visitas excessivamente frequentes. Já na minha solidão sorrentina, me so-bejava a presença de Brenner e Rée. Afigura-se-me que, então, permaneci demasiado silencioso para consigo, até em coisas que só a V. comunicaria.

Sobre a minha mesa, tenho a nova edição, em dois tomos, das Coisas Humanas Demasiadamente Humanas, cuja primeira parte nasceu naquela época e na sua desejada companhia. Os largos prólogos que achei necessário antepor às novas edições das minhas obras contêm, sobre mim próprio, coisas muito curiosas e de uma grande sinceridade, coisas que, de uma vez para sempre, manterão longe de mim “os outros”, pois nada irrita mais os homens do que deixar-lhes perceber algo do rigor e da dureza que, debaixo da disciplina e de um ideal próprio, alguém teve para consigo mesmo. Mas estas mesmas coisas constituem o anzol que lanço a “os outros”. Agora só me resta esperar, sem impaciência. Sei que há tal originalidade e tanto perigo nas minhas ideologias, que não haverá até muito tarde ouvidos para elas. Mas, certamente, que os haverá até 1901. Oxalá pudesse ir a Versalhes! Venero o círculo de homens

que ali há-de reunir-se, pois (original confissão num alemão!), só com os franceses e os russos me sinto aparentado dentro da Europa actual. Em troca, encontro-me absolutamente estranho para com os meus ilustrados compatriotas, que tudo julgam através do princípio Deutschland, Deutschland • ber alles. Clso Mas não me é possível uma tal viagem. Tenho de voltar de novo à fria atmosfera da Engadina; a Primavera atormenta-me, de tão incrível modo que não posso quase confessar em que abismos de descoroçoamento me afunda o seu influxo. O meu corpo, e também a minha filosofia, sentem-se impulsionados a procurar o frio como seu elemento conservador. Isto parece paradoxal e antinatural; mas é o facto mais provado da minha vida, facto que, V. sabe bem, não revela de maneira nenhuma “natureza fria”,

CV

A SUA IRMÃ

Chur, 21 de Maio de 1887

Minha querida Irmã:

Ontem, chegou a tua carinhosa carta às mãos do teu solitário irmão, o qual, acostumado a receber poucas coisas agradáveis, concebeu já certo medo pelo correio; mas, por isso mesmo, experimenta maior alegria, quando lhe traz alguma coisa cheia de cordial bondade, como as tuas frases. Ainda que me pareça estranho, a verdade é que a desconfiança cresceu em mim, durante estes últimos tempos, de tal maneira que quase chegou a constituir uma enfermidade. Ano após ano, a minha vida torna-se mais penosa e as livres e mais dolorosas épocas da minha saúde não me parecem agora tão deprimidas e pobres em esperanças como as presentes. O que foi que sucedeu? Nada mais do que o necessário; saíram à luz as minhas divergências com todos os homens que, até agora, confiaram em mim, e demos conta do nosso erro recíproco. Um separa-se aqui, o outro

além, e todos encontram o seu rebanho e o seu círculo, menos o mais independente deles, que se conserva solitário, sendo, como no meu caso, o menos indicado para sofrer tão radical isolamento. Ainda não gozei no Chur um só dia bom, e o tem-

258 259

po tem bastante culpa disso, ainda que, por desgraça, não a essencial. O contraste é enorme, quando penso nos alegres dias qua aqui passámos antes. Quão solitário me sinto agora! Já não tenho ninguém com quem possa rir, nem que me acompanhe a tomar o chá e me cuide e console carinhosamente.

Penso com desconfiança no meu próximo Verão na Engadina, recordando as grandes lutas de que foram testemunhas aquelas paragens. Se ao menos tivesse o excelente Gast a meu lado! Mas está em Veneza, e também melancólico e desiludido. Confesso que sentiria alívio se aos meus ouvidos chegasse alguma boa notícia dele, pois, definitivamente, tenho alguma responsabilidade no seu destino, isto é, na formação da sua estética e na independência com que a tem mantido.

Ontem, recebi a nota trimestral do meu editor. É bastante desfavorável. Reina uma tal incompreensão da minha literatura que nem sequer constitui repugnância, mas sim a mais absoluta indiferença. Os resultados da venda não chegam às minhas mãos, pois tenho de pagar muito a Fritzsche pelas despesas de impressão, que a correcção e novas edições da minha velha literatura têm ocasionado. Esperemos, pelo menos, que se compensem ambas as somas, de modo que eu não tenha de fazer novos desembolsos.

CVI

A HIPÓLITO TAINÉ

Sils Maria, 4 de Junho de 1887

Meu muito ilustre Senhor:

Tenho já para consigo muitos motivos de agradecimento, entre eles a indulgente bondade da sua carta, cujas frases sobre Jacobo Burckhardt t5t) me alegraram sobremaneira, e o simples mas rigoroso estudo sobre o carácter de Napoleão, publi-

cado por V. Exá na Revue des Deux Mondes. Este estudo quase por casualidade, caiu nas minhas mãos no último mês de Maio, na ocasião em que me achava bastante bem preparado para a sua leitura, pela recente de um livro de Barbey d'Aurévilly, cujo último capítulo, destinado a analisar a nossa literatura napoleónica, constitui um grande grito em demanda de algo que em tal sector não tinha sido feito ainda. E que era isto? Indubitavelmente o esclarecimento e a solução que V. Exe deu a este enorme problema do monstro e do super-homem. Não quero esquecer-me tampopuco de demonstrar-lhe a minha alegria por encontrar o nome de V. Exá na dedicatória da última novela de M. Paul Bourget, is2) ainda que esta não me agrade. Não conseguirá nunca Monsieur Bourget fazer-nos crer na existência de um verdadeiro buraco fisiológico (?) no peito de

um semelhante. Espero que isto seja para ele apenas qualquer coisa de completamente arbitrário, de que o seu delicado gosto o manterá afastado no futuro. Mas, por agora, o novelista parisiense parece implacavelmente perseguido pelo espírito de Dostoievski.

Rogo-lhe que acolha com benevolência o envio que das novas edições de dois dos meus livros me permito fazer-lhe. Sou, V. Exá sabe-o, um solitário, e não me preocupo muito com o ter leitores; mas, apesar disso, nunca, desde os vinte anos (e tenho já quarenta e três) me faltaram alguns muito fiéis e excelentes. Têm sido sempre homens de idade avançada, e posso citar-lhe, entre eles, Ricardo Wagner, Bruno Bauer, o velho hegeliano, o meu colega Jacobo Burckhardt e Gottfried Keller, o poeta suíço, e, no meu entender, o único poeta alemão da actualidade. Seria para mim uma imensa alegria poder contar, agora, entre eles, o homem por mim mais admirado entre os franceses.

Amo muitos estes meus dois livros. O primeiro - Aurora - escrevi-o em Génova e numa época de grave e dolorosa enfermidade, desenganado pelo médicos, perante a morte, entre privações e um isolamento incríveis. Mas não havia em mim protesto contra isso e, apesar de tudo, achava-me seguro de mim e em paz comigo mesmo. O outro livro, A Alegre Ciência, é fruto dos primeiros clarões do retorno da minha saúde. Nasceu um ano depois de Aurora (1882), e também em Génova, em quinze dias deliciosamente claros e soalheiros de Janeiro. Os problemas encerrados nestes meus dois livros fazem solitário o homem que neles trabalha.

Posso rogar a V. Exá que os acolha com benevolência?

Veneza, 3 de Outubro de 1887

A minha estada aqui não tem sido nada desfavorável. Há dez anos que não escolhia como residência outonal clima que me fosse mais benéfico. Gozamos de um tempo de maravilha, claro, fresco, límpido e sem nuvens, quase igual ao de Nice.

Encontrei o nosso bom Gast mais bem instalado e mais elegante, digna e independentemente que eu nunca estive. A velha e distinta família que o hospeda vive absolutamente para ele; cedeu-lhe as melhores divisões e prepara-lhe os seus repastos com esmero, alimentando-o melhor do que é costume no Meio-Dia.

Nesta situação tão propícia, Gast voltou a compor música muito bela e felizmente muito diversa da música de luta e convulsão wagnerianas. Não é já fácil induzir-nos, nem a ele nem a mim, a voltar à nossa “querida” pátria, cujas “limitações”, me fazem agora somr. Se alguma vez me vir obrigado, por motivos científicos, a fazer tal viagem, procurarei primeiro infundir-me coragem, com um réfrain naturalista, qualquer; por

exemplo:

Com o intuito de contemplar o rinoceronte, decidi partir para a Alemanha.

Encontrei aqui reunido tudo o que nos jornais alemães se disse sobre o meu último livro; um matizado mosaico de incompreensões e anúpatia, que põe os cabelos em pé. À minha obra, classificam-na de “máxima loucura”. is3) Do autor, dizem uns que merecia ir ao pati'bulo (segundo o antigo modo de defesa contra os livres-pensadores incómodos); outros, que me enaltecem como o filósofo da aristocracia dos Junkers, fazem troça de mim como um segundo Edmundo Hagen, lamentam-me, considerando-me o Fausto do século XIX, ou põem-me de lado como um perigoso monstro ou “dinamite”.

Para chegar a este grau de compreensão, foram precisos quinze anos. Se tivessem compreendido alguma coisa da minha primeira obra, O Nascimento da Tragédia, ter-se-iam logo espantado e benzido. Mas, naqueles tempos, vivia eu ainda oculto debaixo de um lindo véu e era venerado pelo cornudo gado alemão, como se a ele pertencesse. Tal época passou; descobrir-me-ão em França, alguns anos antes do que na minha própria pátria.

Tenciono partir em 21 de Outubro, com rumo a Nice, onde começará para mim um grande e laborioso Inverno.

CVIII

A SUA MÃE

Veneza, 18 de Outubro de 1887

Minha querida Mãe:

A tua carta, que recebi no dia dos meus anos, encontrou-me dedicado a alguma coisa que te causaria prazer, se tivesses podido vê-la; escrevia à nossa Chama sul-americana. A tua carta e

a tua felicitação foram as únicas que, neste dia, recebi, coisa que me ajudou a formar um justo conceito de “independência”, que cheguei a alcançar nestes últimos tempos, “independência”, que, apesar de todas as suas desvantagens, constitui uma importantíssima condição para todo o filósofo. Espero que, ao leres a relação que na minha última carta te fazia dos diferentes juízos que, sobre mim, se fizeram na Alemanha, não passará despercebido para ti o bom humor com que os expunha. Causou-me realmente um grande regozijo conhecê-los, e conheço, além disso, o bastante dos homens para saber que, dentro de cinquenta anos, esses juízos terão dado uma volta completa e então o nome de teu filho ver-se-á resplandecente de glória e veneração, por causa das mesmas coisas que, agora, levam a infamá-lo e maltratá-lo. Nunca, desde a minha meninice, me recorde de ter ouvido uma só palavra profunda e compreensiva;

isso pertence talvez ao meu destino; tampouco me recordo de ter-me queixado.

Não guardo rancor algum aos alemães, pelos juízos citados. Sei que lhes faltam cultura e seriedade para os problemas em que eu pus as minhas e que, além disso, estão realmente demasiado ocupados para perder tempo com o que Lhes é absolutamente alheio. De passagem, e para tua tranquilidade, dir-te-ei que a inimizade que encontro não tem nada que ver, como tu crês, com a minha posição referente ao cristianismo. Oh, não, nem teu filho, nem seus inimigos são tão “inocentes”! Os juízos que te comuniquei provêm todos dos partidos não clericais. Nenhum deles foi escrito por um teólogo. Quase todos os artigos (muitos deles devidos a críticos e eruditos muito inteligentes), defendem-se expressamente contra a suspeita de que, com as indicações sobre os perigos da minha obra, quizeram entregar-me “aos corvos do púlpito e às gralhas do altar”. O antagonismo em que me encontro é excessivamente radical para nele introduzir seriamente questões religiosas e matizes de confissão.

Perdoa-me esta larga digressão; mas, ao dizer que os ataques que me dirigem procedem dos críticos mais inteligentes, claro é que pode deduzir-se que o velho Puerder não foi mais subtil, e que tudo quanto viu foi isto: as suas opiniões são diferentes das minhas. E lamentou-o.

As notícias sobre o Paraguai são verdadeiramente consoladoras; mas não experimento nunca o menor desejo de sentar-me ao lado de um anti-semítico senhor cunhado. As suas opiniões e as minhas são diferentes. . . E não o lamento nada. As minhas malas estão quase preparadas para a partida. Partirei, depois de amanhã, de manhã ou à noite. A minha saúde é, em geral, boa, salvo o que respeita aos meus olhos.

CIX

A JACOBO BURCKHARDT

Nice, 14 de Novembro de 1887

Meu venerado Senhor Professor:

Também este Outono me permite oferecer a V. Exá algo de meu, uns estudos ético-históricos, reunidos sob o título: A Geneologia da Moral; e também agora experimento, como sempre, uma certa inquietação ao fazê-lo, pois sei, e muito bem, que os manjares que ofereço são tão duros e difíceis de digerir que convidar a sentar-se ante eles pessoas tão veneradas como V. Exá, parece constituir uma transgressão das leis da amizade e da hospitalidade.

Cada um devia permanecer solitário nesta tarefa de descascar nozes, pondo em perigo unicamente os seus próprios dentes. Precisamente neste meu último livro, trata-se de problemas psicológicos da mais dura natureza. São tão cruéis, que se necessita de maior coragem para chorá-los do que para arriscar uma qualquer resposta sobre eles. Quer V. Exá dar-me ouvidos novamente? Não podia deixar de enviar a V. Exá este novo escrito, pois estando intimamente ligado com o último que Lhe enviei (Mais Além do Bem e do Mal), constituía quase uma dívida para com V. Exe. É possível que, no livro que lhe remeto,

se achem mais clara e precisamente expostas algumas das principais hipóteses iniciadas no anterior com maior dificuldade.

Pelo menos, tal foi a minha intenção, ao notar o que toda a gente disse de Mais Além do Bem e do Mal: que era um livro embrulhado e incompreensível. Só duas pessoas diferiram desta opinião geral: V. Exá, meu venerado mestre, e Hipólito Taine, um dos seus mais agradecidos admiradores franceses. Portanto, perdoe-me V. Exá que, para consolar-me, exclame: “Não tenho senão dois leitores: mas de que classe! , A vida encerrada e dolorosa que até agora tenho vivido, e na qual naufragou a minha natureza, forte no fundo, trouxe consigo um isolamento para o qual não existe já qualquer meio de cura.

O meu consolo favorito é, ainda, pensar naqueles que, apesar das circunstâncias mais adversas, se têm mantido à superfície sem quebranto e sabendo conservar uma alma bondosa e elevada. Ninguém pensará em V.Exá, meu venerado amigo, com maior gratidão do que eu.

CX

A PETER GAST

Nice, 24 de Novembro de 1887

Meu querido Amigo:

Gozo esta manhã de qualquer coisa muito benéfica para mim. Pela primeira vez, tenho na casa onde habito uma pequena estufa, um “ídolo de fogo”, em volta do qual - confesso! -já executei uma dança pagã. Até hoje, o frio arroxava-me as mãos e turvava a minha filosofia. E muito penoso e difícil de suportar, isto de sentir, no nosso próprio quarto, o gelado sopro da morte, e não poder considerar a nossa habitação como aprazível retiro, mas sim como cárcere. Durante os últimos dez anos, tem chovido a potes. Calcula-se que, sobre cada metro quadrado, têm caído 208 litros de água. Outubro passado foi o mês mais frio da minha vida e, agora, Novembro, o mais chu-

voso. Nice está ainda bastante solitária. Na minha pensão, apesar disso, reúnem-se vinte e cinco pessoas à mesa.

Dá-me que pensar o caso do Gluck ter incluído Rousseau no número dos seus primeiros partidários. Parecem-me sempre

268 269

suspeitos todos os que Rousseau estimava, assim como todos os que o estimavam a ele. Existe uma família rousseuniana, à qual pertencem Schiller e Kant (ainda que este não só relativamente), George Sand e Sainte-Beuve, entre os franceses, e os Eliot, etc., na Inglaterra. Todo aquele que sentiu necessidade de “dignidade moral” agregou-se a mim aos admiradores de Rousseau. Até D • hring, o nosso favorito, teve o gosto de se apresentar, na sua autobiografia, como o Rousseau do século XIX. Observe sempre a posição de qualquer homem em relação a Voltaire e a Rousseau.

Há uma profunda diferença em ser a favor do primeiro ou do segundo. Os inimigos de Voltaire, por exemplo, todos os românticos, desde Victor Hugo até aos irmãos Goncourt, últimos “puros”, do romancismo, mostram-se piedosos para com Rousseau, o plebeu mascarado, coisa que me faz suspeitar de que, no fundo do romanticismo, existe ainda algo dos ódios e ressentimentos plebeus. . . Voltaire é um canaille magnífico e engenhoso; mas é : sou da opinião de Galiani, segundo o qual:

qu'un sentimental ennuyeux
un monstre gai vaut mieux (154)

Voltaire é possível e suportável unicamente dentro de uma civilização distinta que quer dar-se ao luxo da canaillerie espi-
Veja V. que “calorosos sentimentos”, e “tolerância” a minha estufa começa a inspirar-me!

Rogo-lhe, meu querido amigo, que não esqueça o trabalho que lhe corresponde e que nunca se aparte dele. Tem de exaltar e fazer honrar novamente nas rebus musicis et musicantibus, iss) os mais severos e rigorosos princípios, e com palavras e actos fazer que os alemães aceitem o que até agora tem constituído um paradoxo, isto é, que os mais severos princípios estão unidos à música mais alegre.

270

CXI

AO DOUTOR CARLOS FUCHS

Nice, 14 de Dezembro de 1887

Meu querido Amigo:

Escolheu V. um momento feliz, para me escrever no tom em que o faz; pois, sem que mo tenha proposto deliberadamente, mas levado a isso por uma imprescindível necessidade, dedico-me a encerrar as minhas contas com respeito aos homens e às coisas, e a inserir na acta todo o meu “passado, .

Quase tudo o que faço, neste momento, é uma “liquidação ,. Durante os últimos dez anos, a veemência das minhas oscilações interiores foi espantosa. Agora, que tenho de passar a outra e mais alta forma, necessito, primeiro que tudo, de um novo desterro, de uma nova despersonalização, e, para que as leve a efeito, torna-se-me essencial saber quais pessoas e coisas poderei conservar.

Até que ponto estou velho, realmente? Ignoro-o; assim como não sei, também, a juventude que ainda tenho.

Contemplei com prazer o seu retrato, parecendo-me encontrar muita mocidade e muita coragem nos seus traços, nos quais se deixa ver já, como é justo, a expressão de uma crescente sabedoria. (E cabelos brancos, talvez?. . .)

Na Alemanha, preocupam-se muito com as minhas “excêntrici­dades”; mas como nunca souberam onde está o meu centro, ser-lhes-á difícil encontrar a verdade de quando e onde tenho sido “excêntrico” até agora. Por exemplo: o ter sido filólogo foi qualquer coisa situada inteiramente fora do meu centro, o que não quer dizer que isso haja sido mau. Assim, também me parece agora uma excentricidade o facto de ter sido wagneriano. Esta última foi uma experiência sobremaneira perigosa, e agora vejo que não me afundei por levá-la até ao final, é que me apercebo do sentido que teve para mim. Foi a prova mais forte a que pude submeter o meu carácter. Depois, pouco a pouco, vai-nos disciplinando e conduzindo até à unidade, o mais íntimo que possuímos. Aquela paixão que, durante muito tempo, não tem nome, aquele trabalho de que se é involuntariamente missionário, consegue salvar-nos de toda a dispersão.

Tudo isto é difícil de compreender, a distância. Por isso, os meus últimos dez anos foram dolorosos e violentos. Se V. quer ouvir um pouco mais desta perversa história problemática, recomendo-lhe que leia as novas edições das minhas antigas obras, sobretudo os prólogos que lhes juntei agora. De passagem, dir-Lhe-ei que o meu editor, o excelente E. W. Fritzsch, de Leipzig, alguma coisa desesperado comigo, e com razão, está disposto a enviar as minhas obras completas a quem lhe prometa, em troca, um Erisaio sobre Nietzsche en bloc. is6

As grandes revistas literárias, como o Norte e o Sul, de Lindau, tem já necessidade desse Erisaio, pois nota-se certa inquietação e excitação com respeito ao significado da minha literatura. Diz-se já que, até agora, ninguém teve coragem e inteligência suficientes para “descobrir-me” aos olhos dos alemães, e que os meus problemas são novos, o meu horizonte psicológico é de uma extensão assustadora, a minha linguagem é ousada e do mais puro alemão, e que talvez não haja livros que encerrem maior quantidade de ideias, nem mais independentes, do que os meus.

CXII

AO BARÃO DE GERSDORFF

Nice, 20 de Dezembro de 1887

Meu querido Amigo:

Na minha vida, raras vezes uma carta me proporcionou tanta alegria como a tua de 30 de Novembro. Parece-me que, graças a ela, foi como se tudo o que nos é comum se tivesse enraizado de novo. Tamanha felicidade não me podia estar reservada para época mais própria do que a actual. A minha vida está, agora, em pleno meio-dia; fecha-se uma porta e abre-se outra. Tudo o que tenho feito nos últimos anos é um resumo, uma liquidação e um encerramento de contas do meu passado, com respeito aos homens e às coisas. Terminei já esse resumo e, por baixo, tracei uma linha. A questão capital consiste, agora, em se devo passar (ou se estou condenado a transmigrar) ao que de verdadeiramente essencial encerra a minha existência. Escolherei o que do meu passado tenho de conservar, ao tomar uma nova forma. Confidencialmente, digo-te que a tensão em que vivo e o peso do meu grande trabalho e da minha grande paixão são demasiadamente consideráveis para consentir que se aproximem de mim novos homens. A solidão é enorme à minha volta. Apenas tolero os indivíduos que me são completamente es-

272 273

tranhos e que a casualidade faz passar junto de mim, ou aqueles que me estão ligados desde a infância. Todos os outros se dispersaram voluntariamente ou tenho de dispersá-los, não sem grande violência e dor, da minha parte.

Comoveu-me muito receber, e precisamente agora, o presente da tua carta e da tua amizade. Algo de semelhante sucedeu no Verão passado, quando Deussen apareceu subitamente na Engadina, depois de nos não vermos havia quinze anos. Deussen é, actualmente, o primeiro catedrático de Filosofia pertencente à doutrina schopenhaueriana, e afirma que sou culpado da sua conversão a essa doutrina. Estou muito grato também por tudo quanto devo ao mestre veneziano. Tenho-o visitado quase todos os anos e posso dizer, sem exagero, que in rebus musicis et musicantibus é, além da minha última esperança, o meu consolo e o meu orgulho, pois nasceu quase de mim, e a música que compõe agora está - em bondade, elevação espiritual e gosto clássico - muito acima de quanta outra se escreve nesta época.

CXIII

A PAUL DEUSSEN

Nice, 3 de Janeiro de 1888

Meu querido Amigo:

O ano começou. Eu acabo de escrever, pela primeira vez, os seus três oitos. Nada melhor posso fazer, para honrar o seu advento, que escrever uma carta de Ano Novo ao meu velho amigo Deussen, sobretudo porque esta carta há-de chegar-lhe às mãos no dia do seu aniversário.

Qual a proporção da nossa velhice? Até que ponto conseguiremos ainda ser jovens?

Construí um conceito tão elevado da tua activa e valiosa existência, que não teria um sentido preciso fazer por ti votos para o Novo Ano. Quem possui uma vontade própria que im-

põe às coisas não se verá nunca dominado por elas. O azar acaba por obedecer às nossas mais reais necessidades. Assombra-me, às vezes, ver quão pouco pode a adversidade exterior do destino contra uma vontade firme, ou melhor, quanto de fatal tem de encerrar a vontade para sair sempre vencedora, ainda contra o próprio destino.

É estranho este agora, quando voltam a aproximar-se de mim os meus amigos mais antigos (além de ti, Carlos Gersdorff, de

quem há pouco recebi uma carta magnífica). Isto sucede precisamente no momento em que me apercebo do meu radical isolamento, e quando, dolorido e impaciente, me vou desligando (tenho de desligar-me!), uma após outra, de toda a relação humana. No fundo, tudo o que me sucede agora encerra em mim uma época; todo o meu passado se separa de mim e, quando termino a recapitulação do que tenho feito nos últimos dois anos, tudo se me afigura constituir um só esforço: isolar-me do meu passado, cortar o cordão umbilical que a ele me une. Tenho vivido tantas coisas, desejado tanto e alcançado talvez tanto, que é preciso uma espécie de violência para me afastar e desligar do pretérito. A veemência das minhas oscilações últimas foi enorme, e dos epithetis ornantibus com que sou ornamentado pela crítica alemã (excêntrico, patológico, psiquiátrico et hoc genus omne), deduzo que tal violência deve ter sido apercebida de há muito. Estes senhores, que não fazem ideia do que seja o meu centro, nem da grande paixão por cujo serviço vivo, dificilmente encontrarão onde tenho estado, até agora, fora do meu centro, e onde tenho sido realmente “excêntrico”. Mas que importa que se enganem e ponham as suas patas sobre mim!? Pior seria que não o flzessem, pois isso me faria desconfiar de mim próprio.

Daqui em diante, só desejo uma coisa: silêncio, esquecimento e indulgência do Sol e do Outono, para qualquer coisa que queira amadurecer, qualquer coisa que há-de constituir a justificação da minha existência (existência por cem razões eternamente problemática).

CXIV

AO BARÃO DE SEYDLITZ

Nice, 12 de Fevereiro de 1888

Meu querido Amigo

Não foi um “orgulhoso silêncio”, que, nestes últimos tem-

pos, cerrou os meus lábios para quase todo o mundo, mas sim o mutismo humilde de alguém que sofre muito e se envergonha de o deixar transparecer. Os animais refugiam-se na sua toca, quando estão enfermos, e o mesmo faz a bête philosophe. Raramente chega até mim uma voz amistosa. Agora estou só, absurdamente só. Na minha inexorável luta subterrânea contra tudo o que os homens têm amado e venerado até agora ("transmutação de todos os valores" é a minha fórmula), eu mesmo me tenho ido convertendo, insensivelmente, numa cova, em qualquer coisa escondida e difícil de encontrar, ainda que saia expressamente em sua busca. Mas ninguém mais tenta descobri-la. . . Aqui entre nós, digo-te não julgar impossível que eu seja o primeiro filósofo da minha época, ou ainda talvez um pouco mais, um filósofo decisivo e fatal, situado entre dois séculos. Esta posição singular tem de ser paga com uma separação fria e cortante de tudo e de todos. Os nossos conspícuos alemães!. . . Apesar de ter chegado aos quarenta e cinco anos e

ter produzido aproximadamente quinze obras (entre elas um “non plus ultra”: o Zaratustra), não surgiu ainda, na Alemanha, um único estudo medianamente digno de consideração sobre qualquer dos meus livros. Substituem-no pelas palavras “excêntrico”, “patológico”, “psiquiátrico”, etc. Fazem-me alvo de maldades e calúnias sem conta, e reina a meu respeito um desenfreado tom adverso em todas as publicações, tanto eruditas como populares. Mas como é possível que ninguém proteste, que ninguém se sinta ofendido quando me insultam? Os anos passam um após outro, sem que me tragam nenhuma consolação, sem uma gota de humanidade, sem um alento de amor.

E é nestas circunstância que tenho de viver em Nice. Nesta cidade, agora formigueiro de desocupados, grecs, (157) e outros filósofos da minha espécie, Deus, com o seu cinismo habitual, deixa que o Sol brilhe muito mais esplendorosamente do que na Europa do Senhor de Bismarck, digna, desde sempre, da maior consideração. (Bismarck continua a trabalhar com febril actividade na questão do armamento e tem, presentemente, todo o aspecto de um agressivo ouriço.) Aqui, os dias são de uma beleza impudente. Nunca o Inverno foi mais perfeito. Quisera poder enviar-te estas cores de Nice; todas elas são suavizadas por um luminoso “gris”, prateado do ar. São cores espirituais, cheias de alma e sem restos da brutalidade dos tons primários.

Este admirável trecho da costa europeia, entre Alasio e Nice, assemelha-se à costa africana, em cor, vegetação e secura atmosférica. Não há igual no resto da Europa.

Com que prazer estaria na tua companhia e na da tua mulher, sob qualquer céu homérico! Mas não posso voltar ao Sul (proíbem-mo os meus olhos, que talvez cedo me façam tornar às estúpidas paisagens nortenhas). Escreve-me e diz-me quando estarás em Munique. E perdoa-me esta carta sombria.

CXV

A JORGE BRANDÊS

Turim, 23 de Maio de 1888

Meu muito ilustre Senhor:

Não quero abandonar Turim sem lhe exprimir novamente quanto lhe devo do muito que de bom esta Primavera teve para o meu ser. A história das minhas primaveras, pelo menos de há uns quinze anos para cá, é uma história espantosa, uma fatal continuidade de fraqueza e decadência. Os sítios onde as passei não tiveram a mínima influência benéfica; nem eles, nem os diversos regimes, nem nenhum clima, conseguiram modificar o carácter essencialmente depressivo desta época. Mas, oh surpresa! Turim e as suas notícias, meu ilustre amigo, demonstraram-me que eu ainda vivia. . . Chego a esquecer que existo. . Num dia destes, uma pergunta casual recordou-me que se extinguiu em mim o mais importante conceito vital, o conceito “futuro”. Não tenho um único desejo, nem a mais leve sombra de uma aspiração. À minha frente, não vejo mais do que uma superfície lisa! Porque é que um dia dos meus setenta anos não há-de ser igual a um dos de agora? Será talvez porque vivi, durante largo tempo, muito perto da morte, que não posso agora abrir os olhos às possibilidades belas? A verdade é que me li-

278 279

mito a pensar no dia imediato - hoje ainda resolvo o que hei-de fazer amanhã, mas não mais além. Pode ser que isto seja irracional, pouco prático e talvez até pouco cristão - o predador da montanha proibiu precisamente que nos preocupássemos com o dia seguinte - mas a mim parece-me profundamente filosófico. Eu próprio concebi, por mim mesmo, maior respeito do que costumo ter, quando compreendi que tinha cessado de desejar sem que mo houvesse proposto voluntariamente.

Tenho aproveitado estas semanas para “transmutar valores”. Compreende este tropo? O alquimista é, na realidade, o homem de maior mérito. Quero dizer, o que faz do ínfimo, do desprezível, qualquer coisa de muito valioso - ouro até! - esse, é o único homem que enriquece; os outros não fazem mais que mudar. O meu trabalho actual é muito curioso. Perguntei a mim próprio: O que é que, até hoje, tem sido mais odiado, temido e desprezado pela Humanidade?

Agora, só falta que me acusem de moedeiro-falso. Ainda chegarão a fazê-lo, com certeza.

O meu retrato chegou às suas mãos? A minha mãe prestou-me o grande serviço de evitar que eu parecesse ingrato, num caso tão extraordinário. Suponho que E. W. Fritzsich, meu editor leipzigiano, cumpriu também o seu dever, mandando-lhe a si o meu livro.

Por último, confessar-lhe-ei uma curiosidade: Já que me foi impossível ouvir qualquer coisa atrás da porta, para me edificar sobre mim próprio, gostaria de ouvir doutra maneira. Apenas três palavras, indicando a característica dos temas de cada uma das conferências. Quanto me esclareceriam essas três palavras!

CXVI

A PETER GAST

Turim, 31 de Maio de 1888

Ao receber tão pronta resposta à sua carta, compreenderá

imediatamente o que me falta. Falta-me V., meu querido amigo! Ainda que esta Primavera tenha sido a melhor para mim, não trouxe o que até as piores me concederam: a sua música, que, desde Recoaro, anda em mim, inseparavelmente unida ao concerto Primavera, tal como o suave tanger dos sinos sobre a cidade das lagoas anda unido ao concerto Páscoa. Sempre que uma das suas melodias acode ao meu cérebro, comprazo-me em prolongar, agradecido, a sua recordação. Nunca experimentei tanta elevação, tanto consolo e um tal sentimento de renascer, como escutando a sua música. Ela é a minha boa música par excellence, e, para ouvi-la, visto intimamente uma vestimenta mais limpa do que para ouvir qualquer outra.

As conferências do doutor Brandès terminaram de maneira esplêndida. Uma grande ovação, que Brandès assegura não lhe ser dedicada, estalou ao terminar a última. O conferencista afirma-me que o meu nome é agora muito popular, nos círculos intelectuais de Copenhaga, e conhecido em toda a Escandinávia. Parece que os meus problemas interessaram muito a estes homens do Norte. Afigura-se-me que, em geral, estavam ali

mais preparados para recebê-los do que em nenhum outro país, pois a minha teoria de uma “moral dos fortes”, há-de ter-lhes esclarecido bem o conhecimento minucioso das sagas islândicas. Alegrou-me muitíssimo saber que os filólogos dinamarqueses aprovaram e aceitaram a sua etimologia de bonus. É qualquer coisa de muito forte retrain o conceito “bom”, ao conceito “guerreiro”, e sem as minhas hipóteses nunca a um filólogo teria chegado a ocorrer semelhante ideia.

CXVII

AO PROFESSOR CARLOS KNOTZ

Em Evansville (Indiana)

Sils Maria, 21 de Junho de 1888

Meu muito ilustre Senhor:

O facto de ter recebido duas obras devidas à sua pena, pelo que lhe estou muito grato, levou-me a crer que chegou já às suas mãos a minha literatura. O trabalho de fazer uma descrição da minha personalidade, seja como pensador ou como escritor e poeta, parece-me extraordinariamente difícil. O primeiro esforço importante para levá-lo a termo foi executado pelo inteligentíssimo dinamarquês, doutor Jorge Brandès, que V. Exá conhecerá como historiador de literatura, o qual efectuou um largo ciclo de conferências, na Universidade de Copenhaga, sob o tema “O filósofo alemão Frederico Nietzsche”, obtendo, segundo dali se noticia, um êxito brilhante. Interessou vivamente um auditório de 300 pessoas, pela exposição dos meus problemas, e tornou, como ele próprio me participa, o meu nome popular em todo o Norte. Fora disto, tenho o mais complexo grupo de leitores e admiradores, entre os quais se contam alguns franceses como H. Taine. A minha mais íntima convicção é a de que, para todos os meus problemas, para a minha

posição de “imoralista”, é ainda cedo, e o mundo está pouco preparado para tanto. A intenção de uma propaganda acha-se muito longe de mim, e não movi ainda um só dedo em tal sentido.

! Do meu Zaratustra, opino que é, talvez, a obra mais profunda existente em língua alemã, e também a mais perfeita quanto ao idioma. Mas, para perceber isto, é necessário passarem gerações que experimentem intimamente o que serviu de base ao nascimento de tal obra. Quase aconselharia começar pelas minhas últimas obras, que são as que maior espaço abarcam e as mais importantes (Mais Além do Bem e do Mal e Genealogia da Moral). Para mim, as mais simpáticas são as obras médias - Aurora e A Alegre Ciência - que reputo as mais pessoais.

As Considerações Inactuais, escritos de juventude, num certo sentido, têm a maior importância para a percepção do meu desenvolvimento. Em Povos, Épocas e Homens, de Carlos Killebrand, existe um par de artigos muito bons sobre as primeiras Considerações. A que escrevi contra Strauss levantou uma grande poeirada, e outra sobre Schopenhauer, cuja leitura recomendo especialmente, ensina como um espírito enérgico e instintivamente afirmativo sabe extrair impulsos benéficos até de um pessimista. Durante alguns anos, os mais valiosos da minha vida, estive ligado na maior confiança e na mais íntima inteligência com Ricardo Wagner e sua esposa, Cosima. Se agora pertenço aos inimigos do movimento wagneriano, compreenderá V. Exá que não houve, para isso, motivo algum de carácter mesquinho. Nas obras completas de Wagner, tomo IX, se bem me recordo, existe uma carta dirigida a mim, que testemunha as nossas relações.

Creio que os meus livros são de primeira ordem, pela sua riqueza de dados pedagógicos, pela sua intrepidez ante o mais perigoso e pela sua elevada liberdade espiritual.

Não temo, também, as comprovações, no que respeita à arte de exposição e aos ideais artísticos. Um grande amor, um do-

mínio familiar e uma profunda veneração ligam-me ao idioma alemão. Motivo bastante para não ler quase nenhum livro dos que nesta língua se publicam.

284 285

CXVIII

A MALWIDA VON MEYSENBUG

Sils, Julho de 1888

Minha venerada Amiga:

Finalmente! Não é verdade? Mas emudeço involuntariamente para com todos, porque não gosto de deixar perceber a ninguém as dificuldades da minha existência. Fez-se um grande vazio, à minha volta. Não há ninguém que faça uma ideia da minha situação. O pior dela é, sem dúvida alguma, o não ter ouvido, desde há dez anos, uma só palavra digna de chegar até mim, e compreender isto, compreendê-lo como necessário. Dei à Humanidade o seu livro mais profundo. E porque preço tenho de pagar tal feito! Depois dele, fiquei fora de toda a relação humana, submetido a uma tensão e vulnerabilidade insuportáveis, e converdo num animal continuamente atormentado.

A ferida consiste em não ouvir resposta alguma. nem um único som, e ter de levar sozinho sobre os ombros a espantosa carga que pretendia compartilhar ou trespassar (pois, se não fosse isto, para quê escrever?) O ser-se "mortal" pode fazer-nos perecer. Além disso, tenho a má sorte de ser contemporâneo de um empobrecimento do espírito alemão, tão desolador que chega a causar dó. Tratam-me na minha pátria, como a al-

286

guém que devesse estar num manicómio. Esta é a forma de "compreensão" que para comigo adoptam. O cretinismo bayreuthiano saiu-me ao caminho. Wagner, o velho sedutor bata-me - ainda depois da sua morte - a e - o resto dos homens sobre quem eu teria podido exercer alguma influência. Em troca, na Dinamarca - p -ece um absurdo dizê-lo - festejaram-me este Inverno! O inteligentíssimo doutor Jorge Brandès sou celebrar, na Universidade de Copenhaga, um ciclo de con-

ferências a meu respeito, obtendo um brilhantíssimo êxito. Assistiram mais de 300 ouvintes, em média, e no final estalou em ado ovaç S Agora, participam-me uma igual tentativa, q e ou o único espírito independente da Europa e o único escritor alemão, o que é já alguma coisa.

Isto lembra-me uma pergunta da sua última carta:

Julgará V. que já não recebo honorários alguns pelos livros que escrevo; mas o que talvez não saiba é que tenho de arcar com todas as despesas de impressão e distribuição (cerca de 4000 francos, nos últimos anos) e, além disso, estou prescrito da imprensa e das livrarias. Apenas vendo uma centena dos meus exemplares. Ainda que não possua quase fortuna

-a

minha pensão de Basileia é muito modesta (3000 francos mensais) - consegui economizar alguma coisa, de modo que não tenho sobre mim um cêntimo de dívidas. A minha maior habilidade consiste em simplificar a vida cada vez mais, e evitar as grandes viagens e a vida de hotel. Até agora, tenho-o conseguido, e não quero variar em nada. Só para meu orgulho pessoal há, de quando em quando, alguma moléstia.

Entre estas diversas pressões, interiores e exteriores, não se tem dado muito bem a minha saúde. Nos últimos anos, desapareceu a sua melhora. Os últimos meses, durante os quais o mau tempo se agregou a todas as minhas penas, pareceram-se uns aos outros, de forma a confundirem-se com os piores ue ainda conheci.

Em compensação, para minha irmã, este tempo correu às mil

maravilhas. A sua empresa parece ter tido um grande êxito. A entrada triunfal, quase principesca, na colónia, há aproximadamente quaaos meses, fez-me uma grande impressão. Há ali, além disso, cerca de 120 alemães, entre eles, muito boas famílias como a do mecklemburguês barão Maltzau.

CXIX

A JACOBO BURCKHARDT

Necessita-se grandeza de alma para resistir aos meus escritos. Tenho a sorte de incitar contra mim tudo quanto é débil e virtuoso.

288

Sils Maria, Outono de 1888

Muito ilustre Senhor Professor:

Acompanhando estas linhas, tomo a liberdade de submeter à apreciação de V. Exá um pequeno escrito de Estética, o qual, ainda que ideado como distracção, no meio da seriedade do meu labor, tem nele próprio uma séria importância. Sei que V. Exá não se deixará induzir em erro pelo seu tom ligeiro e irónico. Quiçá, tenho o direito de falar claramente sobre este Caso Wagner, e talvez mesmo o dever. O movimento wagneriano atinge, agora, a sua máxima glória. Três quartas partes dos músicos de todo o mundo estão já, por completo, ou quase por completo, convencidos, e todos os teatros, desde Sampetersburgo a Paris, e de Bolonha a Montevideu, vivem daquela arte. Recentemente, o jovem kaiser classificou esta questão de “Questão Nacional de Primeira Ordem” e colocou-se à cabeça do movimento. São razões que me permitem sair à liça. Reconheço que a minha obra, dado o carácter euro-internacional do problema, devia ter sido escrita em francês e não em alemão. Até certa altura, está escrita em francês, e daí será muito mais fácil traduzi-la para este idioma do que para o alemão.

Não deixei de saber que, não há muito tempo, houve um dia em que a devoção de toda uma cidade foi unânime, no profundo agradecimento ao seu primeiro educador e benfeitor. Permita-me, com toda a modéstia, agregar aos sentimentos desta cidade reconhecida os meus próprios protestos de gratidão.

CXX

A SUA IRMÃ

Minha querida Chama:

Sils, 14 de Setembro de 1888

Escrevo-te no final do meu veraneio na Engadina, que termina de modo diferente daquele que desejava. Tudo, neste ano, sucedeu fora do habitual: não pude planejar nem decidir o que quer que fosse. Isso quebrantou muito a minha saúde, e, quando comecei a melhorar, quis reconquistar o tempo perdido para o meu trabalho. Já logrei conseguir alguma coisa, e posso agora dedicar-me a trabalhos mais filantrópicos e ter até ocasião para escrever cartas. Há muito tempo que o meu coração desejava exprimir-te a sua grande alegria pela vossa definitiva instalação na colónia e pelas festas com que a mesma se realizou. Não menor é a minha tranquilidade por saber que a tua saúde resiste a todos os novos cuidados e deveres que sobre ti caíram. A vida é penosa para nós dois, de forma diferente, ainda que, por outro lado, se compense. Mas nem tu, nem eu, cáimos por terra, nem deixamos cair as coisas que nos pertencem. A verdadeira desdita do mundo é, unicamente, a debilidade. . . De mim, tenho para contar que, além dos consabidos luga-

res, Nice e Sils, achei um terceiro a agregar como entreacto:

290 291

Turim. Em clima e homens é, para mim, o mais simpático sítio encontrado até agora. É uma grande cidade; mas tranquila, nobre, aristocrática, com Universidade e Biblioteca muito boas, e muitas coisas cómodas para mim: excelentes relações teatrais, preços reduzidos na comida, e ar, água e passeios, tudo de acordo com o meu gosto. Nas grandes livrarias, encontram-se livros franceses, alemães e italianos, de maneira que, para estar ao par de toda a nossa literatura científica, tenho ainda mais facilidades do que propriamente em Leipzig. O anel de montanhas que, por três lados, fecha Turim, mantém a mesma atmosfera seca e fina que, por idêntica razão, se respira em Nice e Sils. Como estou em meio do trabalho decisivo da minha vida, a primeira condição indispensável, para mim, é observar uma regra perfeita durante uns anos. Inverno, Nice; Primavera, Turim; Verão, Sils e, nos dois meses de Outono, Turim, novamente. Tal é o meu plano. Correlativamente, o meu regime voltou a normalizar-se, isto é, a ser absolutamente pessoal e conforme as minhas próprias necessidades. A isso corresponde, naturalmente, a emancipação de toda a refeição em sociedade. O resultado do “pouco a pouco”, por mim escolhido como sistema optimo de existência mostra-se numa enorme elevação da capacidade de trabalho. Os três tratados do Verão passado, iss) aos quais haveis concedido a honra da vossa aprovação, foram pensados, escritos e ficaram preparados para envio à impressão, em menos de vinte e cinco dias. Pois foi isto mesmo o que levei eu a cabo, este Verão, nas minhas primeiras melhoras. is9) Em Turim nasceu, com facilidades de brincadeira, um decisivo trecho de psicologia dos músicos, que recebereis ainda este Outono - Da Transmutação de todos os Valores. Está já quase terminado o primeiro livro. Não são más estas notícias, não é verdade, minha querida Chama? O enfadonho está em que tenho de imprimir por minha conta os meus livros, e que passou, para sempre, o tempo em que, entre mim e o presente, não havia outra relação que a guerra feita à arma

292

branca. Com este final um pouco pele-vermelha, termina, saúda-te e abraça-te, minha querida irmã, o teu irmão.

Frederico.

P.S. Lembranças cordiais ao teu Bernardo

CXXI

A PAUL DEUSSEN

Sils Maria, 14 de Setembro de 1888

Meu querido Amigo:

Não quis abandonar Sils sem estreitar, de novo, a tua mão, em lembrança da maior surpresa que tive, entre as muitas que este Verão me trouxe. 16o) Agora, posso falar mais animosamente do que quando tive de responder-te. Com o “melhor” tempo voltou a minha saúde. (O conceito “bom” não é utilizável pelos meteorologistas nem pelos filósofos.) Apesar disso, ainda na semana passada, cometeu o ano um grave excesso, um atroz dilúvio que ocasionou sérias inundações na Baixa e Alta Engadina. Este mês, receberás um pequeno escrito polémico de estética, no qual, pela primeira vez, exponho à luz com toda a liberdade o problema psicológico de Wagner. Constitui uma declaração de guerra sem quartel a todo o movimento wagneriano. Na realidade, sou o único que possui conhecimento da causa, com a profundidade suficiente para não andar inseguro nesta questão. As últimas notícias do meu editor dão-me conta de que um escrito meu, um libelo, se assim se quiser chamar, contra Wagner, desperta no público uma ardente curiosidade. Um só anúncio, inserto na Folha da Livraria, fez

294

chegar ao editor tantos pedidos que, se por acaso a distribuição se não fizesse a passo de caranguejo, podia considerar-se esgotada a edição de mil exemplares. Ao ler o meu livro, fá-lo também sob o ponto de vista do gosto e do estilo. Não há, na Alemanha, um só homem que escreva como eu. Seria tão fácil traduzir o meu livro para francês, como difícil, quase impossível, traduzi-lo para alemão.

Além disso, tem já o editor outro manuscrito meu, que cons-

titui uma muito justa e preciosa expressão da minha heterodoxia filosófica. Intitula-se Ociosidades de Um Psicólogo C161) e é assim como o anterior, uma distracção e um repouso que me permitem tomar, no meio de um trabalho infinitamente penoso e decisivo que, se chegar a ser compreendido, dividirá a história da Humanidade em duas partes. O sentido desta obra pode exprimir-se em poucas palavras: Da Transmutação de todos os Valores. Depois dela, não serão já possíveis muitas coisas que existem ainda. Atrás da fixação dos principais valores, que há-de levar a cabo, a tolerância, por exemplo, ficará reduzida a uma simples cobardia, a uma debilidade de carácter. Ser cristão será, no futuro, indecoroso. Já tenho muita coisa preparada ou a caminho disso. Será o mais radical transtorno que a Humanidade tenha podido imaginar.

Agora, necessito distracções, para terminar tal obra sem fadiga, algo semelhante a uma brincadeira. O primeiro livro C162) vai em meio. Terás já adivinhado que, nos próximos anos, haverá muito que imprimir, e que a magnanimidade monetária bateu à minha porta no momento preciso e decisivo. Quem sabe ao que ela teria correspondido, há um par de anos? Até para fazer o bem é necessário ter sorte!

CXXII

A OVERBECK

Turim, 18 de Outubro de 1888

Meu querido Amigo:

Com a tua carta na mão, dei ontem o meu passeio de todas as tardes pelos arredores de Turim. A pura luz de Outubro banhava as árvores do caminho, ainda quase não tocadas pelo Outono. Sou agora o homem mais agradecido do mundo. Chegou o meu Outono, em todo o bom sentido da frase. Chegou para mim a época da recoleição, da minha grande recoleição. Tudo me é mais fácil, tudo me sai bem, apesar de que dificilmente haverá quem tenha tido entre as suas mãos tão árduas e grandes empresas. Cheio de qualquer coisa de inefável, anuncio-te que o primeiro livro da Transmutação de todos os Valores está já pronto para a impressão. O total compor-se-á de quatro livros, que irão aparecendo isoladamente. Deitei mão agora, como velho artilheiro, ao maior canhão que possuía e temo que os tiros dividam a história da Humanidade em duas partes. Breve terminarei o escrito de que te falava na minha última carta e que foi levado a termo com extraordinária precisão, para roubar o menor espaço possível do meu actualmente inestimável tempo. A tua citação, extraída de Coisas Humanas, Demasiadamente

Humanas, chegou ainda a tempo de ser incluída. Este escrito constitui uma múltipla declaração de guerra, acompanhada de um longínquo soar de trovões nas montanhas, e mostrando, no seu primeiro termo, um júbilo do género da minha alegria condicional. (No meio da enorme tensão destes tempos, foi o duelo com Wagner a maior distracção e o maior repouso que teria podido oferecer a mim próprio. Era, além disso, necessário, agora que vou entrar em franca luta, demonstrar publicamente que tenho a mão forte. . .) Com este escrito, pode o mundo, com assombro, certificar-se do meu grau de heterodoxia, a qual

realmente não deixa pedra sobre pedra. Vou, além disso, francamente contra os alemães. Não terás desta vez que queixar-te de ambiguidades.

Os alemães, essa raça irresponsável, que tem sobre a sua consciência todas as grandes torpezas contra a civilização e que, em todos os momentos decisivos do Mundo, estava a pensar “noutra coisa” (assim, no tempo da Renascença, a Reforma; a filosofia kantiana, quando em França e Inglaterra se tinha alcançado o método científico; a guerra da independência, quando surgiu Napoleão, que até ali tinha sido suficientemente forte para levar a cabo a unidade política e económica da Europa), essa raça tem agora na cabeça “o Império”, recrudescência do atonismo da civilização, num momento em que, pela primeira vez, se discute a grande questão dos valores. Não houve, nunca, na História, um momento mais importante. Mas quem sabe alguma coisa disto? A desproporção que surge aqui à luz é absolutamente necessária. No momento em que uma nunca suspeitada elevação das paixões espirituais toma posse dos mais altos problemas da Humanidade e conjura para o seu destino a chegada da decisão definitiva, a geral mesquinhez e a incompreensão têm de levantar-se contra ela com muito mais força. Não há ainda contra mim nada de “inimizade”. Simplesmente, não me dão ouvidos; e, portanto, não existe nada, nem pró nem contra.

CXXIII

A PETER GAST

Turim, 30 de Outubro de 1888

Meu querido Amigo

Acabo de ver-me ao espelho. Nunca me encontrei com melhor aspecto. Mdis nutrido, dez anos mais jovem do que me deveria ser permitido aparentar, e com a expressão de um maravilhoso bom humor. Além de tudo isto, mudei muito, desde que estou em Turim, a despeito das honras que a mim mesmo concedo. Encontro prazer na obra de um excelente alfaiate, e dou valor ao facto de ser recebido em todas as partes como estrangeiro distinto, coisa que me assombra ter conseguido. Na minha trattoria, servem-me sempre os melhores bocados e indicam-me sempre aquele em que melhor acertou o cozinheiro. Até agora, não tenho sabido o que seja comer com apetite, nem o que me é necessário para manter as forças. Reprovo duramente as minhas internadas em Nice, regime insuficiente e nada proveitoso. O mesmo penso, e ainda talvez pior (que se lhe há-de fazer, meu querido amigo!), das minhas temporadas na sua Veneza. Aqui, como com a melhor disposição espiritual e intestinal, quatro vezes mais do que no Panada. C163) Também debaixo de outros aspectos, me aparecem agora as minhas estadadas em Nice como verdadeiras loucuras. Até no que respeita à paisagem. Turim é-me muito mais simpático que o cálido e estúpido troço da Riviera, tão pobre em arvoredo e que tanto me desgosta não ter abandonado há mais tempo. Isto, sem falar dos homens que ali encontrei, todos (sem excluir os estrangeiros) tão desprezíveis e venais. Aqui, nasce um dia atrás de outro com a mesma inextinguível plenitude de sol, este, banhando as grandes árvores na sua ardente luz amarela, forma, com o terno azul do céu, do rio e do ar, da máxima pureza, um Claude Lorrain como nunca sonhei contemplar. Além disso, frutas, uvas de morena doçura e mais baratas do que em Veneza! Tudo

aqui detém uma pessoa. O café é excelente, e por 20 cêntimos obtém-se uma cafeteira em qualquer café dos melhores. Não há o costume de dar gorjetas. O meu quano, situado no melhor sítio do centro, com o sol desde manhã até à tarde e com vistas para o Palácio Carignano, a Praça Carlos Albeno e, ao longe, as verdes montanhas, custa-me, incluindo tudo, até limpeza do calçado, 25 francos semanais. Na trattoria, pago 1 franco e 15 por cada refeição, coisa que se torna excepcional, e 10 cêntimos mais, como gorjeta. Por tal preço, obtive uma ração de minestra, seca ou caldosa, um excelente pedaço de carne tenra, e especialmente cordeiro assado como nunca comi melhor, uma verdura, espinafres, etc., e três pãezinhos, coisa que é aqui muito saborosa. (A gente de Turim tem um pão favorito em forma de tubo muito delgado.) Encomendei a Dresde um calorífero que, alimentado a carvão e natro, não produz fumo, e não necessita ponanto de chaminé, e dei ordem para que me tragam os livros que deixei em Nice. As noites, como em geral todo o tempo, são maravilhosamente tépidas. O frio de que lhe falei tinha apenas causas internas e desapareceu imediatamente.

Com a sua carta, deu-me uma grande alegria. Nunca percebi com maior clareza a grande influência das minhas ideias. A novidade, o valor de inovar, é nelas realmente enorme. No que respeita às consequências que possam trazer, dir-lhe-ei que ob-

298 299

servo as minhas mãos com certa desconfiança, pois parece-me ter entre elas o destino da Humanidade. Parece-lhe bem o ter terminado o meu livro com a moral dionisíaca? C164 parece-me que tal sucessão de conceitos não podia faltar neste Vademe-cum da minha filosofia. Posso desafiar, com o meu par de frases sobre os gregos, tudo o que deles se disse até agora. E, como final, a palavra marteladora de Zaratustra, que é possível que, depois deste livro, se oiça para sempre. Eu mesmo não a oiço nunca, sem sentir um gelado arrepio em todo o corpo.

O tempo é tão magnífico que não constitui grande habilidade produzir coisas boas. No dia dos meus anos, comecei a escrever uma coisa que está já bastante adiantada. Intitula-se: *Ecce Homo* - Como chegi ei a ser o que sou. Falo nele com grande ousadia de mim próprio e das minhas obras, e a minha intenção não é só a de apresentar-me ante o terrível e solitário problema da transmutação de valores, mas direi também até onde chega o conceito alemão da liberdade da imprensa e o que ante ele se pode arnscar. O meu receio é que seja apreendido, na própria tipografia, com toda a legalidade, a edição inteira do primeiro livro da "transmutação". Com o *Ecce Homo*, quisera eu elevar a questão a um tal grau de interesse e seriedade que os correntes e no fundo razoáveis conceitos sobre o permitido admitissem aqui uma excepção. Nele falo de mim próprio com toda a astúcia e severidade psicológicas possíveis. Não quisera apresentar-me ante os homens como profeta ou monstro moral. Também neste sentido, pode o meu livro fazer muito bem, evitando, talvez, que me confundam com o que me é exactamente oposto.

Espero com grande curiosidade o seu artigo sobre O Caso Wagner. Sabe que escrevi uma carta muito grosseira a Averarius, pela maneira como a sua revista tratou Heine? Cartas grosseiras - sinal de alegria em mim!. . .

Ti rim - Vila Carlos Alberto,
20 de Novembro de 1888

Meu muito ilustre Senhor:

Perdão por vir responder a V. Exá tão rapidamente. Há agora, na minha vida, coisas extraordinárias e sem igual. Anteontem, uma; hoje, outra. Se V. Exá soubesse o que eu acabava de escrever quando recebi a sua carta!

Descrevi-me a mim próprio, com um cinismo que se tornará histórico. O livro, que se intitula Ecce Homo, constitui um atentado, sem consideração alguma, contra o Crucificado, e termina com uma espantosa tormenta de trovões e raios contra tudo o que é cristão, ou infectado de cristianismo. Sou o maior psicólogo do cristianismo! E, na minha qualidade de antigo artilheiro, posso dispor de peças de um calibre insuspeitado até agora por todos os inimigos de tal doutrina. Ecce Homo constitui o prólogo Da Transmutação de todos os Valores, a obra que jaz terminada na minha frente. Juro a V. Exá que, dentro de dois anos, teremos toda a terra em convulsões. Sou uma fatalidade !

Adivinha V. Ex uem pior se salvará no meu livro? Os se-

301

nhores alemães! Disse-lhes coisas espantosas!. . . Eles têm, por exemplo, sobre a sua consciência, o crime de afogar o sentido real da última grande época da História - a Renascença - num momento em que os valores cristãos, os valores da decadência, sucumbiam e estavam vencidos, mesmo nos instintos do alto clero, pelos instintos contrários, os instintos vitais. Atacar a Igreja supunha então restabelecer o cristianismo. (César Bórgia na cadeira papal é o sentido do Renascimento, o seu verdadeiro símbolo.)

Não deverá V. Exe aborrecer-se por aparecer num passo decisivo do meu livro - escrevia então a V. Exá. Num momento em que estigmatizo a conduta dos meus amigos alemães para comigo, ao deixarem-me solitário na estacada, tanto em questões de Filosofia como de honra - apareceu V. Exá, envolto numa nuvem de glória. . .

Creio, sem reservas, nas suas palavras sobre Dostoievski. Eu, pela minha parte, estimo-o com o mais valioso material psicológico que conheço, e estou-lhe agradecido por uma curiosa razão: porque contrariou sempre os meus instintos mais baixos. É como a minha relação com Pascal, a quem quase amo. Considero-o o único cristão lógico.

CXXV

A SUA MÃE

Turim - Vila Carlos Alberto, 6, 36
21 de Dezembro de 1888

Minha boa Mãe:

Se nem tudo me ilude, dentro de uns dias celebrar-se-á a Noite de Natal. Talvez a minha carta ainda chegue a tempo, e talvez Herr K • rbitz tenha entendido a indicação que lhe dei de imaginar algo que te proporcione um prazer e te faça pensar com gosto neste teu velho garoto, o qual te pede, além disso, perdões por ser tão pouco o que pode oferecer-te. Também

aqui temos algo de invernal, mas não tanto que seja preciso acender o lume. Depois de alguns dias de névoa, o Sol e o claro céu surgem novamente dominadores. Houve uma morte muito sentida: a do nosso príncipe, primo do rei, pessoa a quem a Itália e a sua Marinha devem muito. Era almirante da frota.

Alegra-me em extremo não voltar a Nice. Dali, foram-me remetidos três caixotes de livros. A única sociedade benéfica e amável com quem ali privei também não irá, este ano, a Nice. Os K chlin, por exemplo, pessoas finas e acostumadas a frequentar os melhores círculos, permanecem em Nervi (Génova),

302 303

pois a idosa K chlin piorou. Madame Ceclia escreveu-me, dizendo que a febre se tornou contínua. Tenho, em troca, muito boas e alegres notícias de Génova, onde estão Madame Fyun e a sua amiga russa.

Mas o melhor de tudo é o que me dizem do meu amigo Gast, cuja existência mudou de um modo assombroso. Admirar-te-ás ao saber que Joackim e Ahna, os primeiros e mais refinados artistas alemães, se interessam agora profundamente pela sua obra, e que, além disso, conseguiu ser admitido nos mais ricos e distintos círculos berlinenses. É possível que a sua obra consiga ser representada pela primeira vez em Berlim. O conde Hochberg acha-se no círculo de pessoas das actuais relações de Gast.

A tua velha criança é agora um animal enormemente célebre, ainda que, claro está, não na Alemanha, cujos habitantes são demasiadamente estúpidos e vulgares para a altura do meu espirito. Conseguiram, no meu caso, como em todos, cair novamente no ridículo. Mas em Sampetersburgo, Paris, Estocolmo, Viena e Nova Iorque, conto os admiradores mais inteligentes, de situação elevada e rica influência. Se soubesses com que palavras me demonstraram a sua devoção as mais altas personagens e as mais encantadoras mulheres, entre elas a princesa Tenicheff! Posso verdadeiros génios entre os meus admiradores. Não há actualmente nome que se pronuncie com maïs admiração e veneração que o meu! Tal é a habilidade mais preciosa: sem nome, sem posição e sem fortuna, chegar a ser tratado, e assim o sou aqui, como um pequeno príncipe. Até a minha fornecedora de frutas se preocupa em escolher para mim as mais doces das suas uvas.

Por sorte minha, encontro-me com forças suficientes para levar a cabo tudo o que de mim exige o meu trabalho. As mais árduas tarefas, aquelas para as quais não houve nunca homens bastante fortes, saem-me mais fáceis.

Adeus, minha boa mãe. Recebe, no final do ano, os meus

mais cordiais votos, e deseja-me tu um ano que corresponda em tudo às grandes coisas que hão-de suceder.

TUA VELHA CRIANÇA

ÍNDICE

Pags.

A sua mãe e sua irmã	
A sua mãe e sua irmã	10
Ao barão de Gersdorff	13
A sua irmã	
Ao barão de Gersdorff	20
A sua mãe e sua irmã	24
Ao barão de Gersdorff	
Ao barão de Gersdorff	30
A Frederico Ritschl	34
A Erwin Rohde	35
A Erwin Rohde	40
A Sofia Ritschl	45
A Paul Deussen	
A Erwin Rohde	51
A Erwin Rohde	
A Erwin Rohde	60
A Erwin Rohde	62
Ao barão de Gersdorff	65
A sua mãe	
A Frederico Ritschl	69
Ao barão de Gersdorff	
Ao barão de Gersdorff	
Ao barão de Gersdorff	
A Paul Deussen	
Ao barão de Gersdorff	
Ao barão de Gersdorff	
321	

A Erwin Rohde 88 A Peter Gast 176
A sua mãe e sua irmã 91 A Malwida von Meysenbug 179
A Erwin Rohde 93 A Peter Gast 181
Ao barão de Gersdorff 95 A Peter Gast 184
Ao barão de Gersdorff 97 A Gustavo Krug 187
A Erwin Rohde 100 A Peter Gast 189
A Erwin Rohde 103 A Erwin Rohde 190
A Fr derico Ritschl 105 A Overbeck 192
Ao barão de Gersdorff 107 A sua mãe 193
A Erwin Rohde 109 A Overbeck 196
Ao barão de Gersdorff 112 A Peter Gast 198
A Erwin Rohde 114 A Peter Gast 200
A Erwin Rohde 116 A sua irmã 201
A Malwida von Meysenbug 120 A sua irmã 203
A Hugo von Seger 123 A Gustavo Krug 204
A Malwida von Meysenbug 125 A Erwin Rohde 206
A Malwida von Meysenbug 129 A Peter Gast 208
A sua mãe 131 A Henrique von Stein 210
Ao barão de Gersdorff 133 A Hans von B • low 212
Ao Dr.Carlos Fuchs 135 A Peter Gast 214
A Erwin Rohde 138 A Peter Gast 216
A Malwida von Meysenbug 140 A Peter Gast 218
Ao barão de Gersdorff 142 A Carlos Killebrand 220
A Maria Baumgartner 145 A Maria Baumgartner 222
A Malwida von Meysenbug 147 Ao barão de Gersdorff 224
Ao barão de Gersdorff 149 A Gottfried Keller 226
Ao Dr.Henrique Romundt 152 A Peter Gast 227
Ao Barão de Gersdorff 154 A Peter Gast 229
A Erwin Rohde 157 A sua mãe e irmã 231
A Maria Baumgarmer 160 A Overbeck 232
Ao barão de Seydlitz 162 A Malwida von Meysenbug 234
Ao barão de Seydlitz 164 A Erwin Rohde 236
A Peter Gast 165 A sua irmã 238
A Erwin Rohde 167 A Overbeck 240
Ao Dr.Carlos Fuchs 169 A sua irmã 243
Ao barão de Seydlitz 171 A Overbeck 246
A Peter Gast 173 A Jacobo Burckhardt 248
322 323

Ao barão de Seydlitz 250
A Peter Gast 252
A sua irmã 254
A Malwida von Meysenbug 256
A sua irmã 259
A Hipólito Taine 261
A sua mãe 263
A sua mãe 265
A Jacobo Burckhardt 267
A Peter Gast 269
Ao Dr. Carlos Fuchs 271
Ao barão de Gersdorff 273
A Paul Deussen 275
Ao barão de Seydlitz 277
A Jorge Brandés 279
A Peter Gast 281
Ao prof. Carlos Knotz 283
A Malwida von Meysenbug 286
A Jacobo Burckhardt 289
A sua irmã 291
A Paul Deussen 294
A Overbeck 296
A Peter Gast 298
A Jorge Brandés 301
A sua mãe 303

Fim